

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOSÉ CARLOS FERREIRA DA SILVA

PASTOREIO NAS IGREJAS CRISTÃS: O SOFRIMENTO PSÍQUICO DECORRENTE DO  
EXERCÍCIO PASTORAL À LUZ DA PSICODINÂMICA

Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2021.

VITÓRIA-ES

2020

JOSÉ CARLOS FERREIRA DA SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2021.

PASTOREIO NAS IGREJAS CRISTÃS: O SOFRIMENTO PSÍQUICO DECORRENTE DO  
EXERCÍCIO PASTORAL À LUZ DA PSICODINÂMICA

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos

VITÓRIA-ES

2020

Silva, José Carlos Ferreira de  
Pastoreio nas igrejas cristãs / O sofrimento psíquico decorrente do exercício  
pastoral à luz da psicodinâmica / José Carlos Ferreira da Silva. -- Vitória: UNIDA /  
Faculdade Unida de Vitória, 2020.

ix, 103 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

Referências bibliográficas: f. 72-77

1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Religião e saúde.
  4. Sofrimento Psíquico. 5. Ministros religiosos. 6. Igrejas Cristãs. 7. Psicodinâmica.
- Tese. I. José Carlos Ferreira da Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2020.  
III. Título.

JOSÉ CARLOS FERREIRA DA SILVA

PASTOREIO NAS IGREJAS CRISTÃS: O SOFRIMENTO PSÍQUICO  
DECORRENTE DO EXERCÍCIO PASTORAL À LUZ DA PSICODINÂMICA

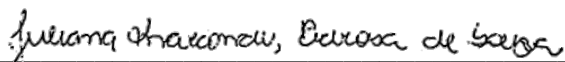
Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA (presidente)



Doutor Graham Gerald McGeoch – UNIDA



Doutora Juliana Marcondes Pedrosa de Souza – Izabela Hendrix



À minha saudosa mãe, Manoelina Ferreira da Silva  
(*In memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

A minha eterna gratidão a Deus, que pela sua providência divina em me tornar o que realmente sou e ainda devo ser, pois minha confiança se solidifica todos os dias, com os ensinamentos de que “sem mim, nada podeis fazer”.

À Dom Dario Campos, gratidão pelo incentivo a buscar o caminho do curso de mestrado e pela acolhida fraterna na casa episcopal.

Ao meu orientador, professor Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos pela paciência, dedicação com que me auxiliou nesta pesquisa, contribuição valiosa para o amadurecimento, tanto pessoal quanto acadêmico.

Aos demais professores pelos ensinamentos, extrema dedicação à pesquisa sobre a religião.

À secretária do programa, Luana Cordeiro Ribeiro, pelo apoio, atenção e dedicação. Aos companheiros de turma, principalmente ao Fernando Lúcio Scalzer, pelo respeito, amizade e troca de conhecimentos, por onde quer que eu percorra, levarei saudades, além do grande tesouro, que é o aprendizado que adquiri através deste convívio.

Aos amigos, Miguel Aparecido Teodoro e Elcinéia Lannes Teodoro pelos momentos de discussão filosófica e contribuições diretas a esta pesquisa.

Aos que de forma acolhedora e paciente, nutriram-me com apoio, incentivo e afeto, em tantos momentos, mesmo nos momentos do mau humor em virtude da execução desta tarefa: Agnaldo do Rigo, Eliana Valani Rigo, Kaylane Valani Rigo, Thalita Valani Rigo, Maria Emília Valani Rigo.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que mais esta etapa se concretizasse, principalmente, aos colegas de pastoreio e aos meus paroquianos, meus mais sinceros agradecimentos e gratidão.



*A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais.*

Papa Francisco

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa se norteia pela busca da existência de sofrimento psíquico comum entre os ministros religiosos cristãos, atuantes no trabalho pastoral nas igrejas cristãs e as possíveis relações entre o sofrimento psíquico e a própria organização eclesial, à luz da sua psicodinâmica. Para esse intento, utilizou-se a pesquisa bibliográfica realizada com bases em artigos científicos, obras e revistas que abordam o assunto, tendo como indicadores três eixos: a existência ou não de sofrimento psíquico comum entre os ministros religiosos atuantes no exercício do pastoreio nas igrejas cristãs, as possíveis relações entre o sofrimento psíquico com a organização do trabalho pastoral e eclesial, a diferença entre o sofrimento e o sofrimento psíquico, bem como identificar o sofrimento psíquico entre os ministros religiosos no trabalho do cuidado pastoral e, por fim, o terceiro eixo, considerando a influência dos líderes religiosos cristãos no atual campo religioso, a exposição às cargas psíquicas exigidas pelo exercício do trabalho de pastoreio e a organização eclesial, onde se buscou descrever os tipos de sofrimentos psíquicos, tanto quanto as suas possíveis causas e consequências para a vida do ministro religioso cristão, como também, os desafios e os possíveis caminhos para superação do sofrimento psíquico comuns, aos que exercem o ministério do cuidado pastoral nas igrejas cristãs.

Palavras-Chave: Sofrimento Psíquico. Ministros religiosos. Igrejas Cristãs. Psicodinâmica.





## ABSTRACT

*This research work is guided by the search for the existence of common mental suffering among Christian religious ministers, active in pastoral work in Christian churches and the possible relationships between psychic suffering and the ecclesial organization itself, in the light of its psychodynamics. For this purpose, a bibliographic research was used based on scientific articles, works and magazines that address the subject, with three axes as indicators: the existence or not of common mental suffering among religious ministers working in the exercise of pastoring in churches Christians, the possible relationships between psychological suffering with the organization of pastoral and ecclesial work, the difference between suffering and psychological suffering, as well as identifying psychological suffering among religious ministers in the work of pastoral care and, finally, the third axis, considering the influence of Christian religious leaders in the current religious field, the exposure to the psychic burdens required by the exercise of pastoral work and the ecclesial organization, which sought to describe the types of psychic suffering, as well as its possible causes and consequences for the life of the Christian religious minister, as well as the challenges and possible paths for r overcoming the common mental suffering of those who exercise the ministry of pastoral care in Christian churches.*

**Keywords:** *Psychic Suffering. Religious Ministers. Christian Churches. Psychodynamics.*



## LISTA DE SIGLAS

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CID - Classificação Internacional de Doenças

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNP - Conferência Nacional dos Presbíteros

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial de Saúde

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE OS MINISTROS RELIGIOSOS NO TRABALHO PASTORAL NAS IGREJAS CRISTÃS .....	14
1.1 Da Instituição da Religião ao Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs .....	14
1.1.1 O Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs .....	17
1.1.2 Conceitos de Igrejas Cristãs e de Ministros Cristãos .....	18
1.2 Do Sofrimento ao Sofrimento Psíquico.....	20
1.2.1 O trabalho e Sofrimento Psíquico.....	23
1.2.2 O sofrimento Psíquico entre os Ministros Eclesiásticos no Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs.....	27
1.3 Os Tipos de Sofrimentos Psíquicos e a Relação com o Trabalho Pastoral entre os ministros Religiosos Cristãos .....	31
1.3.1 Considerações acerca das Possíveis Causas do Sofrimento Psíquico entre os Ministros Cristãos no Trabalho do Exercício do Pastoreio .....	34
1.3.2 As Consequências Atribuídas ao Sofrimento Psíquico, Segundo a Revisão Literária....	41
2 O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO TRABALHO NO EXERCÍCIO DO PASTOREIO DAS IGREJAS CRISTÃS À LUZ DA PSICODINÂMICA .....	43
2.1 A Investigação e Compreensão das Relações entre Trabalho e Sofrimento Psíquico e sua Transversalidade.....	44
2.1.1 A Psicodinâmica do Trabalho e sua Trajetória de Contribuição na Compreensão do Adoecimento Causado pelo Exercício Laboral .....	46
2.1.2 Prazer e Sofrimento no Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs à Luz da Psicodinâmica do Trabalho .....	48
2.2 Práxis, Organização Eclesial e os Fatores de Prazer e Sofrimento Sentido pelos Ministros Religiosos no Exercício do Pastoreio de Acordo a Psicodinâmica de Dejours.....	52
2.2.1 O Prazer e o Sofrimento Psíquico no Trabalho do Pastoreio, a partir da Abordagem da Psicodinâmica.....	55
2.2.2 Fatores de Risco ao Sofrimento Psíquico no Trabalho do Exercício do Pastoreio .....	57
2.3 O Papel das Organizações Religiosas Cristãs no Sofrimento Psíquico dos Ministros no Trabalho do Exercício do Pastoreio.....	58
2.3.1 As Patologias Crônicas e os Sofrimentos Psíquicos Relacionados ao Trabalho do Exercício do Pastoreio e a sua Relação com a Organização Eclesial.....	61

2.3.2 Os Ministros Religiosos Cristãos no Exercício do Trabalho do Pastoreio, entre a Realização Pessoal, as Patologias e as Estratégias de Defesa .....	64
3 O TRABALHO PASTORAL: CAMINHOS POSSÍVEIS ENTE O PRAZER E O SOFRIMENTO PSÍQUICO .....	71
3.1 A Vivência de Prazer e Sofrimento Psíquico no Desempenho do Trabalho Pastoral .....	71
3.1.1 Os Transtornos Emocionais e Mentais Comuns entre Padres e Pastores no Trabalho Pastoral e a sua Conexão com a Organização Eclesial.....	72
3.2 Os Desafios do Trabalho do Exercício do Pastoreio nas Igrejas Cristãs.....	76
3.2.1 Pressão pela Eficácia por parte da Organização Eclesial e dos Próprios Ministros Religiosos Cristãos .....	77
3.2.2 Superação da Vivência do Ministério Ideal e Abertura ao Autocuidado .....	78
3.3 Possíveis Caminhos para Superação do Sofrimento Psíquico Comuns aos que Exercem o Ministério Pastoral nas Igrejas Cristãs .....	79
3.3.1 Superação do Ativismo.....	80
3.3.2 Administração do Tempo .....	81
3.3.3 Relação com os seus Pares, Féis e Superiores Hierárquicos .....	82
3.3.4 Apoio Psicoterapêutico.....	83
3.3.5 A Descoberta do Autocuidado e da Integração Pessoal .....	85
3.3.6 Participação nos Pequenos Grupos de Espiritualidade, Partilha e Interesse .....	87
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS .....	92

## INTRODUÇÃO

O interesse em estudar este tema teve como ponto de partida a soma de alguns fatores, como a minha experiência de duas décadas, como padre católico atuante no trabalho pastoral em várias paróquias da minha diocese, no sul do Estado do Espírito Santo; a minha formação acadêmica e atuação clínica na área da psicologia; a assessoria de encontros formativos, pautados na temática da saúde mental dos clérigos, em muitas dioceses pelo Brasil; a minha prática clínica juntos aos ministros religiosos, inclusive alguns pastores protestantes, que vêm em busca de conforto, devido ao impacto em que são submetidos no trabalho do pastoreio junto às comunidades, no relacionamento organizacional com seus pares, subordinados e superiores. Além desses, cito ainda a minha experiência vivenciada durante o programa de mestrado em Ciências das Religiões, que me ofereceu elementos para uma melhor compreensão da função social dos líderes religiosos, da responsabilidade que o trabalho pastoral lhes impõe aos ombros e os elementos que contribuem com as condições de sofrimentos, os quais são submetidos no exercício do ministério.

Como base nessas experiências, esta pesquisa objetiva e se norteia pela busca da existência de sofrimento psíquico comum entre os ministros religiosos atuantes no trabalho nas igrejas cristãs e as possíveis relações entre o sofrimento e a própria organização do trabalho, à luz da sua psicodinâmica. Para esse intento, utilizamos o método de embasamento literário científico, proporcionando maiores dados sobre essa problemática, com vistas de dar-lhe maior clareza e objetividade. Assim, a pesquisa bibliográfica foi realizada com bases em artigos científicos, obras e revistas que abordam o tema, tendo como indicadores três eixos: a existência ou não de sofrimento psíquico comum entre os ministros religiosos, atuantes no exercício do pastoreio nas igrejas cristãs e as possíveis relações entre o sofrimento e a própria organização do trabalho; a diferença entre sofrimento e sofrimento psíquico, buscando-se compreender a ligação entre sofrimento e trabalho, bem como identificar os sofrimentos psíquicos possíveis entre os ministros no trabalho do cuidado pastoral; e por fim, o terceiro eixo, que tem como objetivo descrever os tipos de sofrimentos psíquicos, tanto quanto as suas possíveis causas e consequências para a vida do ministro religioso cristão.

Indubitavelmente, o tema é relevante para o dia a dia das organizações eclesiais e para os próprios ministros cristãos, uma vez que esta pesquisa contribuirá para ampliar o conhecimento do clima organizacional eclesial, possibilitando identificar políticas e práticas favoráveis e aplicáveis para o alcance dos resultados esperados, que é a preservação da saúde do ministro cristão trabalhador. Como suporte teórico, utilizou-se a perspectiva teórica

retratada pela Psicodinâmica do Trabalho, que em seus pressupostos considera o trabalho fonte de prazer e sofrimento. Na compreensão de Mendes o objeto central desta abordagem é o sofrimento, originado do conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do sujeito, “uma luta contra as forças que o empurram para a doença mental”<sup>1</sup>. Segundo o entendimento de Lavanchicha<sup>2</sup> tal abordagem pode ser utilizada em várias áreas do conhecimento e categorias profissionais, a fim de investigar a relação saúde-trabalho.

Conforme Costa e Medeiros<sup>3</sup>, o sofrimento psíquico associado ao universo do trabalho, configura-se como um problema relevante e que merece atenção. Atualmente, na compreensão de Silva<sup>4</sup>, o pluralismo do universo religioso se assemelha ao mundo mercadológico secular nas exigências sempre crescentes, promovendo alterações nas relações sociais e na saúde física e psíquica dos ministros religiosos, que se dedicam ao trabalho pastoral. Para esse autor, as atividades pastorais exercidas pelos ministros nas Igrejas Cristãs são compostas por muitas lutas, inúmeros desafios e dificuldades contíguas. Em seu estudo sobre o tema, Silva concluiu que alguns sofrimentos psíquicos passaram a ser comum à cultura pastoral e, por isso, os ministros religiosos cristãos defrontam com um risco mais alto de vivenciar esses sofrimentos, devido à natureza do exercício do pastoreio nas Igrejas Cristãs.

Considerando a influência dos líderes religiosos cristãos no atual campo religioso, a exposição às cargas psíquicas exigidas pelo exercício do trabalho de pastoreio e a organização eclesial, entendemos que este trabalho de pesquisa muito contribuirá como parte da reflexão dessa importante atividade, parte importante da cultura brasileira e requer-se, uma pessoa mental, emocional e espiritualmente sadia.

---

<sup>1</sup> MENDES, Ana Magnolia. Cultura organizacional e prazer-sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica. In: TAMAYO, Alvaro *et al.* *Cultura e saúde nas organizações*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 67.

<sup>2</sup> LAVANCHICHA, Glayce Rejane Felipe da Silva. A clínica psicodinâmica do trabalho: teoria e método. *Khóra, Revista Transdisciplinar*, v. 2, n. 2, maio 2015. p. 14.

<sup>3</sup> COSTA, Júlia Gomes Fernandes Soraya; MEDEIROS, Maria Medeiros. Sofrimento psíquico e trabalho: uma revisão integrativa de literatura. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, Vitória, v. 15, n. 2, p. 116-121, abr.-jun. 2001. p. 116

<sup>4</sup> SILVA, J. O burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção. *Kerygma*, v. 5, n. 1, p. 105-106, mar. 2009.

## 1 O SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE OS MINISTROS RELIGIOSOS NO TRABALHO PASTORAL NAS IGREJAS CRISTÃS

As perguntas que norteiam esta pesquisa dirigem-se à existência de sofrimento psíquico comum entre os ministros religiosos atuantes no trabalho pastoral nas Igrejas Cristãs e às possíveis relações entre o sofrimento psíquico e a organização do trabalho à luz da sua psicodinâmica.

O primeiro capítulo trata de investigar, identificar, tipificar e apontar possíveis causas e consequências dos sofrimentos psíquicos comuns aos ministros cristãos, no exercício do pastoreio. Visando à maior clareza, esse capítulo será dividido em três partes, sendo que na primeira parte, expõem-se algumas considerações a respeito da expansão histórica, territorial e organizacional do cristianismo, além do conceito de igreja cristã e de ministros cristãos. No segundo tópico, com base na revisão de literatura, almeja-se diferenciar o sofrimento em geral do sofrimento psíquico, buscando-se compreender a ligação entre sofrimento e trabalho, bem como identificar os sofrimentos psíquicos entre os ministros no trabalho do exercício do pastoreio. A terceira parte tem como objetivo descrever os tipos de sofrimentos, tanto quanto suas possíveis causas e consequências para a vida do ministro religioso cristão.

### 1.1 Da Instituição da Religião ao Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs

A religião insere-se no contexto humano ao longo do desenvolvimento das culturas em todas as épocas da história, perpassando a vida dos povos como força e fenômeno que opera no estado de espírito e de saúde<sup>5</sup>. Para Sampaio não se tem conhecimento de nenhuma cultura humana, mesmo isolada geograficamente, completamente destituída de religião. Na compreensão do autor, além da presença geográfica, a religião se aprofunda nos indivíduos ao ponto de que a orientação religiosa de qualquer pessoa influencia a visão de si mesma, do mundo, sua maneira de interagir com os outros e seus valores morais<sup>6</sup>.

Na visão de Bourdieu a religião é um campo independente que coexiste concomitantemente com vários subcampos. Nesses universos estão de um lado os ministros religiosos e do outro, os leigos que se relacionam por meio de discursos e intradiscursos.

<sup>5</sup> ANDRADE, O. M.; CEDARO, J. J.; BATISTA, E. C. A família e o cuidado em saúde mental no contexto da religião pentecostal na Região Amazônica. *Barbarói*, [s.l.], v. 2, n. 52, p. 1-21, 2018. p. 1.

<sup>6</sup> SAMPAIO, P. H. F. *O comportamento religioso: análise da religião e da religiosidade sob uma perspectiva behaviorista radical*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. p. 9.



Assim, a religião funciona como um mercado de bens simbólicos, onde os ministros religiosos cuidam da produção e os fiéis consomem<sup>7</sup>.

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas - e sua visão de mundo - o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra apresentar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.<sup>8</sup>

Na descrição de Hadjadj, o surgimento do cristianismo como religião e a sua configuração como maior religião do planeta e a mais influente no mundo ocidental, dado que seus adeptos representam 30% da população terrestre, deve em grande parte, ao trabalho do cuidado pastoral por parte dos ministros religiosos<sup>9</sup>. De acordo com Foucault a raiz do trabalho pastoral e da função dos ministros religiosos cristãos tem origem na busca pela salvação da imperfeição humana.

Foucault entende que o cristianismo nasce do entendimento de que todos os seres humanos são imperfeitos, devem ser salvos e se constitui como a religião que anseia pela salvação da humanidade. Fundamento na visão da imperfeição humana, nomeada de pecado original, baseia-se a necessidade da existência dos ministros religiosos em vista do trabalho do pastoral, como maneira prática de contribuir na salvação da humanidade imperfeita.<sup>10</sup>

Para Foucault, ao objetivar resgatar a humanidade da imperfeição, além de se encontrar os princípios basilares da originalidade do cristianismo, encontra-se também a necessidade da Igreja como instituição, forma nunca antes encontrada em nenhum momento da história humana<sup>11</sup>. Na leitura de Foucault nasce a Igreja e se institucionaliza nas comunidades como uma das formas de o cristianismo dirigir e comandar os seres humanos em sua vida cotidiana, na busca pela perfeição perdida. Assim, na visão do autor, a necessidade da presença dos ministros religiosos, através do trabalho pastoral, cumpre a função de oferecer uma forma de conduta humana que facilita o caminho à salvação<sup>12</sup>.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 25

<sup>8</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 103-104.

<sup>9</sup> HADJADJO, Fabrice. *O Paraíso à Porta - Ensaio sobre uma alegria que desconcerta*. Editora É Realizações, São Paulo, 2015. p. 64-70.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 59

<sup>11</sup> FOUCAULT, 2008, p. 196- 197.

<sup>12</sup> FOUCAULT, 2008, p. 196.



Nesse sentido, Candiottto defende a concepção de trabalho pastoral cristão como uma maneira original de condução da humanidade, com técnicas singulares não vistas antes em todas as maneiras de poder pastoral. Por isso, pode ser visto e conceituado como técnicas singulares por excelência, como o saber dos saberes<sup>13</sup>.

Na elucidação de Foucault, o trabalho relacionado à condição de pastores e ovelhas não é originalmente do cristianismo. A origem do poder pastoral está presente tanto na cultura hebraica, quanto no contexto grego. No entanto, para o autor o tema do poder pastoral desenvolve-se de forma intensa na cultura hebraica, onde reside uma particularidade na relação pastor-rebanho. Assim, na concepção de Foucault este ideal de onipresença contida no universo mental dos ministros religiosos cristão, origina-se na concepção hebraica do poder pastoral e sua influência se mantém nas instituições religiosas e até mesmo no poder político.

Para ele, o poder pastoral baseado no pensamento hebraico é, essencialmente, determinado pela ideia de benfazejo e a razão de sua existência e de sua sustentabilidade está no compromisso de fazer o bem. Por isso, a garantia e manutenção do poder pastoral estão sustentadas no seu objetivo primeiro - a salvação do rebanho. Dessa forma, antes de qualquer outra instância, o poder pastoral se apoia, sobretudo, nos meios de subsistência que vêm da salvação oferecida<sup>14</sup>.

Nesta mesma linha, Gesueli descreve que o trabalho pastoral do ministro religioso é sustentado e definido pela disposição de bem alimentar as ovelhas. Assim, o trabalho pastoral consiste no cuidado permanente do seu rebanho, enquanto o ministro religioso se define como aquele que se torna capaz de se fazer um intermediário entre as ovelhas e os férteis campos repletos de verdes ervas e que sua função consiste no zelo permanente de suas ovelhas. A partir desta ótica, o trabalho pastoral pode ser definido pela busca constante e permanente da garantia de que suas ovelhas não passarão pelo sofrimento, cabendo como parte e responsabilidade do pastor, não permitir que uma ovelha sequer se desgarre do rebanho<sup>15</sup>.

Em concordância, Foucault salienta que a preocupação vital do pastor é o bem-estar do seu rebanho e, por isso, todo seu fazer e viver consiste em função do bem maior do rebanho. O bom pastor é aquele que vive sob um estado de permanente vigilância e toda a sua força cognitiva é dirigida para o seu rebanho e em nada mais além dele, uma vez que enquanto o rebanho dorme, o pastor vela com atenção redobrada sem perder de vista nenhuma das

<sup>13</sup> CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de consciência em Foucault. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 10, 2008. p. 96-101.

<sup>14</sup> FOUCAULT, 2008, p. 169.

<sup>15</sup> GESUELI, Fábio Gonzaga. *Um cristianismo por Michel Foucault: pastorado cristão e vida monástica a partir de uma leitura das práticas de governo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020. p. 58.

ovelhas a ele confiada. Para exemplificar o seu pensamento, cita-se a imagem de Moisés conduzindo o povo de Israel pelo deserto<sup>16</sup>.

Moisés disponha de um enorme conhecimento acerca de seu rebanho, o que possibilitou que cuidasse de forma coletiva e ao mesmo tempo de cada uma individualmente. Desse modo, para o autor o bom Pastor é aquele que conduz tão bem o seu rebanho, que não permite que nenhuma de suas ovelhas escape de seu cuidado, enquanto o Pastor digno é aquele que faz tudo pela totalidade do rebanho, como também fará tudo para cada uma das ovelhas. Para Foucault, tal ponto produz notável paradoxo no trabalho pastoral e na vida do pastor, haja vista que de um lado aceita sacrificar a si mesmo pela totalidade do rebanho e do outro lado, aceita o sacrificar de todo o rebanho apenas por uma ovelha. O paradoxo moral e religioso apontado por Foucault se torna centro do desafio enfrentado pelos ministros cristãos no exercício do trabalho pastoral – ou seja – sacrificar-se pelo todo<sup>17</sup>.

#### 1.1.1 O Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs

Segundo Santa Ana, foi nas Américas do Sul e Central, a partir dos anos sessenta, sob influência de pensadores católicos romanos, que o termo pastoral se tornou presente no contexto eclesial cristão. Conforme o autor, o termo nasce de um contexto de busca e de maneira sistematizada, sobre o propósito, presença e métodos apropriados, para que a Igreja Romana atualizasse o anúncio e prática do Evangelho na sociedade. No entanto, para Santa Ana, a relevância e significado específico do termo pastoral ganhou expressão após a publicação da quarta constituição do Concílio Vaticano II, promulgada pelo Papa Paulo VI, em dezembro de 1965, tratando fundamentalmente, das relações entre a Igreja Católica Apostólica Romana e o mundo onde ela está e atua, sobre título de *Gaudium et Spes* ("Alegria e Esperança").

Para Santa Ana, a partir da *Gaudium et Spes* o sentido do termo pastoral se refere à maneira de como a Igreja exerce a sua missão na sociedade e em situações distintas da história. Assim, o vocábulo pastoral no pensamento católico, trata-se da ação da Igreja entendida como povo de Deus, cuja figura hierárquica de destaque e autoridade se recai sobre o bispo. Somada a essa definição, a linha pastoral na Igreja Católica Apostólica Romana passa considerar quatro aspectos: a) a prática dos fiéis leigos, que deve oferecer elementos

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder, saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 360.

<sup>17</sup> FOUCAULT, 2008, p. 172- 173.

para o diagnóstico da situação social; b) os dados da Revelação, ou "a memória da fé"; c) a comunhão nas celebrações e gestos litúrgicos e a prática dos membros da Igreja; d) a hierarquia ministerial expressa - de maneira especial - no episcopado.

Através da dinâmica e inter-relação desses elementos, a Igreja Católica Apostólica Romana organiza seus planos, estratégias e táticas objetivando estabelecer sua presença pastoral eficaz na sociedade. Desse modo, para Santa Ana, o termo Pastoral na Igreja Católica Apostólica Romana tem por objetivo “levar a Igreja a participar da história em consonância com o Evangelho e com o seu magistério”. Por outro lado, na tradição histórica protestante o vocábulo se refere, normalmente, à pessoa e posto do pastor. Conforme Santa Ana, os Reformadores do século XVI escreveram apenas sobre o "ministério do pastor e à sua ordem própria," não mencionando sobre pastoral. Nesses termos, no entendimento do autor, em sentido lato, a palavra pastoral se refere às atividades que buscam relacionar o Evangelho às situações visíveis do cotidiano, enquanto o trabalho pastoral das igrejas cristãs consiste em adequar a vivência da fé às circunstâncias históricas<sup>18</sup>.

Levando em conta a multiplicidade de cuidado pastoral oferecido tanto pela Igreja Católica Apostólica Romana como pelas Igrejas protestantes - de maneira sintética - adotaremos neste trabalho, a compreensão de Sathler-Rosa, sobre o trabalho pastoral. Sathler-Rosa define o trabalho do cuidado pastoral como as atividades oferecidas pelas igrejas cristãs na atualidade, através de seus ministros religiosos, embasados nas dinâmicas tradições culturais e bíblicas, amparado em dados das ciências e no próprio desenvolvimento evolução das sociedades, por meio de atitudes, ações e métodos, objetivando a salvação - ou seja - à harmonia, ao bem-estar, no hoje da história do ser humano total, na sua totalidade e multiplicidade de relacionamentos seja consigo mesmo, com o outro, com suas comunidades, com Deus, com a Criação, seu trabalho e instituições<sup>19</sup>.

### 1.1.2 Conceitos de Igrejas Cristãs e de Ministros Cristãos

A palavra “Igreja”, devido as suas diferentes aplicações ao longo dos anos, tornou-se um termo carregado de ambiguidades e complicações. Contudo, na compreensão de Calvo e Ruiz, o conceito deriva de *ekklesia* - uma palavra de etimologia hebraica - a expressão que determina o sentido cristão da palavra de assembleia convocada. Conforme entendimento

<sup>18</sup> SANTA ANA, Julio de. *Modelos Bíblicos de Pastoral*. Tempo e Presença - Suplemento, 185, 1983. p. 3-4.

<sup>19</sup> SATHLER – ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea*. São Paulo: Aste, 2004. p. 41

desses autores, os primeiros cristãos ao se reconhecerem como *ekklesia* acrescentaram os vocábulos “do Senhor”, como maneira de se fazer conhecidos ou reconhecidos como o novo e verdadeiro povo de Deus, opondo-se o nome de sinagoga, visando sua libertação em relação à lei mosaica e suas consequências. Desse modo, no entendimento de Calvo e Ruiz, as expressões atualmente em uso como comunidade, fraternidade, reunião, congregação ou assembleia não são oposta se complementam a tradução do termo Igreja, com todas as suas densidades<sup>20</sup>.

Diante disso, pode-se resumir que na concepção cristã, a palavra “Igreja” designa a assembleia litúrgica, a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes e tais definições são, de fato, intrínsecas. Assim, os cristãos se entendem como o povo que Deus reúne no mundo inteiro, existentes nas comunidades locais e se encontrando como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística, buscando viver da Palavra e sendo compreendidos como o próprio Corpo de Cristo<sup>21</sup>.

Nesta pesquisa, consideram-se igrejas cristãs a Igreja Católica Apostólica Romana e as igrejas e/ou denominações identificadas teologicamente como nascidas do protestantismo. Como fundamenta Hurlbut, a Igreja em qualquer época consiste no corpo formado por todas as pessoas que professam a fé em Jesus Cristo, como Filho de Deus. Portanto, a profissão de fé contém a aceitação de Cristo como Senhor e Salvador.<sup>22</sup>

Visando delimitar a lista múltipla de funções atribuídas aos ministros religiosos cristãos, adotaremos a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério de Trabalho e Emprego do ano de 2001, onde os clérigos cristãos aparecem categorizados como ministro de culto religioso e com as atribuições abaixo:

Realizar liturgias, celebrações, cultos e ritos; dirigir e administrar comunidades; formar pessoas segundo preceitos religiosos das diferentes tradições; orientar pessoas; realizar ação social na comunidade; pesquisar a doutrina religiosa; transmitir ensinamentos religiosos; praticar vida contemplativa e meditativa; preservar a tradição e, para isso, é essencial o exercício contínuo de competências pessoais específicas.<sup>23</sup>

A vocação para ministros religiosos no cristianismo - além dos aspectos que os diferem na visão da tradição católica e tradição protestante - existem pontos comuns

<sup>20</sup> CALVO; RUIZ, 1993. p. 8

<sup>21</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993. p. 215-217.

<sup>22</sup> HURLBUT, 2007, p. 20-21.

<sup>23</sup> NAKANO, Erika Feltrin Marques. Burnout, *Discurso do sujeito coletivo e aspectos psicossociais em Pastoras e Pastores*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 30-31.

evidentes, como por exemplo, por parte do candidato a ministro, a convicção interior do chamado e por parte da Igreja, compete o reconhecimento daquele que se sente chamado<sup>24</sup>.

Nos ramos protestantes, de acordo com as funções exercidas nos cultos e administração nas Igrejas ou Denominações Cristãs, os líderes recebem uma variedade de títulos, tais como Pastor, Bispo, Missionário, Apóstolo, Diácono, Obreiro, Presbítero e Ancião. Em se tratando dos seus ministros, o *Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana* aponta que o ministério sacramental na Igreja tem o caráter pessoal e forma colegial, sendo um tipo de trabalho exercido em nome de Cristo e compreende três graus. Com importância de ordem decrescente no terceiro grau o episcopado, no segundo o presbiterado e no primeiro grau e o diaconato<sup>25</sup>. Levando em conta o objetivo e delimitação desta pesquisa, focaremos no serviço exercido pelos ministros que ocupam o segundo do ministério católico, que podem receber como referência, os termos como padres, presbítero, clérigo, cura, sacerdote e vigário.

Quanto ao conceito de ministros cristãos, levando em conta a multiplicidade de títulos e nomes dados aos líderes religiosos, neste trabalho usam-se as expressões “religiosos cristãos”, líderes religiosos cristãos ou ministros cristãos, independentemente da diversidade organizacional, como também se denominam “ministros religiosos cristãos” os padres ou presbíteros católicos apostólicos romanos e os pastores das igrejas protestantes, mesmo que atuem em áreas ministeriais diversas.

## 1.2 Do Sofrimento ao Sofrimento Psíquico

Ao longo do tempo, o conceito de sofrimento passou por diversas alterações. Segundo Barus-Michel, “O sofrimento afeta o sujeito em sua subjetividade, em sua unidade e integridade, sua coesão e coerência.”<sup>26</sup> Conforme a autora:

As qualidades atribuídas ao sofrimento são diversas e esclarecedoras: ele pode ser, como a dor, agudo, vivo, dilacerante, fulgurante, lancinante, surdo, atroz, intolerável, extremo... Os sinônimos apresentam toda a infelicidade do mundo: aflições, pesar, dilaceramento, luto, tormento, desgosto, tristeza, angústia, infelicidade, dilaceração, abandono, mal-estar, miséria, feridas.<sup>27</sup>

<sup>24</sup> SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos*. São Paulo: PES, 1990. p. 23-24.

<sup>25</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, 1993, p. 252 – 253.

<sup>26</sup> BARUS-MICHEL, Jacqueline. Sofrimento e perda de sentido: considerações psicossociais e clínica. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 4, n. 1, p. 54-71, 2003. p. 56.

<sup>27</sup> BARUS-MICHEL, 2003, p. 55.



Segundo Freud, a origem do sofrimento humano brota de três fontes. A primeira é o próprio corpo, que destinado ao aniquilamento e à dissolução, não pode prescindir dos sinais de alarme da dor e do medo; a segunda fonte é o mundo externo, com suas forças superiores, implacáveis e destrutivas, que recaem sobre os indivíduos; e a terceira são as relações com os outros seres humanos. Os sofrimentos oriundos da terceira fonte, no entendimento de Freud, ou seja, advindos das relações humanas, são os mais sentidos e dolorosos, além de inevitáveis<sup>28</sup>.

Peixoto e Borges afirmam que existe na tradição, uma descrição clássica do sofrimento e de suas fontes<sup>29</sup>:

- a) O sofrimento físico é do corpo e a fonte é física;
- b) O sofrimento nas relações interpessoais é social e a fonte, sociocultural;
- c) O sofrimento na vontade tem fonte existencial-espiritual;
- d) O sofrimento psíquico age no sentimento de unidade e coerência do *eu*, cuja fonte é psicológica.

Segundo Jaspard, pesquisador em Psicologia da Religião, “o sofrimento é, antes de tudo, uma realidade existencial comum e autônoma no plano simplesmente humano”<sup>30</sup> e quando vivenciado com uma tonalidade emocional e intensa, tem teor desagradável. Para o autor, a experiência do sofrimento pode até modificar o sentido que se dá à vida. Ele afirma ainda, que para facilitar o sofrimento, tende-se na psique a atribuir o sofrimento à responsabilidade de terceiros. Jaspard admite também, que o sofrimento decorre das leis que a natureza impõe à condição humana e, por isso, essa atitude de recusa psicológica diante do sofrimento é uma barreira que o indivíduo ergue para manter emocionalmente intacta à sua integridade<sup>31</sup>.

Os escritos de João Paulo II<sup>32</sup> afirmam que o sofrimento é enraizado na própria humanidade e seu palco é muito extenso, diversificado e pluridimensional. O ser humano sofre de inúmeras formas, nem sempre resolvidas pela medicina, malgrado todos os seus recursos e avanços. O Papa entendia o sofrimento como algo mais amplo e complexo do que a dor, descrevendo mesmo um tipo de dor espiritual, não circunscrita à dimensão psíquica,

<sup>28</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 63.

<sup>29</sup> PEIXOTO, Maria José; BORGES, Elizabete. O sofrimento no contexto da doença. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Porto, n. 6, p. 36-39, dez. 2011. p. 36.

<sup>30</sup> JASPARD, Jean-Marie. Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé. *Psicologia-USP*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 191-212, 2004, p. 208.

<sup>31</sup> JASPARD, 2004, p. 191-212.

<sup>32</sup> PAULO II, João. Carta Apostólica Salvifici Doloris. *Vaticano*, 1984. [online].

ainda que acompanhe tanto o sofrimento moral quanto o físico. Chamando a atenção para a amplitude e complexidade do sofrimento, ele descreve:

O sofrimento é algo mais amplo e mais complexo do que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais profundamente enraizado na própria humanidade. É-nos dada uma certa ideia quanto a este problema pela distinção entre sofrimento físico e sofrimento moral. Esta distinção toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como o imediato ou directo sujeito do sofrimento. Ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinônimas as palavras ‘sofrimento’ e ‘dor’, o sofrimento físico dá-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto que o sofrimento moral é ‘dor da alma’. Trata-se, de facto, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão ‘psíquica’ da dor, que anda sempre junta tanto com o sofrimento moral, como com o sofrimento físico. A amplitude do sofrimento moral e a multiplicidade das suas formas não são menores do que as do sofrimento físico; mas, ao mesmo tempo, o primeiro apresenta-se como algo mais difícil de identificar e de ser atingido pela terapia.<sup>33</sup>

Barus-Michel e Amps refletem que o sofrimento compromete a pessoa na sua unidade e de maneira integral, afetando subjetividade, coesão e coerência<sup>34</sup>. Segundo as autoras, o que é sofrido – mal-estar, doença, patologia – é ruptura ou desestabilização da unidade e do equilíbrio. Tal ruptura, difícil de suportar, causa sensações desagradáveis e equivalentes no plano psíquico à dor física. As autoras frisam ainda, que a repercussão emocional obstrui o psiquismo, bloqueia a atividade intelectual e a capacidade imaginativa. Afirmam também, que quando a repercussão emocional se torna excessiva, as pulsões sufocam o indivíduo e podem desencadear violências, tais como degradação física localizada ou generalizada, produzindo exteriormente agitações, revolta contra si mesmo, suicídios, depressão, melancolia e acessos de delírios<sup>35</sup>.

Segundo Sebastião, dor e sofrimento são conceitos diferentes: a dor refere-se a uma ‘sensação essencialmente física’, relacionada com alterações dos processos orgânicos, enquanto o sofrimento é uma ‘sensação psíquica’, vinculada a sentimento de perda, ameaça e/ou culpa, que acompanha todo o desenvolvimento humano<sup>36</sup>. A dor, na visão do autor, surge diante da ameaça à integridade física - no corpo do indivíduo; já o sofrimento, perante afeições de ordem psicológica, ou seja, na mente<sup>37</sup>.

Enquanto que para Barus-Michel, na evolução histórica o termo “sofrimento”, no século XVIII, ganhou a conotação de “faculdades mentais”, relacionando-se mais ao pensar do que ao experimentar, na atualidade e nas ciências humanas privilegia-se o “psíquico”, que

<sup>33</sup> PAULO II, 1984, p. 3.

<sup>34</sup> BARUS-MICHEL, 2003.

<sup>35</sup> BARUS-MICHEL, 2003.

<sup>36</sup> SEBASTIÃO, L. A Pedagogia da Dor e do Sofrimento. *Cadernos de Bioética: Sofrimento e Dor*, Coimbra, v. 9, 1995. p. 41-46.

<sup>37</sup> SEBASTIÃO, 1995, p. 41-46.

remete à subjetividade em suas dimensões intelectual e afetiva: “psíquico - conjunto de fenômenos mentais formando a unidade subjetiva (interioridade do sujeito); intelectual e afetiva - a ideação e os aspectos qualitativos (moção, emoções e sentimentos)”<sup>38</sup>.

Para Bezerra, Assis e Constantino, o sofrimento psíquico

[...] associa sintomas psicológicos e físicos, caracterizado por sintomas não psicóticos como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas como dor de cabeça, dor abdominal, tosse ou fraqueza. Essas queixas são manifestações ou respostas a um tipo de sofrimento psicológico e não estão necessariamente associadas à existência de uma patologia orgânica diagnosticável.<sup>39</sup>

O sofrimento psíquico é definido como fenômeno humano que incide entre o corpo e o psiquismo. Costa considera grave o sofrimento psíquico e o define como toda manifestação aguda da angústia humana que não é ou não tem sido bem compreendida. Trata-se de sofrimento essencial do humano, não limitado à esfera orgânica de caráter grave e, em geral, de difícil manejo comum.<sup>40</sup>

Segundo Del'Olmo e Cervi, a sociedade compreende o sofrimento psíquico como objeto da ciência médica e o rotula como doença mental, com diversas terminologias utilizadas em diferentes momentos da história, tais como loucura, transtorno mental, alienação, doença mental e sofrimento psíquico.<sup>41</sup>

### 1.2.1 O trabalho e Sofrimento Psíquico

Na concepção de Marx, a essência do ser humano reside no trabalho, de modo que o ser humano se faz existir na atividade laboral<sup>42</sup>. O trabalho é intrínseco ao reino da necessidade e a chegada ao reino da liberdade – experimentado na vivência do tempo livre e nas horas festivas como prêmio do descanso e no prazer, vivenciado como conquista pelo esforço de produzir, só se dá depois da sofrida travessia do trabalho.

<sup>38</sup> BARUS-MICHEL, 2003, p. 55-56.

<sup>39</sup> BEZERRA, Cláudia de Magalhães; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n.7, p. 2135-2146, jul. 2016. [online].

<sup>40</sup> COSTA, IlenoIzídio da. Delimitação e gerenciamento da crise psíquica grave: em busca de parâmetros. In: COSTA, IlenoIzídio (Org.). *Intervenção e crise psíquica grave: fenomenologia do sofrimento psíquico*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 59 -60.

<sup>41</sup> DEL'OLMO, F. S.; CERVI, T. M. D. Sofrimento Mental e Dignidade da Pessoa Humana: os desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. *Sequência*, Florianópolis, n. 77, p. 197-219, set./dez. 2017. p. 198.

<sup>42</sup> ALBONOZ, Suzana. *O que é trabalho?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. p. 69-71.



Bezerra, Assis e Constantino afirmam que os ambientes de trabalho são espaços de proteção contra o enlouquecimento individual e coletivo<sup>43</sup>. Chehab, por sua vez, destaca que desde os primórdios da humanidade, o trabalho constitui fonte de subsistência. No entanto, se de um lado ele dá origem a satisfação e prazer, de outro causa desgaste e sofrimento<sup>44</sup>.

Também para Calado, a relação entre trabalho e sofrimento estabelece-se desde a origem da história<sup>45</sup>. Todavia, segundo a autora, demorou muito para que o trabalho fosse reconhecido como um dos fatores responsáveis por alguns tipos de prejuízos à saúde psíquica do trabalhador. Com esse posicionamento concorda Antunes, para quem desde a Antiguidade, o trabalho é visto como expressão de vida e deterioração, criação e infortúnio, atividade vital e servidão, felicidade social e escravidão, fonte de vida e de dor<sup>46</sup>. Na mesma linha, Mendes refere à existência de relatos associando trabalho e adoecimento em escritos de historiadores dedicados à pesquisa no campo da medicina, nas sociedades egípcia e greco-romana<sup>47</sup>.

Albornoz entende que o trabalho dispõe de diferentes significados, alguns deles carregados de emoção e dor. A tradição judaica o vê como algo penoso, a que o ser humano está condenado pelo pecado<sup>48</sup>. Na concepção bíblica, o trabalho também constitui uma forma de castigo, meio de expiação do pecado original e tal visão chega aos primeiros tempos do cristianismo, quando são acrescentadas ao trabalho outras finalidades, como a caridade e a saúde do corpo e da alma. No caso da saúde, o trabalho afasta os maus pensamentos provocados pela ociosidade.

Ao comparar as concepções do catolicismo e do protestantismo construídas em torno do tema, Albornoz reconhece na visão católica do trabalho, a dignidade que lhe é atribuída, por sua função de ordenação ao louvor do Criador, mas também constata sua inferioridade em relação à contemplação direta e à oração<sup>49</sup>. Segundo a autora, embora Martim Lutero considerasse a obrigatoriedade do trabalho como consequência da queda do ser humano, após a Reforma Protestante, o trabalho sofre reavaliação dentro do cristianismo, aparecendo como

<sup>43</sup> BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016, p. 2137.

<sup>44</sup> CHEHAB, Ana Cláudia de Jesus Vasconcellos. Sofrimento psíquico no Trabalho escravo: contribuições da Psicodinâmica do Trabalho. *Rev. do Trib. Reg. Trab. 10ª Região*, Brasília, v. 21, n. 1, 2017. p. 14.

<sup>45</sup> CALADO, Cecília Ferreira de Melo. *Entre o pessoal e o profissional: proposta de análise sobre o sofrimento na relação de servidores técnicos administrativos da Universidade Federal de Pernambuco com a organização do trabalho*. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. p. 16. [online].

<sup>46</sup> ANTUNES, Ricardo L.C. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 21.

<sup>47</sup> MENDES, René. *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995. p. 15.

<sup>48</sup> ALBORNOZ, 1986, p. 51-58.

<sup>49</sup> ALBORNOZ, 1986, p. 52-58.

base e chave da vida<sup>50</sup>. Assim, em ambas as concepções – católica e protestante – o trabalho é um modo de servir a Deus e um percurso religioso para a salvação, assumindo o *status* de profissão.

Albornoz considera que do ponto de vista psicológico, com a influência da ética protestante, o ser humano religioso e o ser humano econômico passam a coincidir<sup>51</sup>. Como descreve a autora, no protestantismo a renúncia e a solidão do mosteiro, maneira de viver aceitável, agradável à divindade, como pensava certa tradição católica, cede lugar à ênfase da execução do trabalho, como prêmio religioso. Assim, moralmente, a atividade profissional passa a ser recomendada com intensidade e a convicção religiosa põe à disposição da classe burguesa trabalhadores sóbrios e aplicados, dedicados ao trabalho como forma de agradar a Deus. Essa visão do trabalho justifica até mesmo a distribuição desigual da riqueza deste mundo, como obra da divina providência.

Na ótica de Albornoz, com o tempo, para a maioria dos trabalhadores, a atividade profissional assumiu certo caráter desagradável, perdendo o significado religioso. O labor não leva à experiência da tranquilidade interior apregoada pelos humanistas. A alegria oriunda do exercício das atividades laborais tornou-se cada vez mais restrita a uma pequena minoria, enquanto para a parcela restante da população, o trabalho não se apresenta mais como meio de servir a nenhuma divindade.<sup>52</sup>

Dessa forma, para Bezerra, Assis e Constantino, o sofrimento psíquico no exercício do trabalho, considerado como transtorno mental, com sintomas não psicóticos, além das queixas somáticas, é uma dificuldade emocional que associa sintomas psicológicos e físicos. Tais manifestações respondem a um tipo de sofrimento psicológico e não estão necessariamente associadas a nenhuma patologia orgânica diagnosticável<sup>53</sup>.

Para Dejours, é notório que o trabalho provoca impacto no funcionamento psíquico do trabalhador e ao sofrimento psíquico no trabalho responde uma estratégia de não adoecimento, espaço de combate contra o enlouquecimento, derivado do bloqueio das possibilidades de adaptação entre a organização do trabalho e o desejo dos trabalhadores. Sob essa perspectiva, o trabalho pode ocasionar um processo de sofrimento que se inicia quando o trabalhador passa a sentir-se desgastado e sem possibilidades de prazer.<sup>54</sup> Não se pretende aqui afirmar que o trabalho em si seja maléfico e somente traga males. Afinal, Dejours

<sup>50</sup> ALBORNOZ, 1986, p. 52-58.

<sup>51</sup> ALBORNOZ, 1986, p. 52-59.

<sup>52</sup> ALBORNOZ, 1986, p. 54-75.

<sup>53</sup> BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016, p. 2137.

<sup>54</sup> DEJOURS, C. *A Loucura do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré; 1992. p. 51.

igualmente pondera que “se o trabalho pode ser perigoso e se pode ser causa de sofrimento, é preciso também compreender que o não trabalho é igualmente perigoso”.<sup>55</sup>

A palavra trabalho comporta em sua gênese a relação com o sofrimento. Na compreensão de Dejours, o progresso do conhecimento permitiu entender o sofrimento em duas categorias, sendo elas o sofrimento patogênico e o criativo. Para o autor o sofrimento criativo é um tipo de agenciador da realização do autêntico trabalho e o baluarte do processo criativo. Enquanto o sofrimento patogênico, frente ao esgotamento de todas as soluções defensivas mobilizadas, força o trabalhador para um sentimento de inutilidade e de imbecilidade<sup>56</sup>. Conforme Lancman e Sznelwar, o sentimento de inutilidade perante as constantes e variáveis obrigações do trabalho, fundamenta a maneira de ser dos trabalhadores e se encontra na mira constante das pesquisas e estudos da psicodinâmica do trabalho<sup>57</sup>.

Para Lancman e Sznelwar, existem muitas maneiras e formas de sofrimento psíquico no trabalho, entre elas destacam: as várias formas de medo, como por exemplo, o medo de acidente, da demissão, de não se capaz, o medo das agressões daqueles para os quais o serviço é prestado; angústia de não ser capaz de manter o ritmo e os horários impostos, sofrimento gerados pela contínua repetição e dos aborrecimentos, receio da sujeição e do poder exercida pela hierarquia, medo da demissão, entre outros muitos transtornos<sup>58</sup>. Contudo, a versão mais cruel do sofrimento psíquico se localiza no vazio intelectual a que é submetido o trabalhador, que sem noção de rumo, carrega toda a responsabilidade da sua angústia, tornando-se inútil e descartável<sup>59</sup>.

O sofrimento psíquico no mundo do trabalho tem pautado discussões no ambiente acadêmico, com grande referência à palavra estresse. Entretanto, para esta pesquisa se considera a compreensão de sofrimento psíquico na perspectiva epistemológica da teoria psicodinâmica do trabalho. Esta abordagem compreende o sofrimento psíquico como um conjunto de desgaste mental, provado pela relação sujeito e trabalho, que afeta diversas dimensões biológicas, psicológicas, sociais, ambientais, entre outras<sup>60</sup>.

---

<sup>55</sup> DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed., São Paulo: Editora Cortez, 1998. p. 14.

<sup>56</sup> DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 42.

<sup>57</sup> LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. *Chistophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Editora Fiocruz, 2004. p. 31.

<sup>58</sup> LANCMAN; SZNELWAR, 2004, p. 31.

<sup>59</sup> DEJOURS, 1999, p. 26

<sup>60</sup> JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, p. 97-116, 2003.

### 1.2.2 O sofrimento Psíquico entre os Ministros Eclesiásticos no Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs

No entendimento de Neville, “a religião aborda as questões mais básicas do sentido da vida ou de sua falta de sentido, do embasamento individual e do destino, da realização pessoal ou derradeira frustração, dor e sofrimentos últimos<sup>61</sup>”. No entanto, para Vergely, apesar das inúmeras reflexões, explicações e justificativas sobre o sentido do sofrimento pelas muitas áreas do saber, inclusive, o saber fruto das correntes religiosos, o que se observa é que a humanidade dispõe de muito discurso contra o sofrimento e muito pouco sobre o sofrimento.<sup>62</sup>

Sobre o tema, Valle considera que a humanidade há milênios busca esclarecer a relação entre religião e o sofrimento psíquico. Porém, uma das questões que desafia as tradições religiosas ao longo da história é vivência do sofrimento psíquico por parte dos justos. Para o autor, o anseio pela análise e esclarecimento de tal questão colocou pensadores e místicos em posição delicada ao longo dos tempos. No entanto, como parte do instrumental que visa clarear, explicitar e alargar o conhecimento sobre o psiquismo e suas nuances relacionadas à religião, se associa à psicologia da religião, como um espaço de interação entre a psicologia e a ciência da religião<sup>63</sup>.

De acordo com psicologia, o sofrimento humano apresenta múltiplas possibilidades de ser externa, abrangendo de maneira geral aspectos físicos, emocionais, morais e psíquicos. Os sofrimentos físicos aludem à desorganização dos processos celulares e fisiológicos, enquanto os sofrimentos emocionais se relacionam à modelagem sensorial; os morais vinculam-se aos valores e os psíquicos têm por base a desestruturação espiritual. Ressalte-se que em qualquer de suas formas o sofrimento emerge como uma problemática que tem origem, fins ou insere-se nos domínios da alma<sup>64</sup>.

A Organização Mundial da Saúde/OMS enfatizou que cerca de 450 milhões de pessoas sofrem de perturbações mentais<sup>65</sup>. De fato, o sofrimento é algo a existência humana e inerente à vida em sociedade, estando presente na realidade de todas as formas de trabalho.

<sup>61</sup> NEVILLE, Robert Cummings (org.) *A Condição Humana: um tema para religiões comparadas*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 37.

<sup>62</sup> VERGELY, Bertrand. *O Sofrimento*. São Paulo: EDUSC, 2000. p. 9

<sup>63</sup> USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. VALLE, Edênio. *A Psicologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 123-127.

<sup>64</sup> LIMA, Marileuza Fernandes Correia; ANDRADE, Maristela Oliveira. Entre o esclarecimento e a consolação: a teodicéia espírita e a cura da alma. *Religare*, v. 6, n. 2, 2009, p. 40. [online].

<sup>65</sup> OMS – Organização Mundial da Saúde. *Relatório Mundial da Saúde*. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Lisboa: Ministério da Saúde, 2002, p. 55.

Contudo, para Baptista, o trabalho do cuidado pastoral de incumbências dos ministros religiosos é uma ocupação com muitos fatores de vulnerabilidade, causando prejuízos psíquicos e que vem assumindo uma trajetória patológica, que tem chamado a atenção de especialista em saúde mental no mundo inteiro.<sup>66</sup>

Segundo Silva, trabalho e religião são temas que operam num universo objetivo, subjetivo e social. Ambos os temas são alvo de grandes transformações humanas referentes à condição subjetiva e à possibilidade de interação social. Na visão do autor, o sujeito mantém com certa frequência a relação com o trabalho, mas questiona sempre sua relação com o transcendente, gerando interpretações em torno dos seus momentos presentes, passados e futuros. Compartilhando essas condições em atos intersubjetivos, ele reage e organiza-se mental, afetiva e fisicamente, em função de suas interpretações, contribuindo para a própria evolução psicológica e sociológica<sup>67</sup>.

De acordo com Silva e Holanda, constata-se certa divinização da figura do pastor, assim como do seu trabalho. Tal divinização parte tanto dos próprios ministros como das comunidades e igrejas por eles atendidas<sup>68</sup> e as estruturas quase sempre favorecem essa visão. Desse modo, “a vocação para o trabalho pastoral tem não apenas um caráter humano, mas se mistura a uma missão divina a que se deve submeter, o que traz outro sentido ao trabalho”<sup>69</sup>.

Para Nakano, deriva da origem dos trabalhos pastorais o comportamento dos ministros religiosos, diferente do que normalmente apresentam outros profissionais. Segundo a autora, o delineamento profissional desses ministros ostenta características próprias, desde a origem. Exemplificando, que em qualquer outra profissão o trabalhador precisa se submeter a algum tipo de prova ou exame de admissão, enquanto o candidato ao pastoreio se inicia mediante um chamado, que de certa forma, indicará o percurso profissional a ser seguido<sup>70</sup>.

Mezerville entende que compreensão do chamado se torna um dos desafios cruciais no contexto religioso, dada a complexidade da diferenciação entre problema vocacional e sofrimento psíquico. Em várias ocasiões as duas dimensões são tratadas como semelhantes. É

<sup>66</sup> BAPTISTA, Fernanda Siqueira. *Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014. p. 9. [online].

<sup>67</sup> SILVA, R. R. *Profissão pastor: prazer e sofrimento. Uma análise Psicodinâmica do Trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004. p. 12.

<sup>68</sup> SILVA, Rogério Rodrigues da; HOLANDA, Adriano Furtado. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. *Estudos de Psicologia I*. Campinas, v. 25, n. 3, p. 375-383, jul./set. 2008. p. 382 [online].

<sup>69</sup> SILVA, 2008, p. 382.

<sup>70</sup> NAKANO, Érika Feltrin Marques. *Burnout, representação social e discurso do sujeito coletivo em pastoras e pastores*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 29. [online].



muito comum, exemplifica a autora, que entre os religiosos o entendimento da Síndrome do *Burnout* – uma das manifestações do sofrimento psíquico, causada por excesso de trabalho – se dê equivocadamente, o que a leva a ser confundida e tratada como um tipo de síndrome do bom samaritano decepcionado<sup>71</sup>.

Segundo Pinheiro e Lipp, o trabalho pastoral exige um conjunto de qualidades e responsabilidades e, em alguns casos, acima da média requerida em outras profissões. Além da dedicação exclusiva, são necessárias plena saúde física, equilíbrio emocional inabalável, integridade ética e moral, conduta exemplar e conhecimento de campos diversos, como música, administração, legislação e capacidade de se aproximar das pessoas<sup>72</sup>.

Assim, tanto na esfera católica como na protestante, autores como o psiquiatra Lotufo Neto e Dalgarrondo enfatizam a necessidade de os ministros religiosos atentarem para sua saúde pessoal e mental. Lotufo, ao pesquisar os transtornos mentais entre ministros religiosos não católicos na cidade de São Paulo, em sua criteriosa revisão da literatura concernente ao tema, cita obras pertinentes, elaboradas na Europa e na América Central<sup>73</sup>. Dentre tais obras reporta-se ao estudo de um bispo católico e psiquiatra, que na busca de conhecer a saúde mental de clérigos e religiosos, elaborou um levantamento nos sanatórios e asilos católicos e não católicos dos Estados Unidos, verificando a incidência de demência precoce e comportamento maníaco-depressivo entre as freiras, além do alcoolismo, psicose maníaco-depressiva e paranoia entre os sacerdotes, em número maior que o da população internada. Esse pesquisador também demonstra, por meio de pesquisa aplicada no Brasil, grande incidência de doenças mentais entre ministros protestantes, em comparação com a população geral<sup>74</sup>.

Dalgarrondo relata que no contexto brasileiro, vários autores desde a virada do século XIX para o século XX, têm pesquisado a relação entre religiosidade, sofrimento individual e transtornos mentais<sup>75</sup>. No entanto, afirma não haver uma revisão completa da produção sobre o assunto por pesquisadores brasileiros. Discorrendo ainda sobre o processo histórico de produção no Brasil, Dalgarrondo destaca a pesquisa empírica de Lotufo Neto,

<sup>71</sup> MEZERVILLE, Helena L. *O desgaste na Vida Sacerdotal*. Prevenir e superar a Síndrome de Burnout. São Paulo: Editora Paulus, 2012. p. 172.

<sup>72</sup> PINHEIRO, C. R.; LIPP, M. E. N. Stress ocupacional e qualidade de vida em clérigos(as). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 126-141, jun. 2009. p. 128-129.

<sup>73</sup> LOTUFO NETO, F. *Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. São Paulo, 1997. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Departamento de Psiquiatria. Disciplina de Psiquiatria. São Paulo, 1997. p. 239-257.

<sup>74</sup> LOTUFO NETO, 1997, p. 239-257.

<sup>75</sup> DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 34, n. 1, p. 25-33, 2007.

que apontou a prevalência de transtornos mentais em ministros religiosos cristãos não católicos no Brasil:

Os transtornos mais frequentes foram os depressivos (16,4%), do sono (12,9%) e ansiosos (9,4%). O autor identificou que a religiosidade do tipo intrínseco associou-se à melhor saúde mental. Além dessa prevalência aumentada de transtornos afetivos e ansiosos, Lotufo Neto (1996) observou menor abuso e dependência de álcool e drogas nos ministros pesquisados. Os principais fatores associados à presença de transtornos mentais nos ministros religiosos foram: problemas financeiros, problemas com outros pastores, conflitos com os líderes leigos da Igreja, dificuldades conjugais, problemas doutrinários na Igreja e sobrecarga de trabalho.<sup>76</sup>

Em pesquisas mais recentes, Oliveira constata sintomas ligados à exaustão funcional em parte dos entrevistados<sup>77</sup>, enquanto Pereira demonstra que o ministro pastoral se expõe a feridas emocionais, concluindo que os impactos da pós-modernidade no pastoreio têm gerado doenças emocionais em presbíteros e religiosos católicos, entre eles a síndrome do sofrimento psíquico<sup>78</sup>. Em sua obra extensa sobre os sofrimentos psíquicos dos presbíteros católicos, Pereira relata que na década de 1980 diversos estudos foram iniciados sobre sintomas manifestados em ministros religiosos. Segundo o autor, os ministros do sagrado, na primeira fase, aventuram-se na vida religiosa com coragem e idealismo. Posteriormente, sentem-se diminuídos quanto à realização pessoal, desvalorizados e impotentes perante as expectativas inalcançáveis. Com o tempo, esgotam-se emocionalmente e se veem impedidos de recuperar as motivações iniciais. Ao continuarem os sintomas, os religiosos entram numa crise irreversível, chegando muitas vezes, ao abandono do ministério ou mesmo à permanência no seu exercício, mas de modo passivo, improdutivo e depressivo<sup>79</sup>.

Para Nastrini e Steger, são muitos os pastores emocionalmente esgotados em todo o mundo, por falta de debate aberto acerca do problema e de percepção de muitos líderes cristãos, que não identificam em si mesmos o estado de sofrimento<sup>80</sup>, enquanto Oliveira relaciona entre as cogitações do ministro diante do sofrimento psíquico, a importância nula do seu trabalho, a insignificância das relações, a sua vida cheia de injustiças e a perda da razão da própria existência. O autor constata ainda a insatisfação com o exercício do ministério, a

<sup>76</sup> DALGALARRONDO, 2007, p. 26 -31.

<sup>77</sup> OLIVEIRA, R. M. K. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 54.

<sup>78</sup> PEREIRA, W. C.C. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012. p. 24-25.

<sup>79</sup> PEREIRA, 2012, p. 67-68.

<sup>80</sup> NASTRINI, M.; STEGER W. *Burnout pastoral. Mistério*, Tatuí, Ano 89, n. 531, p. 7, mai./jun. 2017.

busca exagerada de resultados, a ausência de vinculação social permanente e as angústias frequentes entre os ministros religiosos<sup>81</sup>.

Todavia, no entendimento de Kim, os ministros eclesiásticos, em especial os pastores, estão insatisfeitos com o ministério por diversas e amplas razões. Entretanto, o desequilíbrio causado pelo esgotamento mental e emocional provocado pelo exercício do ministério pastoral é a cauda de abandono do ministério por muitos pastores<sup>82</sup>.

### 1.3 Os Tipos de Sofrimentos Psíquicos e a Relação com o Trabalho Pastoral entre os ministros Religiosos Cristãos

Estudos realizados por Santos, Martins e Erick sobre o prazer e o sofrimento no exercício do ministério entre os padres católicos concluiu que os ministros consideram o pastoreio fonte de prazer. Entretanto tais estudos revelam também, situações de sofrimento, que em geral, relacionadas à falta de reconhecimento e ao esgotamento por sobrecarga de trabalho<sup>83</sup>. Os resultados mostram que os ministros percebem a falta de reconhecimento do seu empenho, o que leva ao sentimento de indignação e desvalorização. O sofrimento conduz ao estresse e ao esgotamento emocional e eles se sentem sobrecarregados<sup>84</sup>.

Santos, Machado e Facas, objetivando averiguar as vivências de prazer-sofrimento no trabalho pastoral e as estratégias de mediação do sofrimento dos pastores no exercício da profissão, elaboraram uma pesquisa a respeito. A investigação constatou que parte dos pesquisados experimenta satisfação e identificação com as atividades pastorais, apesar do excesso de trabalho. Mas eles sofrem, sobretudo, com a falta de reconhecimento do trabalho pastoral por alguns membros e/ou fiéis. O estudo concluiu que muitos fatores ligados ao serviço dos ministros acarretam o adoecimento físico, psíquico e social<sup>85</sup>.

Na mesma linha, a pesquisa de Silva, ao comparar pastores de diversas igrejas protestantes, neopentecostais e tradicionais, concluiu que em geral o prazer obtido pelos ministros está relacionado aos sentimentos de identificação e orgulho suscitados pelas atividades em si, tanto quanto de realização e liberdade. Já o sofrimento psíquico se relaciona

<sup>81</sup> OLIVEIRA, M. P. Eles também sofreram. *Mistério*, Tatuí, Ano 89, n. 531, p. 10-11, mai./jun. 2017.

<sup>82</sup> KIM, M. Criando hábitos saudáveis: dicas para prevenir-se do esgotamento e desfrutar de saúde e bem-estar. *Mistério*, Tatuí, Ano 89, n. 53, p. 17-19, mai./jun. 2017.

<sup>83</sup> SANTOS, Edemilson Pichek dos; MARTINS, Edna Thais Jeremias; e FERREIRA, Gímerson Erick. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo de métodos mistos com sacerdotes do Rio Grande do Sul. *Universo Acadêmico*, Taquara, v. 11, n. 1, jan./dez. 2018. p. 251.

<sup>84</sup> SANTOS *et al*, 2018, p. 251.

<sup>85</sup> SANTOS, Osmar Oliveira Alves *et al*. Psicodinâmica do Trabalho e atividade pastoral. *Trabalho (En) Cena*, v. 3, p. 115-138, 2018. p. 115. [online].



com diversidade de atividades, excessiva carga de trabalho, reduzido tempo de descanso, exigência moral, posição de liderança, expectativas dos membros, administração eclesial, trabalho constante com precariedade das pessoas e renúncia a prazeres<sup>86</sup>.

Baptista pesquisou a vulnerabilidade ao estresse no trabalho entre os líderes religiosos cristãos – padres e pastores – constatando que 35% dos pastores e 37,5% dos padres obtiveram índice médio superior em pressão no trabalho<sup>87</sup>. Os resultados demonstraram a necessidade de se considerar como alternativa a criação de mecanismos como programas voltados à prevenção da saúde emocional dos pastores e padres.

Nunes, Souza e Castro, ao pesquisarem fatores associados à depressão em líderes religiosos de uma igreja pentecostal de grande expressão no contexto brasileiro, evidenciaram que uma parcela abundante dos entrevistados havia buscado ajuda psiquiátrica, enquanto 40% deles já fazem uso de alguma medicação psiquiátrica<sup>88</sup>. Segundo os autores, a consulta e o uso de medicação remetem aos transtornos de ansiedade, irritação, dificuldade para dormir e depressão<sup>89</sup>.

Como afirma Silva, o exercício da liderança pastoral confiada ao profissional-pastor é uma tarefa desafiadora<sup>90</sup>. Para Silva nas muitas denominações evangélicas, o líder religioso está mergulhado no cuidado do outro e às voltas com muitas atividades. Cabendo alertar, que no universo emocional do pastor, o ofício além das responsabilidades humanas, traz um compromisso com a transcendentalidade<sup>91</sup>.

Para Ebert e Soboll, os ministros protestantes experimentam individualmente a luta pela sobrevivência nas organizações religiosas, como um soldado em guerra. Na concepção das autoras, as organizações religiosas estão cada vez mais exigentes e focadas em resultados, como as organizações produtivas<sup>92</sup>. Tais exigências, somadas à falta de reconhecimento e distanciamento dos pares de maneira especial, acentuam o sofrimento dos que se consagram a esse tipo de trabalho ministerial.

De acordo com Moraes trabalho do cuidado pastoral exercido pelo padre católico tende a definir, em grande medida, sua identidade e pertença à Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>86</sup> SILVA, 2004, p. 6.

<sup>87</sup> BAPTISTA, 2014, p. 6.

<sup>88</sup> NUNES, Rafael Zaneripe de Souza; SOUZA, Rosimeri Vieira da Cruz de; CASTRO, Amanda. Fatores associados à depressão em líderes religiosos de uma denominação pentecostal. *Rev. Mult. Psic.* v. 12, n. 42. 2018. p. 377. [online].

<sup>89</sup> NUNES, 2019.

<sup>90</sup> SILVA, Ricardo Ferreira da. *Burnout e suas ressonâncias em ministros religiosos*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. p. 32.

<sup>91</sup> SILVA, 2018, p. 32.

<sup>92</sup> EBERT; SOBOLL, 2009, p. 209.

Por um lado, o sacerdote tem vinculação com o cuidado de outras pessoas, desempenhando funções junto aos fiéis que o procuram para acolhimento, escuta-os, promove assistência, orientações e aconselhamento<sup>93</sup> e - por outro - ele exerce uma missão como líder, acompanhando e promovendo a adaptação às transformações socioculturais e políticas. Entretanto, para a pesquisadora, tal postura frente ao exercício do pastoreio o expõe ao ciclo do *Burnout*. O contato cotidiano com os fiéis e comunidades a que serve e orientações como testemunho do Evangelho, submete-o às circunstâncias diversas, como dúvidas e conflitos, fontes de *stress*, tanto pela dedicação aos cargos, como pela amplitude dos elementos estressores<sup>94</sup>.

Conforme Moraes, as funções exercidas na pastoral pelos padres geram sobrecargas, como consequência da diversidade de atividades e demandas de difícil encaminhamento apresentadas por fiéis carregados de expectativas. Descreveu assim, que no exercício do pastoreio, o ministro enfrenta críticas e encargos exagerados, impostos pela ampla gama de problemas espirituais e sociais, o que produz nos líderes católicos a sensação de impotência<sup>95</sup>.

Tosatti entende que os sacerdotes católicos, além das dificuldades próprias e comuns da existência, lidam com os muitos entraves no trabalho pastoral cotidiano e, por isso, acabam sobrecarregados pelo estresse psicofísico, principal causa da Síndrome de *Burnout* ou síndrome do esgotamento emocional. Tais excessos os tornam incapazes de responder aos encargos e às demasiadas pendências e responsabilidades exigidas pelo ministério. Segundo o autor, os ministros estão inseridos numa cultura de se consumir pelos outros, embora eles próprios precisem se conscientizar da necessidade de recorrer a formas de ajuda psicológica. Sem esse tipo de ajuda, os constantes compromissos paroquiais, as demandas dos fiéis e as inúmeras emergências, com o tempo levam a várias formas de desconforto psicológico e poderão induzir à instalação de doenças mentais<sup>96</sup>.

Uma pesquisa comparativa realizada no ano 2008, com representantes do clero católico sobre a Síndrome de *Burnout* e a depressão, confirma essa tendência. A amostra foi composta entre os ministros católicos divididos entre o clero secular e de uma ordem religiosa monástica. Essa pesquisa levou à conclusão de que os participantes do clero secular que exercem a atividade do pastoreio junto à paróquia e às comunidades, estavam mais expostos à exaustão emocional que os representantes do clero monástico. A autora frisa ainda, que

<sup>93</sup> MORAIS, Maria de Fátima Alves de. *Stress, Burnout, coping em padres responsáveis pela formação de seminaristas católicos*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 22. [online].

<sup>94</sup> MORAIS, 2008, p. 22.

<sup>95</sup> MORAIS, 2008, p. 22.

<sup>96</sup> TOSATTI, Marco. *Padres no divã: a culpa é do estresse*. 2012. [online].

significativamente, os ministros católicos seculares estão mais sujeitos à depressão do que o padre<sup>97</sup>.

Ainda, conforme a autora nota-se que os ministros religiosos exercem papel importante no funcionamento das organizações religiosas cristãs, por trabalharem diretamente com inúmeros fiéis nas igrejas e comunidades e por se responsabilizarem pelo cuidado com o funcionamento das organizações, assim como pelo bem espiritual e pastoral dos membros da congregação a eles confiados.

### 1.3.1 Considerações acerca das Possíveis Causas do Sofrimento Psíquico entre os Ministros Cristãos no Trabalho do Exercício do Pastoreio

Segundo Pereira o sofrimento psíquico oriundo do trabalho do cuidado pastoral, simultaneamente, origina-se em duas fontes: a primeira se refere aos fatores externos ligados à organização eclesial como, por exemplo, as questões burocráticas, a ausência de apoio administrativo, as dificuldades advindas da própria convivência entre os ministros e os desafios próprios das condições de trabalho; enquanto a segunda fonte germina dos fatores intrapessoais como o alto idealismo, a personalidade narcisista e do perfeccionismo<sup>98</sup>.

Segundo Ceccarelli, “o ser humano traz um sofrimento psíquico, geneticamente herdado, causado pelo excesso”<sup>99</sup>. Já Cesar Vasconcellos, médico psiquiatra, em entrevista sobre o sofrimento psíquico de líderes religiosos afirma, todavia, que o esgotamento entre os ministros pode ter como causas:

[...] a ambição exagerada, profunda ou desesperada necessidade de aprovação, medo de que o trabalho não esteja a contento, necessidade de sentir que está no controle o tempo todo, ou qualquer comportamento, desejo e motivação que domina de forma incontrolável.<sup>100</sup>

Do ponto de vista de Munhoz, o líder religioso mostra seu carisma pelo poder de influenciar outras pessoas, razão pela qual parte do seu tempo é empregada na manutenção dessa imagem, como algo essencial para torná-lo um exemplo, com atribuições e procedimentos até mesmo sobrenaturais<sup>101</sup>.

<sup>97</sup> MORAIS, 2008, p. 20-21.

<sup>98</sup> PEREIRA, William César Castilho. Sofrimento psíquico dos Presbíteros – Dor Institucional – Petrópolis: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012. p. 67-134

<sup>99</sup> CECCARELLI, 2005, p. 475.

<sup>100</sup> VASCONCELLOS, 2017, p. 8.

<sup>101</sup> MUNHOZ, Juliana Neri. Religião e psicologia no azul da Congregação da Imaculada Conceição de Castres. *Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 18, p. 44-59, mar. 2020. p. 46. [online].

O pastor tem um tom da cultura evangélica como o messias esperado, o cara que vai resolver isso ou aquilo. Se exige muito do pastor, que ele tenha uma família ou uma vida familiar saudável e compatível com o padrão espiritual para as pessoas, um bom parâmetro para as pessoas, um modelo para o rebanho. Tem uma cultura messiânica nos pastores de que eles vão ser a solução ou de que a palavra do pastor vai resolver os problemas; então há uma supervalorização da figura do pastor.<sup>102</sup>

Por isso, para a autora, as causas do sofrimento psíquico dos líderes religiosos, da doença mental e de alterações da própria percepção podem residir nesse esforço de manutenção da autoimagem do religioso, na vivência das restrições doutrinárias, nos problemas de relacionamento, na falta de apoio, na constante adaptação a situações difíceis e nas cobranças pelos quais eles passam diariamente<sup>103</sup>.

São momentos críticos que eu tenho vontade de abandonar. Muitas vezes, pela própria solidão, por essa questão do desgaste, um desgaste da fala das pessoas. Tem hora que de fato muita cobrança e às vezes a gente mesmo não ver resultados, então a gente questiona até mesmo a própria vocação.<sup>104</sup>

Pinheiro descreve resultado de pesquisa em clérigos protestantes onde foram avaliadas as principais fontes de sofrimento psíquico nas atividades pastorais. A pesquisa apontou como principais sofrimentos ocupacionais, a preocupação com a educação dos filhos devido às mudanças constantes de residência; a obrigação de se submeter ao processo de nomeação da pastoral; a necessidade constante de precisar negociar a contribuição pastoral com a administração da igreja<sup>105</sup>.

Porém, através de suas pesquisas Pinheiro e Lippa firmam que as inúmeras exigências e as altas expectativas dos membros das igrejas em relação à competência pessoal e profissional do ministro religioso cristão produzem sofrimentos psíquicos<sup>106</sup>. Tais sofrimentos são expressos por estados emocionais como frustração, angústia, depressão e dúvidas em relação a sua competência profissional.

Assim, de acordo com Pereira, na gênese da vocação destaca-se a importância da representação por parte da pessoa chamada. Tal representação gera a percepção do ministério como algo plausível e de grande valor e poder de atração sobre o imaginário social<sup>107</sup>. Mergulhado nesse ambiente, o vocacionado ao ministério religioso entende o chamado em

<sup>102</sup> NAKANO, Erika Feltrin Marques. Burnout, *Discurso do sujeito coletivo e aspectos psicossociais em Pastorais e Pastores*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 58

<sup>103</sup> MUNHOZ, 2020.

<sup>104</sup> NAKANO, 2017, p. 83

<sup>105</sup> PINHEIRO, Cesar Roberto. Stress ocupacional e qualidade de vida em clérigos (as). Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008. p. 81

<sup>106</sup> PINHEIRO; LIPP, 2009, p. 128-129.

<sup>107</sup> PEREIRA, 2012, p. 178.

diferentes etapas da vida e com múltiplas manifestações, sobretudo por meio das cerimônias e rituais que chamam a atenção nas diversas fases da vida – “da fantasia das crianças ao clamor dos jovens maduros e adultos.”<sup>108</sup>

De acordo com Pereira o ideário da formação clérigos cristãos, institui um enorme número de exigências contidas de rígidas regras e leis, que provocam um distanciamento do ministro religioso cristão das experiências humanas. Com isso, produz-se grande cisão entre o ideal e a realidade habitual e muito aquém do parâmetro de ser capaz como Deus, o clérigo se manifesta num vazio de eficácia amorosa. Para o autor ambiente formativo dos seminários oferece um relevo excessivo do sagrado ao imaginário do indivíduo. Porém, na prática, as celebrações litúrgicas, os acompanhamentos das obras, as obrigações cotidianas os levam a um conjunto de decepções e grandes dificuldades para conviver com os fiéis, até mesmo com os companheiros de ministérios.

Assim, no entendimento de Pereira, inicia as primeiras experiências de sofrimento psíquico, devido ao declínio do ideal, as frustrações, os desentrosamentos, os problemas afetivos, as expressões autoritárias, o isolamento e até mesmo agressividade. O centro da vida ministerial está impregnado de coerções burocráticas, de contendas mesquinhas por prestígio, poder e ambição em que os resultados aguardados através das expectativas alimentadas no processo formativos acabam se mostrando ínfimas e insuficientes.

Com isso, o trabalho no campo do cuidado pastoral leva ao alto índice de esgotamento físico, psíquico e emocional em clérigos católico. Tal realidade conduz a anulação de forças espirituais, levando muitos clérigos a determinados caminhos, tais como o abandono do ministério do pastorado e ou permanência no exercício do pastoreio, mas de forma passiva, inativa e depressiva, fenômeno que na cultura religiosa é chamado de “Síndrome do bom samaritano desiludido pela compaixão”.

Na compreensão de Pereira, o quadro dos ministros religiosos é desalentador, tendo como principais causas do desalento - a submissão, por parte dos clérigos, a uma sobrecarga burocrática e repetitiva; as constantes frustrações nos trabalhos pastorais e de convivência; o desprestígio da classe, que tende a provocar a indução à baixa autoestima e ao sentimento de pouca pertença ao presbitério, além da disfunção entre os valores pessoais e as reivindicações institucionais; Acrescendo ainda grande número de desistência de colegas de ministério, as divisões geradas pelas competições em torno do poder e status e a ausência gradual da falta de espiritualidade genuína.

---

<sup>108</sup> PEREIRA, 2012, p. 178, 228.



Tem dias que parece que bate essa solidão, e eu quero ficar sozinho no meu canto, sem falar com ninguém, de chegar a desligar o wi-fi do celular para ninguém me incomodar nos watts app. Tem gente que eu não quero ser sociável; já teve vezes assim, de eu estar no shopping na segunda-feira, que é o meu dia de folga e eu não quero encontrar ninguém, de eu desviar o caminho porque avistei uma pessoa de longe e não quero encontrar com ela, gente da igreja; não quero conversar com ninguém; de passar com o celular e entrar em algum lugar para ninguém me ver. Eu não quero ver gente. Eu quero ver gente, mas não quero ter contato. Eu quero ir e olhar como se fosse um bando de paisagem. De vez em quando, eu tenho essa de não querer ver gente.<sup>109</sup>

Conforme o autor, a predisposição dos trabalhadores no campo pastoral ao sofrimento psíquico não é recente, pois se trata de um fenômeno antigo e intrigante. Para exemplificar sua tese, cita Êxodo 18,16-23 onde Moisés ao fazer experiência do sofrimento psicológico, passou por uma sessão terapêutica com o sogro Jetro, assimilou as sugestões e se colocou a adotar novas estratégias para lidar com os sofrimentos advindos do trabalho pastoral. Conforme Pereira, em cada período da história houve alterações no “modo de fazer”, no “modo de relacionar-se” e o no “modo de proceder à subjetivação”. Em consequência, mudam as formas como o trabalho pastoral deve ser executado, trazendo evidentes impasses e sofrimento para os ministros religiosos<sup>110</sup>.

Nesse sentido - para facilitar a compreensão, como também acentuar as possíveis diferenças - serão descritas as exigências entre os ministros católicos e protestantes. As exigências legais ou canônicas, para os padres católicos romanos, visando ao exercício do pastoreio nas comunidades paroquiais, estão contidas no Código de Direito Canônico, em especial nos cânones 515 a 552, referentes aos párocos:

O pároco é o pastor próprio da paróquia que lhe foi confiada, e presta a cura pastoral à comunidade que lhe foi entregue, sob a autoridade do Bispo diocesano, do qual foi chamado a partilhar o ministério de Cristo, para que, em favor da mesma comunidade, desempenhe o múnus de ensinar, santificar e governar, com a cooperação ainda de outros presbíteros ou diáconos e com a ajuda de fiéis leigos, nos termos do direito.<sup>111</sup>

De modo especial, os documentos eclesiais mostram que dentre as principais responsabilidades traduzidas no alto número de tarefas do exercício do pastoreio para o ministro católico, encontram-se:

- a) Presidir toda a pastoral paroquial, em função da eucaristia como centro da vida da comunidade;
- b) Presidir as celebrações eucarísticas todos os domingos e festas de preceito;

<sup>109</sup> NAKANO, 2017, p. 83.

<sup>110</sup> PEREIRA, 2012, p. 67-134.

<sup>111</sup> SANTA SÉ. Código de Direito Canônico. *Editorial Apostolado de Oração*. 4. ed. Braga, Lisboa, 1983. p. 95.

- c) Caminhar com proximidade junto aos agentes de pastorais, além de lhes assegurar a formação catequética permanente, no âmbito espiritual, doutrinário e metodológico;
- d) Ocupar-se de conduzir o processo de iniciação cristã de crianças, jovens e adultos, constituindo modelo de fé;
- e) No nível estrutural e gerencial, promover o diálogo;
- f) Cuidar do fortalecimento das comunidades eclesiais, juntamente com seus conselhos pastorais;
- g) Promover uma estrutura na qual seja ativada uma missão permanente.

Além disso, o pároco é chamado à atenção quanto à sua responsabilidade junto aos enfermos e à necessidade de testemunhar a unidade, a comunhão e a aceitação em sua comunidade paroquial<sup>112</sup>.

Assim, nota-se claramente que os ministros católicos praticam uma enorme gama de atividades. Entre as mais comuns estão a celebração da eucaristia, as confissões, os casamentos, os batizados e os funerais, além dos aconselhamentos pessoais, as visitas aos enfermos e pessoas necessitadas, reuniões dentro ou fora da paróquia e administração financeira. Eles ainda necessitam de tempo para oração pessoal e estudo, exigência do exercício do ministério, como também devem conduzir o próprio veículo, atividade comum para a maioria dos padres. Cabe, portanto, salientar que o ministro vive num clima de apreensão causado de um lado pela demanda excessiva por parte dos fiéis e, por outro lado, pela escassez de recursos econômicos e dificuldade de planejamento<sup>113</sup>.

Observando as exigências, bem como as pressões quanto ao desempenho com maior qualidade dos ministros cristãos, alguns autores chegam a resultados preocupantes, entre os quais Doffrff, que na década passada alertava que as inúmeras e altas demandas dos ministros católicos levariam em curto espaço de tempo, a um suicídio sacerdotal<sup>114</sup>. Para esse autor, tanto os presbíteros como as comunidades atribuem ao excesso de trabalho um valor divino, não o vendo como comportamento comum e espiritualmente destrutivo. Doffrff, no entanto, afirma que tais exigências são irracionais, injustas e não consideram as limitações físicas, psicológicas, espirituais e pessoais do ministro, motivo pelo qual representam uma fonte inesgotável de sofrimento psíquico<sup>115</sup>.

<sup>112</sup> TEJO, J. D. Haciaun. Perfil de responsabilidades de um pároco. *Revista de Ciências Religiosas*, v. 20, n. 2, p. 75-79, 2011.

<sup>113</sup> VALDIVIESO, G. *Reflexión sobre La Parroquia y el rol Del Párroco a partir de los estudios realizados*. 2012. [online].

<sup>114</sup> DOFFRFF, F. Estamos matando a nuestros sacerdotes, *CISOC Bellarmino, Boletín Pastoral*, maio, 2000. [online].

<sup>115</sup> DOFFRFF, 2000, [online].

Ao tratar sobre o tema, Pereira enfatiza que a ação no exercício do pastoreio varia de uma época para outra, gerando novas maneiras de relacionamento e produção de subjetividades<sup>116</sup>. Para o autor, atualmente o mundo passa por transformações profundas e de grande abrangência em um processo de desconstrução e construção. Segundo ele, os ministros religiosos cristãos, em sua maioria, percebem a intensidade das mudanças, o que afeta o sentido da vida ministerial, causando um tipo de sofrimento psíquico expresso como tristeza, desânimo e angústia:

O sofrimento do presbítero está associado ao desgaste físico, emocional, à solidão, à falta de afetividade, à perda de importância e status perante a sociedade, ao envelhecimento, diminuição de vocações, a pouca presença em meios populares, na linha de frente lutando pela justiça, e o declínio da dimensão mística e profética.<sup>117</sup>

Contudo, ao realizar profunda análise sobre diversos documentos episcopais, Herrera explica que a vocação sacerdotal pressupõe uma dedicação completa ao serviço de Deus e da sociedade<sup>118</sup>. No entanto, a pesquisadora frisa que no atual contexto social, a missão do ministro religioso se torna mais exigente com o crescente pluralismo, em que se relativizam os valores, deixando a Igreja desconfortável, tanto menos respeitada institucionalmente, quanto mais temida e questionada. Tal contexto afeta o valor social do ministro, cuja imagem se torna menos idealizada, como se fosse um elemento contra cultural. A vocação sacerdotal é posta à prova, exigindo nova definição do seu papel social e político, em que a maturidade humana se torna a maior e mais relevante exigência na prática cotidiana do pastoreio.

De acordo com Conceição, o exercício do ministério cristão nas igrejas protestantes baseia-se única e exclusivamente na Bíblia Sagrada<sup>119</sup>- a qual no entendimento de Silva - oferece preceitos fundamentais na edificação da liderança. O primeiro deles é a demonstração de sofrimento pelo Evangelho, compreendido como completa entrega à sua pregação; o segundo exorta os líderes a que se conservem na pureza do Evangelho na sustentação da pura e verdadeira exposição da herança deixada por Cristo; o terceiro determina que o ministro, na qualidade de líder cristão, antes de tudo, deve conservar para si os preceitos anunciados, bem como segui-los fielmente; o quarto diz respeito à transmissão do Evangelho, das regras de fé – missão confiada aos ministros cristãos de explicar e ensinar; o quinto e último instrui no bom

<sup>116</sup> PEREIRA, 2012, p. 165.

<sup>117</sup> PEREIRA, 2012, p. 449-451.

<sup>118</sup> HERRERA, H. L. *Incidencia Del Síndrome de Burnout em Sacerdotes Católicos Latinoamericano y su Relación com la inteligência emocional*. Universidad de Salamanca, 2009. p. 100.

<sup>119</sup> CONCEIÇÃO, F. N. *Crítérios fundamentais que determinam a construção de uma liderança cristã em uma entidade religiosa do Distrito Federal*. 2013, 29 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013. p. 9-10.



manejo das Sagradas Escrituras, de modo a que sejam precisamente encontrados os assuntos a serem vividos e ensinados<sup>120</sup>.

Alguns estudos voltados exclusivamente para os pastores evangélicos apontam, segundo José:

[...] que o exercício do pastoreio imprime no ministro um grau elevado de idealização, provando auto-exigência, em forma de auto-perfeição exacerbada. Como consequência desta auto-exigência, colhem o estresse como fruto de um trabalho visto, equivocadamente, como algo apenas espiritual. Por isso, a necessidade de estudar o contexto e as situações que contribuem para o surgimento de doenças físicas e emocionais que dificultam o papel dos pastores na sociedade contemporânea.<sup>121</sup>

Oliveira relata outra fonte de sofrimento intrapsíquico para os clérigos no exercício do pastoreio, que é a observação da sua família pelos membros da congregação<sup>122</sup>. De acordo com o autor, o imaginário evangélico elege um padrão de esposa ideal para pastores, como ainda dos seus filhos, em dar exemplos, perdendo até mesmo o direito de se comportar de acordo com a sua faixa etária. A família do ministro torna-se um tipo de vitrine, o que também provoca sofrimento. Nesse sentido, estudos elaborados por Pinheiro e Lipp também constataam alto nível de *stress* e má qualidade de vida no que tange à saúde de ministros protestantes, apontando como fontes estressoras a preocupação com a educação dos filhos e as mudanças de residência, sujeição ao processo de nomeação pastoral e negociação dos subsídios pastorais com a administração da igreja<sup>123</sup>.

Nessa perspectiva, Almeida aponta que o sofrimento do líder cristão protestante afeta a família de 81,7% dos pastores pesquisados, número expressivo e, conforme o autor, bastante nocivo, considerando-se também as possíveis consequências para os familiares<sup>124</sup>. Outro fator relevante de sofrimento psíquico para os ministros cristãos protestantes é o alto endividamento financeiro de muitos pastores. Assim, afirma o autor:

Outro ponto que me chamou a atenção é o endividamento financeiro dos pastores estar em alta. Para entendermos melhor precisaríamos ter uma pesquisa muito mais completa ou estudar caso por caso. O fato é que muitos pastores estão endividados e isso certamente faz com que o sofrimento seja inevitável.<sup>125</sup>

<sup>120</sup> SILVA, 2018, p. 32.

<sup>121</sup> JOSÉ, Alexandre Botelho. O ministério eclesiástico e o sofrimento intrapsíquico (re)velado desse trabalho. *UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 4, n. 2, p. 2-28, 2016. p. 3.

<sup>122</sup> OLIVEIRA, R. M. K. *Cuidando de quem cuida: propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – EST, São Leopoldo, 2004. p. 89.

<sup>123</sup> PINHEIRO; LIPP, 2009, p. 126.

<sup>124</sup> ALMEIDA, Denis. *Pastores, salvem-se! Encontre soluções para os desafios da Vida Pastoral*. Maceió: Sal Cultural, 2019. p. 18.

<sup>125</sup> ALMEIDA, 2019, p. 35.

Assim, a literatura tem evidenciado que as exigências impostas àqueles que exercem o ministério nas igrejas cristãs podem causar sofrimentos psíquicos entre os ministros religiosos, sejam eles católicos ou protestantes.

### 1.3.2 As Consequências Atribuídas ao Sofrimento Psíquico, Segundo a Revisão Literária

Na óptica de Prado, o estresse ocupacional, uma das manifestações do sofrimento psíquico oriundo do trabalho do cuidado pastoral, tem como primeira consequência a diminuição da capacidade de trabalho, que somada a outras vulnerabilidades, pode desencadear doença orgânica ou disfunções expressivas<sup>126</sup>.

Já na visão de Silva, o trabalho pastoral lança os ministros religiosos em uma zona emocionalmente perigosa<sup>127</sup>. O autor aponta uma série de consequências do sofrimento entre ministros religiosos, principalmente os que ele denomina cansaço da compaixão<sup>128</sup>. Uma dessas consequências é o abandono do ministério pastoral. Silva exemplifica em números, servindo-se de pesquisa feita na Austrália e nos Estados Unidos entre ministros religiosos de diversas classes. Os dados mostram que na Austrália, o abandono de trabalho girou em torno de 30% entre os ministros nos primeiros cinco anos, enquanto nos Estados Unidos as desistências chegaram a 50% no mesmo período.

Contudo na descrição de Silva, umas das evidências do sofrimento psíquico do ministro eclesiástico são as atividades compensatórias, o individualismo, a racionalização e o rígido controle do tempo<sup>129</sup>. Outro indicador ainda é a alta taxa de suicídio. Entre os religiosos, alerta o autor, o assunto continua sendo tratado como grande tabu, fonte de controvérsia e silêncio, o que dificulta ainda mais a busca de ajuda diante de problemas como ansiedade e depressão, uma das principais causas de suicídio no mundo atual<sup>130</sup>.

Segundo dados do governo, no Brasil acontecem, em média, dez mil suicídios por ano, cerca de 32 por dia, enquanto no mundo a frequência é de um suicídio a cada quarenta segundos, somando milhões a cada ano<sup>131</sup>. Nesse sentido, Silva aponta que o problema atinge

<sup>126</sup> PRADO, Claudia Eliza Papa. Estresse ocupacional: causas e consequências. *RevBrasMed Trab.* v. 14, n. 3, p. 285-289, 2016. p. 285.

<sup>127</sup> SILVA, 2018, p. 31-35.

<sup>128</sup> SILVA, 2018, p. 31-35.

<sup>129</sup> SILVA, R. R. *Profissão pastor: prazer e sofrimento. Uma análise Psicodinâmica do Trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais.* Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004, p. 6. [online].

<sup>130</sup> SILVA, 2018, p. 38- 41.

<sup>131</sup> BRASIL, Governo Federal. *Cartilha do Governo Federal sobre prevenção do suicídio aponta que 90% dos casos podem ser prevenidos, e traz esta e outras estatísticas, mostrando a gravidade do problema.* [online].

os ministros religiosos cristãos, frisando que os jornais estampam o que o tabu silencia, citando o suicídio de oito ministros religiosos entre 2017 e 2018, sendo que em apenas quinze dias, foram três padres. Posteriormente, um pastor da Igreja Presbiteriana cometeu suicídio usando uma espingarda e, meses depois, os jornais noticiavam o suicídio de uma pastora da Igreja Quadrangular. No mesmo ano, três pastores da Assembleia de Deus puseram fim à própria vida<sup>132</sup>.

Pereira afirma que os reflexos dos danos sociais também incidem sobre os ministros religiosos cristãos, variando de acordo com cada época<sup>133</sup>. Entretanto, segundo Munhoz, o sofrimento por eles experimentado tem causas que vão além dos reflexos sociais<sup>134</sup>. O autor afirma que a principal causa do adoecimento mental dos ministros está na percepção que eles têm de si mesmos.

Ainda para Munhoz, os ministros cristãos, em sua maioria, não entendem que no exercício do ministério, as emoções e sentimentos são inseparáveis da religião<sup>135</sup>. Assim, mesmo que ela seja a motivação principal, tais sujeitos não podem deixar para segunda instância as suas necessidades individuais, nem tampouco permitir que elas se misturem com as crenças e princípios religiosos.

Em geral, a literatura delinea o sofrimento psíquico dos ministros religiosos das igrejas cristãs como algo condicionado a desgastes psicológicos e físicos, sentimento de desvalorização, falta de liberdade no cumprimento das tarefas, sensação de despreparo, dificuldade de manter o controle emocional, excesso de estresse, aborrecimento constante, impaciência e, para alguns pastores protestantes, também dívidas e problemas conjugais.

Assim, entende-se que, devido a exigência, muitas vezes impostas pelos próprios ministros religiosos cristãos, em viver e exercer o trabalho pastoral em tempo integral, na busca de conformar as suas vidas e ministério com o ser e o fazer de Cristo, acelera a percepção ilusória de busca pela unidade de vida e ministério, reforçando a tentação de desprezar a humanidade do religioso e conseqüentemente abrindo as portas para os desgastes físicos, psicológicos e demais descontentamentos, desprazeres e contrariedades que tudo isso acarreta.

---

<sup>132</sup> SILVA, 2018, p. 39-41.

<sup>133</sup> PEREIRA, W. C. C. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012. p. 165.

<sup>134</sup> MUNHOZ, 2020, p. 44-59.

<sup>135</sup> MUNHOZ, 2020, p. 44-59.

## 2 O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO TRABALHO NO EXERCÍCIO DO PASTOREIO DAS IGREJAS CRISTÃS À LUZ DA PSICODINÂMICA

A investigação pretende o primeiro aspecto psicológico sem desconhecer o segundo o papel da religião, ou seja, a descrição da experiência religiosa e o sentido que sustentam a experiência e dedicação dos ministros religiosos frente ao exercício do pastoreio. Assim, cabe esclarecer primeiro o significado da palavra religião. O termo “religião” origina-se do latim "religio", que exprime "prestar culto a uma divindade", “ligar novamente” ou simplesmente "religar". Por isso, religião pode ser definida, de forma genérica, como um conjunto de crenças, implícitas ou explícitas, pelas quais o sujeito se relaciona com o que ele designa de sobrenatural, sublime, sagrado, transcendental, divino, assim como o conjunto de rituais e códigos morais que procedem dessas crenças e as alimentam. No entendimento de Boff a papel essencial da religião é “criar e oferecer condições para que cada pessoa humana e as comunidades possam fazer um mergulho na realidade divina e ter sua experiência pessoal de Deus.”<sup>136</sup>

Neste capítulo será destacada a abordagem de Dejours, estabelecendo uma relação entre prazer e sofrimento, bem como examinando as estratégias defensivas do trabalhador, para evitar o sofrimento em busca do prazer no trabalho pastoral das igrejas cristãs. Assim, opta-se pela utilização da Psicodinâmica do Trabalho como referencial teórico-metodológico, pela percepção a partir do levantamento bibliográfico, de que tal abordagem constitui ferramenta útil à compreensão da relação entre trabalho e saúde, ao conter em seu construto conceitos fundamentais a uma pesquisa dessa natureza.

Neste contexto, a Psicodinâmica do Trabalho discorre sobre a relação entre o aparelho psíquico do trabalhador e a organização do trabalho, além das consequências positivas ou negativas na saúde mental. Trata-se de um método que confere a compreensão da relação entre a organização do trabalho e a saúde ou adoecimento no trabalhador, oferecendo as informações respeitáveis para a identificação das maneiras de prazer e sofrimento. Além disso, este aporte teórico dispõe de instrumentos para avaliar as formas de como os ministros eclesiais, na qualidade de trabalhadores, enfrentam as situações de sofrimentos como resultado das pressões e exigências sucedidas do arranjo e aparelhamento do trabalho pastoral<sup>137</sup>.

<sup>136</sup> BOFF, Leonardo. Crise: oportunidade de crescimento. Verus. Campinas, 2002. p. 58

<sup>137</sup> DEJOURS, C. *Subjetividade, trabalho e ação*. Produção, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

## 2.1 A Investigação e Compreensão das Relações entre Trabalho e Sofrimento Psíquico e sua Transversalidade

O termo trabalho é um conceito transversal, fruto de concepções de cunho social e histórico, originado pelo conjunto das ciências que abrangem os diversos campos do conhecimento<sup>138</sup>. Já o sofrimento psíquico, em associação ao contexto laboral, habitualmente tem suas causas explicadas segundo duas concepções:

[...] a primeira é que estas deveriam ser buscadas prioritariamente pelas peculiaridades do indivíduo em termos físicos, fisiológicos, psicossociais e em sua história de vida no núcleo familiar anterior à vida de trabalho. A segunda posição está relacionada com a adoção de uma postura de naturalização da idéia de que o trabalho produz sofrimento, cujo curso seria impossível de ser modificado, inquestionável e intransponível.<sup>139</sup>

De acordo com Barbosa, os processos de saúde-doença no trabalho são compreendidos de modos distintos e variados, o que proporciona o relacionamento entre muitos pontos de vista e perspectivas teóricas aceitas na área de Saúde e Trabalho<sup>140</sup>. No entanto, para Spink<sup>141</sup>, é uma das atribuições da psicologia do trabalho a orientação de estudo, prevenção, intervenção e entendimento dos processos que envolvem a qualidade de vida e saúde laboral. Diz o autor, que compete à psicologia do trabalho voltar-se para o trabalhador e suas relações no contexto laboral, conservando o foco como ciência da subjetividade, abrangendo a capacidade de intervenção em diferentes meios organizacionais e categorias profissionais<sup>142</sup>. Spink afirma ainda, que cabe a essa área da psicologia propor e contribuir para a melhoria das condições de trabalho e a saúde mental dos trabalhadores, mediante pesquisas que privilegiem o estudo dos fenômenos e processos psicológicos das diversas atividades e condições no ambiente de trabalho.

Analisando o vínculo entre saúde mental e trabalho, TITTONI enfatiza a existência de dois eixos de abordagens teórico-metodológicas no campo da psicologia do trabalho<sup>143</sup>. O primeiro deles é representado principalmente pelos estudos de CODO, que têm na epidemiologia sua referência metodológica, pautada no diagnóstico de sintomas de origem

<sup>138</sup> COSTA, Júlia Gomes Fernandes Soraya; MEDEIROS, Maria Medeiros. Sofrimento psíquico e trabalho: uma revisão integrativa de literatura, *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, Vitória, v.15, n. 2, p. 116-121, abr.-jun., 2001. p. 118.

<sup>139</sup> COSTA *et al*, 2001, p. 118.

<sup>140</sup> BARBOSA, Maria do Socorro Xavier Travassos. *Trabalho docente, readaptação funcional e identidade: um estudo de caso*. Universidade de Brasília. Brasília, 2014, p. 46. [online].

<sup>141</sup> SPINK, Peter. K. A organização como fenômeno psicossocial: Notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, v. 8, n. 1, p. 174-192, 1996.

<sup>142</sup> SPINK, 1996.

<sup>143</sup> CODO, W. Histeria em creches. In: CODO, W. e SAMPAIO, J.J.C. *Sofrimento Psíquico nas Organizações. Saúde Mental e Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1995.



psicológica e em suas vinculações às situações de trabalho. O segundo eixo, fundamentado nos estudos de Christophe Dejours, pesquisa os efeitos das transformações do mundo do trabalho no psiquismo dos trabalhadores. Tal abordagem teórico-metodológica, denominada Psicodinâmica do Trabalho, ocupa-se das representações dos trabalhadores e suas experiências no cotidiano de trabalho e nas situações de adoecimento, não enfatizando o diagnóstico das doenças ocupacionais<sup>144</sup>.

Barbosa salienta que a Psicodinâmica do Trabalho vê na atividade laboral uma região originária de processos de alienação e de descompensação psíquica<sup>145</sup>. Segundo Bouyer, a abordagem dejouriana proporcionou inestimáveis contribuições teórico-metodológicas ao campo da Psicologia do Trabalho e, em especial, para a área da Saúde Mental e Trabalho<sup>146</sup>. Para a autora, essa teoria supriu uma lacuna histórica nas pesquisas sobre a influência do trabalho na vida mental, ao robustecer a centralidade do trabalho na compreensão, não somente da doença, mas também da saúde e do prazer. Por isso, preconiza que a normalidade, aceita pelo senso comum, torna-se objeto de investigação científica, desvendando a questão do sofrimento e especialmente o compromisso entre sofrimento e defesa.

O destaque alcançado por essa abordagem está na maneira como responde a inquietações do conflito do trabalho e seus desafios, tais como prazer, sofrimento, inclusão, exclusão social e trabalho<sup>147</sup>. Na justificativa de Dejours, a finalidade da Psicodinâmica do Trabalho consiste em tratar o trabalho como atividade humana da qual se busca interpretar clinicamente as causas, os fracassos e as vitórias, reconhecendo suas implicações para o trabalhador<sup>148</sup>.

Assim, dentre os vários marcos, manifestações e considerações sobre o sofrimento psíquico no trabalho, para esta pesquisa, adotam-se os seguintes indicadores: o desgaste representado por estresse, cansaço, desânimo e a desvalorização, definida a partir do sentimento de insegurança no tocante à produtividade e ao desempenho.

---

<sup>144</sup> TITTONI, J. Saúde mental. In: CATTANI, A.D. (Org.). *Trabalho e Tecnologia* – Dicionário Crítico. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002, 4. ed., revisão ampliada, p. 41.

<sup>145</sup> BARBOSA, 2014, p. 47.

<sup>146</sup> BOUYER, Gilbert Cardoso. Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador". *Rev. bras. saúde ocup.* São Paulo, v. 35, n. 122, p. 249-259, 2010. p. 258. [online].

<sup>147</sup> BUENO, Marcos; MACÊDO, Kátia Barbosa. A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 306-318, 2012. p. 307.

<sup>148</sup> DEJOURS, Christophe. A Psicodinâmica do Trabalho na pós-modernidade. In: MENDES, A. M.; CRUZ, S. C.; FACAS, E. P. (Orgs.). *Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007. p. 14-15.

### 2.1.1 A Psicodinâmica do Trabalho e sua Trajetória de Contribuição na Compreensão do Adoecimento Causado pelo Exercício Laboral

Esta investigação tem como objeto compreender aspecto psicológico do ministro religiosos cristão no trabalho do cuidado pastoral, sem desconhecer o segundo que é o papel e a influência da religião, uma vez que é a experiência e o sentido religioso que sustentam a vivência e a dedicação dos ministros religiosos frente ao exercício do pastoreio. Como ecoa no entendimento de Boff, ao afirmar que o papel essencial da religião é “criar e oferecer condições para que cada pessoa humana e as comunidades possam fazer um mergulho na realidade divina e ter sua experiência pessoal de Deus.”<sup>149</sup>

Na compreensão de Valle, de um lado os determinantes da religião são diversos e complexos, cabendo variadas formas de estudos pela Sociologia, Psicologia, História, Filosofia, Antropologia e outras ciências; por outro lado, não deixa de ser verdadeiro o seu poder de influência na existência de cada ser indivíduo, que é distinto. Valle afirma que “não existe âmbito algum da personalidade sujeito a evolução tão complexa como o da sensibilidade religiosa, razão pela qual é precisamente aqui que devemos contar com as maiores diferenças<sup>150</sup>.”

Para esse intento, será utilizado como base a Psicodinâmica do Trabalho, que teve como marco inicial a obra de Dejours, publicada em 1980 e intitulada *A loucura do trabalho*. Tal obra proporcionou, segundo Merlo e Mendes, melhor compreensão das relações entre o trabalho e a saúde psíquica do trabalhador, tornando-se um importante referencial e subsidiando estudos e intervenções teórico-metodológica para área clínica e da saúde mental no trabalho<sup>151</sup>.

A evolução da Psicodinâmica do Trabalho é marcada por três etapas distintas. A etapa inicial objetivou entender o sofrimento psíquico, sua origem e suas transformações, como ainda investigar a dinâmica dos sofrimentos e as estratégias de defesa desenvolvidas pelos trabalhadores; na segunda etapa as pesquisas investigaram a forma como o trabalhador vivencia uma realidade prazerosa na relação com o trabalho; e na terceira etapa, o foco se

<sup>149</sup> BOFF, Leonardo. Crise: oportunidade de crescimento. Verus. Campinas, 2002. p. 58

<sup>150</sup> VALLE, J.E.R. Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. In M. M. Amatzuzi (Org.). Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2005. p. 93.

<sup>151</sup> MERLO, A. R. C., e MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12, 2009. p. 141.



voltou à construção da identidade do trabalhador, chegando à dinâmica do reconhecimento das vivências de prazer e sofrimento, frente às novas estruturas de organização do trabalho<sup>152</sup>.

Chehab define Psicodinâmica do Trabalho como “uma abordagem científica, de caráter clínico, cujo centro da investigação contempla o sofrimento e a normalidade no trabalho”<sup>153</sup>. Conforme a pesquisadora, ao longo do tempo, a escola dejouriana ampliou seu enfoque,

[...] transpondo as fronteiras dos estudos da dinâmica saúde-doença e procurando compreender as consequências das organizações e modelos de gestão do trabalho contemporâneo sobre o aparelho psíquico do trabalhador. A partir do avanço nas pesquisas, tornou-se uma abordagem autônoma com objeto, princípios, conceitos e métodos próprios<sup>154</sup>.

Porém, Mendes<sup>155</sup> afirma que a Psicodinâmica do Trabalho se situa como instrumento capaz de compreender tanto os processos de saúde, quanto as patologias do trabalho, por dois motivos. O primeiro é que essa abordagem privilegia a clínica como modo de construção do conhecimento, de interpretação e de análise do trabalho. O segundo está ligado à sua construção teórica, capaz de oferecer instrumental para descrever e entender as relações dinâmicas na organização do trabalho, manifestas nas vivências de prazer e sofrimento, nas estratégias de ação para mediar contradições da organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento<sup>156</sup>. Para essa autora, o objeto central da abordagem é o sofrimento, originado do conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do sujeito, “uma luta contra as forças que o empurram para a doença mental”<sup>157</sup>.

Contudo, a grande contribuição do modelo apresentado por Dejours é a maneira como investiga o sofrimento psíquico desde o estado pré-patológico, possibilitando identificar as consequências das organizações do trabalho para o aparelho psíquico dos trabalhadores, a fim de buscar uma intervenção terapêutica precoce<sup>158</sup>. Dejours é categórico ao afirmar que “o sofrimento é inevitável e ubíquo. Ele tem raízes na história singular de todo sujeito, sem

<sup>152</sup> ANTLOGA, Carla Sabrina; MENDES, Ana Magnólia. Sofrimento e comprometimento dos vendedores de uma empresa de material de construção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 256, junho de 2009. [online].

<sup>153</sup> CHEHAB, Ana Cláudia J. Vasconcellos. *Mediação do Sofrimento em Trabalhadores Resgatados do Trabalho em Condições Análogas à de escravo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015. p. 24-25. [online].

<sup>154</sup> CHEHAB, 2015, p. 24-25.

<sup>155</sup> MENDES, A. M. Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In: A. M. Mendes (Ed.), *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017. p. 49-87.

<sup>156</sup> MENDES, Ana Magnólia. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (org.). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 30.

<sup>157</sup> MENDES, 2004, p. 67.

<sup>158</sup> CHEHAB, 2015, p. 25.

exceção e repercute no teatro do trabalho, ao entrar numa relação cuja complexidade já observamos, com a organização do trabalho”<sup>159</sup>.

Por sua vez, Lavanchicha destaca:

A pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho oferece condições para o pesquisador, em qualquer área do conhecimento, investigar a relação saúde-trabalho, assim como qualquer categoria profissional pode ser objeto de estudo à luz da psicodinâmica. Portanto, recomenda-se esse construto teórico-metodológico para as diversas áreas do conhecimento, mas, sobretudo, para as ciências humanas.<sup>160</sup>

De acordo com Calado, a Psicodinâmica do Trabalho ilustra o processo de adoecimento por meio da psicossomática, quando o trabalhador passa por uma situação que lhe diminui o desejo, arrisca não somente a psique – depressão, tristeza – mas também o corpo<sup>161</sup>. Ao permanecer algum tempo nesse estado, será grande a possibilidade de adoecimento. Dependendo do modo como é conduzido, o trabalho poderá ser:

[...] um fator de deterioração, de envelhecimento e de doenças graves, mas pode, também, constituir-se em um fator de equilíbrio e de desenvolvimento. A possibilidade da segunda hipótese está vinculada a um trabalho que permita a cada indivíduo aliar as necessidades físicas, o desejo de executar a tarefa.<sup>162</sup>

Nesse sentido, percebe-se que a atividade profissional, além de constituir uma maneira de ganhar a vida é também uma forma de inserção do trabalhador na sociedade e de implicação intensa dos seus componentes psíquicos e físicos<sup>163</sup>.

## 2.1.2 Prazer e Sofrimento no Trabalho do Cuidado Pastoral nas Igrejas Cristãs à Luz da Psicodinâmica do Trabalho

A palavra trabalho, em sua gênese, carrega consigo uma relação estreita com o sofrimento. No entanto, o progresso do conhecimento permitiu sujeitá-lo em duas vertentes - patogênico e o criativo. O sofrimento criativo definido como sendo o agenciador da execução do verdadeiro trabalho, é o suporte do desenvolvimento criativo. Enquanto sofrimento patogênico, por sua vez, frente do esgotamento de todos os recursos defensivos mobilizados, impele o indivíduo para um sentimento de incapacidade e de imbecilidade. O sentimento de

<sup>159</sup> DEJOURS, Christophe *et. al.* *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994. p. 137.

<sup>160</sup> LAVANCHICHA, 2015, p. 14.

<sup>161</sup> CALADO, 2016, p. 29.

<sup>162</sup> DEJOURS, Christophe; DESSORES, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Rev. Adm. Empres.* São Paulo, v. 33, n. 3, p. 98-104, jun. 1993. p. 98.

<sup>163</sup> DEJOURS, 1993, p. 98.

inutilidade, incapacidade de dar conta das exigências sempre mutáveis do trabalho sustenta e fundamenta o fato de que a maneira de ser dos trabalhadores, localiza-se sob interesse e da atenção dos estudos da psicodinâmica do trabalho<sup>164</sup>.

Os teóricos da psicodinâmica de Dejours compreendem que existem múltiplas maneiras de sofrimento psíquico no trabalho em geral e que podem ser aplicados ao trabalho do cuidado pastoral, entre a amargura e a ansiedade de não ser capaz de seguir o ritmo ou os limites de tempo exigido, sofrimento resultante da repetição contínua e do aborrecimento, temor pelas agressões provenientes dos usuários ou dos clientes, apreensão pela dominação e da autoridade exercida pela hierarquia, receio da demissão e transfências de setor ou de cidade, entre outros transtornos<sup>165</sup>.

Da mesma maneira que o sofrimento psíquico no trabalho envolve trabalhadores de todos os níveis e esferas, também a busca pelo bem-estar dos profissionais concentra esforços de muitos estudiosos com o objetivo de identificar, analisar e compreender os impactos de fatores do ambiente de trabalho, da organização, das relações de trabalho e os modos de gestão sobre a vida do trabalhador. Dentre tais pesquisas e estudos, alguns buscam compreender a influência da religião no significado atribuído ao trabalho, dada a inclinação dos membros de muitas igrejas de pensar o trabalho como ministério<sup>166</sup>.

Para Martins e Pinheiro, a compreensão do sofrimento psíquico do trabalhador passa por consideração, conhecimento e inserção na cultura e nos valores da organização, como também pela compreensão dos processos subjetivos envolvidos no campo do trabalho<sup>167</sup>. Esse conjunto de informações facilita a obtenção de conhecimento das relações humanas no trabalho e a verificação de possíveis sintomas.

Contudo para Baptista, a repressão constante das emoções e necessidades como mecanismo de autocontrole suscita enorme fadiga e pode trazer sofrimento psíquico. Uma das soluções propostas pela autora passa pela coragem dos ministros de enfrentamento da situação e pela consciência da impossibilidade de agradar a todos, descrevendo que “um dos fardos da vida dos clérigos é o fardo de si mesmo, que envolve o perfeccionismo impeditivo de uma

<sup>164</sup> DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1999. p. 38

<sup>165</sup> DEJOURS, 1999, p. 38.

<sup>166</sup> FRUTOS, Flávia Pellissari Pomin; ODA, Cíntia Miyuki; VERCESI, Cristiane. *Trabalho e sofrimento: interfaces entre as perspectivas dejoursiana e da ótica cristã*. XXXI Encontro do ANPAD, Rio de Janeiro, setembro de 2007. p. 1-2. [online].

<sup>167</sup> MARTINS, José Clerton de Oliveira; PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes. Sofrimento psíquico nas relações de trabalho. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 7, n. 1, p. 79-85, jan./jun. 2006. p. 82-84. [online].

vida emocional real e a negação e repressão de emoções como raiva, necessidades básicas e sentimentos sexuais”<sup>168</sup>.

Essa situação deriva da concepção ética que permeia o universo emocional do ministro religioso. Sob esse olhar ético, o exercício do pastoreio é praticado como cumprimento de um dever espiritual por alguém que se sente um escolhido divino. Essas ocorrências são mais evidentes entre os ministros protestantes, cujos componentes da vocação e do desempenho ultrapassam o caráter humano ao se alçarem como mandato divino norteador do trabalho e a quem o ministro deve submissão<sup>169</sup>.

Como se pode observar, essa vocação tem tensões naturais próprias e constitui fonte de perigos emocionais peculiares aos ministros, entre os quais estão a crise de identidade, como constante exigência de perfeição e a dificuldade de reconhecer a quem se pertence<sup>170</sup>. As tensões naturais e as constantes crises experimentadas na execução das atividades pastorais se convertem, em muitos casos, em estresse e transtorno depressivo.

Conforme Araújo, os fatores desencadeadores dos sofrimentos psíquicos como o transtorno depressivo e mesmo a ideação suicida dos líderes religiosos passam pelo exercício disfuncional do ministério pastoral, que segundo o autor, inclui:

[...] excesso de atividades, grandes expectativas dos fiéis, falta de apoio das instituições, dificuldades financeiras, além do medo do julgamento por buscar ajuda humana, defendendo um pensamento de super-homem, não deixando transparecer uma atitude de um líder que precisa de ajuda diante dos seus fiéis.<sup>171</sup>

No entendimento de Bernardo, a vida sacerdotal é uma das profissões emocionalmente mais exaustivas, superando a dos policiais, executivos e motoristas de ônibus. O nível de exaustão emocional é maior entre os ministros católicos de paróquias. A causa sugerida é a falta de privacidade e o excesso de tempo à disposição da comunidade, relatando que “não interessa se estão tristes, cansados ou doentes, padres têm que estar à disposição dos fiéis 24 horas por dia, sete dias por semana”<sup>172</sup>.

Em pastores, o sofrimento psíquico e suas causas são um assunto complexo, tendo em vista dois fatores, de modo que como se sentem modelos dos rebanhos, veem-se obrigados a

<sup>168</sup> BAPTISTA, Fernanda Siqueira. *Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos*. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2014. p. 20. [online].

<sup>169</sup> SILVA, Rogério Rodrigues da; HOLANDA, Adriano Furtado. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 375-383, jul.-set. 2008. p. 381.

<sup>170</sup> BAPTISTA, 2014, p. 20.

<sup>171</sup> ARAÚJO, Erismar da Silva Santos. *Estresse entre líderes religiosos protestantes de Palmas – To. Tocantins: Centro Universitário Luterano de Palmas*, 2019. p. 15. [online].

<sup>172</sup> BERNARDO, André. *Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda*. Unisinos, 2017. [online].

se mostrar sempre fortes, dificilmente aceitando que podem estar doentes. Além disso, a insuficiência de informações dessa categoria sobre as psicopatologias redundam em uma ignorância extremamente prejudicial<sup>173</sup>.

Na visão do catolicismo, expressa nos escritos de João Paulo II, o ser humano desde o princípio “é chamado ao trabalho”.<sup>174</sup> Assim, o trabalho, é uma das características que distinguem o ser humano das demais criaturas. Ele qualifica o trabalho como um caminho de santidade, que acompanha a vida humana num percurso assinalado por esforço, fadiga, cansaço e manifestações de dor e luta. Tal esforço é universalmente conhecido e experimentado por todos os trabalhadores, sejam braçais ou intelectuais. No entanto, João Paulo II salientou que embora cause fadiga, o trabalho torna-se bem do homem, valor da sua humanidade, benefício digno e útil. Mediante o trabalho nessa concepção, o ser humano não somente transforma a natureza, mas também realiza a si mesmo e, de certa maneira, torna-se mais humano.

Pagani, que reconhece no exercício do pastoreio um trabalho estressante<sup>175</sup>, assinala que sua natureza intrapessoal, embora proporcione troca de alegrias com as outras pessoas, comporta também lutas e tristezas. O autor afirma que o conhecimento dos próprios limites e a necessidade de desenvolver métodos de lidar com eles são vitais para um ministério efetivo<sup>176</sup>.

Os resultados de pesquisas realizadas entre os presbíteros católicos no Brasil apontam, que na maioria, os padres se consideram homens realizados no que são e no que fazem como exercício do ministério. Sentem-se felizes e julgam ser importante o trabalho que executam na sociedade e na Igreja, dispõem de senso de identificação pessoal com a Igreja e a Diocese, sentem como estimulador o seu ambiente imediato de trabalho, majoritariamente se dão bem com os paroquianos e comunidades, entendem como positivo o relacionamento com os colegas de presbitério, sentindo-se motivados e entusiasmados com seu serviço presbiteral. Todavia, a mesma pesquisa constata a existência de preocupações merecedoras de atenção, tanto dos presbíteros como dos seus superiores, que são a percepção de dificuldades no processo de maturação psicossocial; a constatação de carência quanto à espiritualidade; o

---

<sup>173</sup> DEUS, 2009, p. 189.

<sup>174</sup> PAULO II, Papa João. Carta Encíclica *Laborem Exercens*. *Libreria Editrice Vaticana*, 1981. p. 1-5. [online].

<sup>175</sup> PAGANI, C. L. *Guia para ministros adventistas do sétimo dia*: preparado pela Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. 6. ed. Tatuí: CPB. 2010. p. 27-28.

<sup>176</sup> PAGANI, 2010, p. 27.



sentimento de insegurança em relação ao futuro; e em escala menor, uma relativa insatisfação no relacionamento com o bispo<sup>177</sup>.

No entanto, Silva e Holanda afirmam que os líderes religiosos cristãos passam por alterações no tocante à vivência de prazer e sofrimento no exercício do pastoreio<sup>178</sup>. De modo geral, no entendimento desses autores, o prazer entre os líderes protestantes se deve ao sentimento de utilidade, ao processo produtivo, à oportunidade de vivência de valores como amor, respeito e consideração no trabalho e ao contato mais próximo e presente com os fiéis. O sofrimento moderado se relaciona, principalmente, à diversidade das atividades, à sobrecarga de trabalho, à falta de suporte da organização que permita aos trabalhadores o alívio das tensões decorrentes e, por fim, à elevada carga de tensão emocional causada imposta pela expectativa dos fiéis e pelas cobranças de resultados por parte da organização religiosa.

## 2.2 Práxis, Organização Eclesial e os Fatores de Prazer e Sofrimento Sentido pelos Ministros Religiosos no Exercício do Pastoreio de Acordo a Psicodinâmica de Dejours

Do ponto de vista cultural, as igrejas cristãs não representam lugares sagrados, são meramente organizações sociais. Cada igreja representa uma unidade social, composta por um aglomerado humano, com valores específicos e objetivos determinados<sup>179</sup>. As igrejas cristãs se enquadram como organizações por sua inserção em contextos socioculturais específicos, com suas expressões e “seus mitos, ritos, sistemas simbólicos e de crenças”. Elas contêm diretrizes éticas e se apresentam como guardiãs dos preceitos divinos, com modos particulares de organização de atividades<sup>180</sup>. Além de que, para muitos autores, as igrejas cristãs definem-se como empresas sociais cuja proposta é criar, manter e fornecer religião a um conjunto de indivíduos<sup>181</sup>.

Para Ebert e Soboll, a organização do trabalho - religioso ou não - intervém na saúde psíquica do trabalhador, no que diz respeito tanto aos conteúdos materiais quanto aos simbólicos das atividades, como o intercâmbio entre trabalhador, a atividade e as relações

<sup>177</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges, VIAN, Ludinei Marcos. O lugar social do presbítero no Brasil. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 19-48, mar. 2007. p. 28. [online].

<sup>178</sup> SILVA; HOLANDA, 2008.

<sup>179</sup> SILVA, 2004, p. 13.

<sup>180</sup> CARRANZA, Brenda. D'Ávila. *Renovação carismática: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Ed. Santuário, 2005. p. 19.

<sup>181</sup> GUERRA, Lemuel. A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião. *Religião & Sociedade*, v. 22, n. 2, 135-166, 2002. p. 54. [online].



sociais<sup>182</sup>. Nesse sentido, o conhecimento dos fatores de prazer e de sofrimento é crucial para que as organizações e os próprios trabalhadores estimulem as atividades laborais em sentido mais prazeroso e colaborativo, com o fito de evitar doenças físicas e psíquicas<sup>183</sup>.

Diante disso, Bueno e Barbosa relataram que se faz necessário a compreensão da relação entre a organização e o trabalhador, à luz da abordagem de Dejours em duas fases distintas. A primeira fase consiste no entendimento do lugar da organização, de suas condições e das relações de trabalho, enquanto a segunda fase dessa compreensão abrange a mobilização subjetiva do trabalhador, composta das vivências de prazer e sofrimento, estratégias defensivas e espaço de discussão coletiva<sup>184</sup>.

Para Macêdo e Fleury, a organização do trabalho consiste na divisão de tarefas e obrigações entre os trabalhadores no modo operacional, nas prescrições e na divisão de pessoas, conforme a distribuição das responsabilidades, hierarquia, autoridade e controle, dentre outros. Já as condições de trabalho se referem ao ambiente físico e suas características, ao passo que as relações de trabalho são as internas, estabelecidas com superiores e os pares nas equipes e, as externas, com clientes e fornecedores, por exemplo. Relativo à mobilização subjetiva, esta se compõe de inteligência prática, ação de cooperação, espaço público de discussão e reconhecimento<sup>185</sup>.

Na compreensão dos autores acima citados, a inteligência prática trata dos recursos próprios dos trabalhadores, isto é, da capacidade inventiva de atender às prescrições e resolver situações imprevistas. Quando esse tipo de inteligência se estende ao nível coletivo, transforma-se em ação de cooperação.

A ação de cooperação, segundo elemento da mobilização subjetiva, consiste na estratégia de mobilização coletiva, ação capaz de reduzir e ressignificar o sofrimento, transformando em fonte de prazer a organização do trabalho. Tal ação se dá por meio do espaço público de discussão e pela cooperação entre os sujeitos. O espaço de discussão - terceiro componente da mobilização subjetiva - consiste no espaço público de fala e escuta, que permite a expressão de opiniões com base em crenças, valores e posicionamento ideológico. O quarto e último elemento é o reconhecimento, uma forma específica de

<sup>182</sup> EBERT; SOBOLL, 2009, p. 197-212.

<sup>183</sup> MARTINS, Júlia Trevisan Martins; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz; BOBROFF, Maria Cristina Cescatto. *Prazer e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem*: reflexão à luz da psicodinâmica dejouriana. *Ver. Esc. Enferm.* v. 44, n. 4, p. 1107-1111, 2010. p. 1107. [online].

<sup>184</sup> BUENO; BARBOSA, 2012, p. 313.

<sup>185</sup> MACÊDO, K. B.; FLEURY, A. R. D. O mal-estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica. *Revista Amazônica*, Amazonas, ano 5, v. 9, n. 2, p. 217-238, 2012.

retribuição moral simbólica ao ego, como compensação por sua contribuição à eficácia da organização do trabalho, pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência.

Por fim, Macêdo e Fleury apresentam e descrevem as formas de sofrimento e defesas<sup>186</sup>. O sofrimento criativo consiste na mobilização do indivíduo ao transformar seu sofrimento em algo benéfico para si mesmo, sendo verificado nas condições de liberdade na organização do trabalho, nas margens de negociações entre as imposições organizacionais e no desejo do trabalhador. O sofrimento patogênico, por sua vez, surge com a inflexibilidade da organização do trabalho, que interdita ao sujeito as vias de descarga pulsional no exercício das atividades laborais, mediante estratégias defensivas para suportar o contexto de trabalho. Tais estratégias têm a função de ajudar o sujeito a se adaptar às pressões de trabalho, com o objetivo de conjurar o sofrimento.

Na compreensão de Macêdo e Fleury, a relação entre trabalho e saúde mental ultrapassa o entendimento dos conceitos de categorias como organização do trabalho e mobilização subjetiva. Dentro dessa visão, a chave para essa compreensão está no conhecimento dos tipos de sofrimento. Autores como Ferreira e Mendes definem as manifestações de sofrimento psíquico como “[...] uma vivência individual ou compartilhada de experiências como angústia, medo e insegurança, resultantes da impossibilidade de uma negociação bem-sucedida entre os desejos e anseios individuais e o contexto de produção de bens e serviços<sup>187</sup>”.

Ao estudar a vinculação entre o sofrimento psíquico do líder cristão protestante e o relacionamento com a organização religiosa, Almeida,<sup>188</sup> afirma que 76,4% dos líderes religiosos, no universo estabelecido, admitiram passar por algum sofrimento durante o exercício do ministério. O autor enfatiza que o sofrimento psíquico afeta os ministros, independentemente de faixa etária ou número de anos dedicados ao pastoreio e suas famílias.

Ainda conforme Almeida, os líderes religiosos ao ingressarem no pastoreio, por meio dos ritos de consagração, investem-se de um tipo de fardamento. O ministério se torna uma roupa, parte do corpo, impossível de tirar mesmo em casa. Com isso, o ambiente doméstico passa a ser um prolongamento do gabinete ou do templo, sem limite para início e fim do expediente. Como consequência, cerca de 75% dos pastores são acometidos por esgotamento, estresse, conflitos pessoais e familiares causados por falta de tempo para repouso e lazer

---

<sup>186</sup> MACÊDO; FLEURY, 2012, p. 217-238.

<sup>187</sup> FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. *Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira*. Brasília: LPA, 2003. p. 19.

<sup>188</sup> ALMEIDA, 2019, p. 18-21.

adequados. Cerca de 25% expressam transtornos de humor e ansiedade, manifesta na perda do interesse, bipolaridade, fobias e pânico.<sup>189</sup>

De acordo com Lopes, o contexto da Igreja Católica Apostólica Romana não é diferente. O avanço da tecnologia e sua influência cultural na atualidade expõem toda a sociedade e suas instituições a um cenário de metamorfoses, do qual não escapam as organizações religiosas<sup>190</sup>. Na mesma linha avançam Steil e Toniol, ao afirmarem que tal conjuntura exige das organizações uma busca frenética de adaptação, requerendo dos religiosos novas formas de exercer o ministério<sup>191</sup>. Essa nova condição e suas exigências institucionais se tornam fontes de crises e sofrimentos psíquicos, forçando muitos clérigos à reinvenção e adaptação. A mesma lógica é defendida por Santos e Martins:

A Psicodinâmica do Trabalho defende que, embora o sofrimento seja inerente ao processo laboral, os sentimentos de prazer e sofrimento são gerados a partir das formas de organização do trabalho e do modo como os trabalhadores enfrentam as situações positivas e negativas decorrentes do contexto de trabalho por meio das estratégias defensivas.<sup>192</sup>

Portanto, seja o ministro católico ou protestante, seu trabalho não é um dano em si mesmo. Porém, seu modo de relacionar-se com a missão e interagir com o serviço causam insatisfações, sofrimentos psíquicos e adoecimentos<sup>193</sup>.

### 2.2.1 O Prazer e o Sofrimento Psíquico no Trabalho do Pastoreio, a partir da Abordagem da Psicodinâmica

O pastoreio, no entendimento cristão, é uma das expressões de cuidado do outro. A respeito do trabalho em forma de cuidado, Pimenta considera que esse tipo de labor envolve três aspectos importantes, sendo eles a tensão emocional constante, a atenção duradoura e as enormes responsabilidades<sup>194</sup>. Tais demandas provocam desgaste e no extremo, levam à desistência ou ao sofrimento psíquico.

<sup>189</sup> ALMEIDA, 2019, p. 25.

<sup>190</sup> LOPES, Ademil Lúcio. Globalização, governança e novos atores. *ReBraM*, v. 11, n. 2, 2015. p. 130-139.

<sup>191</sup> STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo Ferreira. O catolicismo e a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*. Porto Alegre, v. 14, n. 24. jul./dez. 2013. p. 223-243.

<sup>192</sup> SANTOS; MARTINS, 2018, p. 260.

<sup>193</sup> ALMEIDA, 2019, p. 18.

<sup>194</sup> PIMENTA, Alessandra Giuliani. *Sofrimento psíquico e Síndrome de Burnout: um estudo com professores do PPGE/CE/UFMS*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004. p. 53.

Muitos autores incluem as igrejas cristãs no contexto de produção de bens e serviços. Para o estudo desse conceito é preciso considerar que as unidades de produção de bens e serviço são formadas por três elementos, que são a organização, condições de trabalho e relações socioprofissionais. O primeiro deles, a organização, é definido como os dados representativos das concepções e das práticas de gestão de pessoas como por exemplo, o tempo para produção e divisão do trabalho; o segundo elemento são as condições de trabalho, a infraestrutura oferecida aos trabalhadores pela organização, como os instrumentos ou materiais fornecidos para execução das atividades; as relações socioprofissionais, terceiro elemento, são formadas pela percepção das relações entre os envolvidos no processo, como entre colegas, coordenadores, fiéis, funcionários e subordinados<sup>195</sup>.

Na abordagem dejouriana<sup>196</sup> importa grandemente a análise do contexto do trabalho para maior clareza da estrutura, da organização e de sua representação para os trabalhadores. A análise de como, para quem e com quem são praticadas as atividades do exercício se relaciona ao impacto do contexto organizacional das igrejas sobre as experiências vivenciais de prazer e sofrimento, no exercício do pastoreio do ministro religioso.

Diversos fatores inerentes ao ministério pastoral transformam-se em riscos à saúde dos ministros religiosos cristãos, entre os quais figuram o risco de crise de identidade, a exigência de perfeição e a dificuldade de reconhecer em si o pertencimento. No entanto, o maior abalo à saúde dos ministros reside nos variados tipos de pressão a que estão sujeitos nas atividades cotidianas. Destacam-se, em primeiro lugar, a redução dos prazeres pessoais e a negação de si mesmo como expressão emocional normal. Ao suprimir as emoções e se deixar levar pelo excesso de exigência de autocontrole, o ministro frequentemente adentra uma onda constante de cansaço descomunal. Combinada à repressão, essa supressão de emoções pode causar depressão<sup>197</sup>.

Os ministros religiosos católicos e protestantes relacionam prazer ao pastoreio e tal vínculo se deve ao sentido de missão associado a cada atividade desse trabalho, que apontam para recompensas. A primeira delas é subjetiva, fruto de uma vocação cuja gratificação é doada pela Divindade. Já a segunda advém do reconhecimento de parte da comunidade, principalmente nos atendimentos pessoais, que reforçam a experiência subjetiva de sua

---

<sup>195</sup> ANCHIETA, Vânia Cristine Cavalcante *et al.* Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 199-208. 2011. [online].

<sup>196</sup> SILVA; HOLANDA, 2008, p. 378.

<sup>197</sup> BAPTISTA, 2014, p. 20.

capacidade como canal divino. Um terceiro tipo de recompensa para os ministros é ainda a percepção das suas atividades como relevantes, para a organização e a sociedade<sup>198</sup>.

### 2.2.2 Fatores de Risco ao Sofrimento Psíquico no Trabalho do Exercício do Pastoreio

De acordo com Campos, a vida do ministro religioso cristão é repleta de componentes e exigências que extrapolam a preocupação com a presidência e condução dos atos religiosos<sup>199</sup>. A autora reconhece outros fatores como a administração, o trato com os funcionários, os traumas dos fiéis e as próprias limitações pessoais dos religiosos que atuam de modo desgastante. No entanto, ressalta que um dos principais causadores do aumento do sofrimento psíquico entre os ministros religiosos é o cenário de desprestígio e queda do *status*. Seu lugar na sociedade passou até mesmo a ser ridicularizado em um mundo marcado pela religiosidade secularizada e habitado por consumidores de um tipo de religião, que privilegia a subjetividade.

Os fatores determinantes do sofrimento mental nos ministros religiosos cristãos são suas cargas psíquicas oriundas das atividades do trabalho, divididas em dois tipos: as procedentes de situações de tensão prolongada, como atenção permanente, supervisão com pressão, altos ritmos de trabalho; e aquelas vinculadas a situações que impedem ao trabalhador usar suas capacidades psíquicas no trabalho, como por exemplo, a desqualificação do trabalho, que leva à monotonia e à repetitividade.<sup>200</sup>

Em geral, a intensa vivência e experiência de prazer e sofrimento em líderes religiosos decorrem de uma série de fatores, entre os quais estão:

[...] a possibilidade de ter um controle maior de seu processo produtivo; a oportunidade de vivência de valores no trabalho considerados positivos e desejáveis (como amor, respeito, consideração, etc.) e o contato mais próximo com a comunidade. Contudo, geralmente, tais categorias deveriam dar maior sentido ao seu trabalho e propiciar a sensação de utilidade e certeza de estar feliz servindo a comunidade.<sup>201</sup>

Segundo Pagani, a natureza intrapessoal e as lutas e tristezas do cotidiano tornam o exercício do pastoreio exaustivo e estressante<sup>202</sup>. Contribuem para o aumento do estresse as

<sup>198</sup> EBERT; SOBOLL, 2009. p. 206.

<sup>199</sup> CAMPOS, Luciana. *A dor invisível dos presbíteros*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018. p. 38-39.

<sup>200</sup> LACAZ, F. A. C. O campo da saúde do trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 757-766, 2007.

<sup>201</sup> GONDIM, Felipe Mancilha, LYRA; Fabiano Andrade; GONDIM, Luiz Carlos Lisboa. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de líderes religiosos: um estudo com pastores da igreja adventista do sétimo dia. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v. 3, n. 1, Bahia, 2016. p. 176.

<sup>202</sup> PAGANI, 2010, p. 27-28.

exigências da oratória, da coordenação administrativa e dos atendimentos aos enfermos e enlutados. A solução para o enfrentamento desses fatores desfavoráveis está no desenvolvimento de métodos que possibilitem um ministério sadio.

Lopes afirma que o trabalho pastoral comporta um sofrimento comum a muitos ministros<sup>203</sup>. Segundo o autor, esse trabalho além de desafiante é repleto de tarefas complexas. Por isso, o ministro religioso cristão constantemente passa pelo sofrimento psíquico ao restringir e abafar os sentimentos, combates, dores e frustrações, por exemplo. Lopes acrescenta a essa lista, que a solidão e a própria natureza do ministério sacerdotal impossibilitam aos clérigos o compartilhamento de suas dores, desgostos, lutas e desafios até mesmo com outros ministros, amigos ou profissionais de saúde que disponham de bagagem apropriada.

Baptista aponta como elementos hostis aos ministros católicos e protestantes, a pressão sofrida e a insatisfação com a instituição, sobretudo com seu funcionamento, o que implica, transferências para outras comunidades e cidades, por exemplo <sup>204</sup>. Além das demandas institucionais, as questões hierárquicas e burocráticas conduzem ao cansaço, estresse, depressão e sofrimento psíquico, somando-se às causas mencionadas o comportamento dos fiéis, em sua dependência excessiva, que acabam por mobilizar negativamente os líderes<sup>205</sup>. Além disso, Baptista salienta que a relação conjugal é outro fator de adoecimento do ministro religioso protestante<sup>206</sup>.

### 2.3 O Papel das Organizações Religiosas Cristãs no Sofrimento Psíquico dos Ministros no Trabalho do Exercício do Pastoreio

Álvaro, Rodrigues e Rondina assinalaram que a obra *Psicopatologia do trabalho* tornou-se referência, ganhou relevância e apontou novas luzes, servindo de inspiração e ponto de partida para inúmeras obras e pesquisas sobre o sofrimento nas relações de trabalho<sup>207</sup>. Ressaltam também que as relações de trabalho nas organizações despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do ser humano uma vítima do seu trabalho:

Um dos mais cruéis golpes, que o homem sofre com o trabalho é a frustração de suas expectativas iniciais sobre o mesmo, à medida que a propaganda do mundo do

<sup>203</sup> LOPES, H. *De pastor a pastor. Hagnos*, 4. ed. São Paulo, 2010. p. 29-35.

<sup>204</sup> BAPTISTA, 2014, p. 10.

<sup>205</sup> CAMPOS, 2018, p. 38-39.

<sup>206</sup> BAPTISTA, 2014, p. 10.

<sup>207</sup> ÁLVARO, Alex Leandro Teixeira; RODRIGUES, Patrícia Ferreira; RONDINA, Regina. Sofrimento no trabalho na visão de Dejours. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, Garça, ano IV, n. 7, nov. 2006. p. 2-4.



trabalho promete felicidade e satisfação pessoal e material para o trabalhador; porém, quando lá adentra, o que se tem é infelicidade e, na maioria das vezes, a insatisfação pessoal e profissional do trabalhador, desencadeando, então, o sofrimento humano nas organizações.<sup>208</sup>

A concepção de sofrimento psíquico, a partir da abordagem da psicodinâmica do trabalho teorizada por Dejour, tem seus contrastes entre o sofrimento criativo e o patogênico, que de acordo com Araújo, o sofrimento se torna sofrimento criativo, à medida que o trabalhador consegue suportar, elaborar melhor as soluções e encontrar saídas. O sofrimento ao contrário, torna-se sofrimento patogênico quando trabalhador não consegue encontrar as soluções para os inúmeros problemas cotidianos<sup>209</sup>.

Segundo Moura, na concepção da psicodinâmica, o sofrimento no trabalho tem origem quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é impedida por dificuldades de negociação das diferentes forças que envolvem o desejo da produção e o desejo do trabalhador<sup>210</sup>.

Estudos divulgados por Dejours demonstraram que a organização do trabalho é responsável por danos no funcionamento psíquico do trabalhador. Evidenciam também que as vivências de prazer ou sofrimento no trabalho são expressas por meio de sintomas específicos relacionados ao contexto socioprofissional e à própria estrutura de personalidade:

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto atinge o aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora.<sup>211</sup>

A história pessoal dos sujeitos os leva a reagir de maneira diferente às adversidades das situações de trabalho. Assim, no ambiente do trabalho, os problemas têm origem nos conflitos entre o indivíduo, com sua necessidade de prazer e a organização, que tende à adaptação do trabalhador a determinado modelo e ritmo<sup>212</sup>. O trabalho se associa a uma necessidade de sobrevivência, quase sempre ligada ao sofrimento, que se ameniza pelos benefícios e pela estabilidade que a organização oferece aos trabalhadores<sup>213</sup>.

<sup>208</sup> ALVARO *et al.*, 2006, p. 4.

<sup>209</sup> ARAÚJO, Maria das Graças Mazarin de Araújo. *A Saúde no Trabalho – Foco na Prevenção da Saúde Mental*. Caderno Temático n. 20 – Psicologia Organizacional e do Trabalho. Conselho Regional de Psicologia SP - CRP 06. São Paulo, 2016. p. 64

<sup>210</sup> MOURA, Rosiane Valério de. *Estratégias defensivas na psicodinâmica do trabalho: um estudo entre servidores de uma universidade pública*. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. p. 46. [online].

<sup>211</sup> DEJOURS, Cristophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987, p. 345.

<sup>212</sup> MENDES, 1995, p. 34.

<sup>213</sup> MARTINS; PINHEIRO, 2006, p 79.

Em debate sobre o mundo do trabalho contemporâneo e a saúde mental do trabalhador, Bouyer, numa releitura de Dejour, afirma que as alegrias públicas e atestadas pelos mecanismos de distorção comunicacional das organizações modernas são expressas pelos meios de comunicação, por meio de ambientes limpos e bem iluminados, trabalhadores sorridentes e declarações de satisfação e de realização<sup>214</sup>. O sofrimento é encoberto, camuflado. A tarefa de identificá-lo e compreendê-lo, sob a fachada cintilante e agradável das instituições é um dos maiores tributos científicos da Psicodinâmica do Trabalho aos pesquisadores.

As exigências na gestão e organização proposta pela cultura atual conferem um novo rosto às instituições religiosas, que se servem de uma série de instrumentos utilizados pelas organizações não religiosas, com o objetivo de alcançar a relação ideal entre qualidade, produtividade e eficiência. Tal condição afeta a maneira de existir dos ministros<sup>215</sup>.

Hoc aponta para a dinamicidade de situações e acontecimentos no ministério pastoral, que não permite muitas vezes o controle, mesmo que parcial, por parte dos ministros, o que gera incertezas e aumenta a complexidade das atividades cognitivas, elevando a carga cognitiva de trabalho<sup>216</sup>. As incertezas tornam-se o motor do sofrimento, produzindo medo, ansiedade e angústia pela incapacidade de resolver os problemas do processo, como esperado pelos fiéis e pela organização religiosa.

Na Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento é uma experiência vivenciada, ou seja, é um estado mental que implica um movimento reflexivo da pessoa sobre seu 'estar no mundo', para utilizar um conceito da fenomenologia alemã, aplicado à condição do trabalhador. [...] O conceito de sofrimento pertence à ordem do singular; o sofrimento coletivo é inconcebível, já que não existe corpo coletivo. Se, clinicamente, se observam estratégias coletivas de defesa fundadas em uma cooperação entre sujeitos, por outro lado o sofrimento permanece sempre individual e único<sup>217</sup>.

Assim, à luz da Psicodinâmica do Trabalho, constata-se uma distância entre as exigências do exercício do pastoreio e as atividades pastorais exercidas pelos ministros nas

<sup>214</sup> BOUYER, 2010, p. 258.

<sup>215</sup> HELOANI, R. *Gestão e organização no capitalismo globalizado*. História da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo: Atlas, 2003. p. 29.

<sup>216</sup> HOC, J. M. La gestion de situation dynamique. In: FALZON, P. (Org.). *Ergonomie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004. p. 517-530.

<sup>217</sup> DEJOURS, C. *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: Fundap; EAESP/FGV, 1999. p. 19.

igrejas cristãs. Essa discrepância implica um custo humano que abrange as estruturas física, psíquica e cognitiva e redundante em casos de patologias como depressão, estresse e *Burnout*<sup>218</sup>.

### 2.3.1 As Patologias Crônicas e os Sofrimentos Psíquicos Relacionados ao Trabalho do Exercício do Pastoreio e a sua Relação com a Organização Eclesial

O termo patologia, na literatura da Psicologia do Trabalho, designa descompensação psicopatológica, “ruptura do equilíbrio psíquico manifestação de uma doença mental instalada<sup>219</sup>.” Do ponto de vista epistemológico e teórico-metodológico, a grande contribuição da abordagem dejouriana para a Psicologia do Trabalho consiste na demonstração de que “se o sofrimento não se faz acompanhar de descompensação psicopatológica é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permitem controlá-lo”<sup>220</sup>.

São três as patologias do trabalho - a sobrecarga, a violência e a servidão voluntária. A sobrecarga é definida como o volume de trabalho que excede a capacidade humana. A violência se relaciona à agressividade contra o próprio sujeito, os outros e o bem real ou simbólico das organizações. E a servidão voluntária está vinculada às necessidades de cargo e conforto. As relações de trabalho são “automatizadas no conformismo, onde os sujeitos escondem o sofrimento para não se tornarem diferentes, estranhos ao contexto de produção”<sup>221</sup>.

Em consequência da inserção no contexto cultural atual, as igrejas cristãs à semelhança das instituições seculares, são afetadas pela política de mercado, que requerem transformações cotidianas, como por exemplo, a busca incessante por qualidade, produtividade e eficiência, o que obriga os ministros à constante dedicação e competência em todas as atividades pastorais. As exigências sofridas pelas organizações religiosas recaem sobre os sujeitos do pastoreio, sob a forma de cobranças de ações por parte dos fiéis, por sua vez transformados em clientes, com exigências cada vez maiores<sup>222</sup>.

Dentre as psicopatologias apontadas como consequências do trabalho nessa área, no âmbito da atual cultura em que a religião está imersa, estão a Síndrome de *Burnout*, o *stress*, a ansiedade e a depressão. De acordo com o Ministério da Saúde (MS), no Brasil, a Síndrome

<sup>218</sup> BARROS, Paloma Castro da Rocha; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico-USF*(Impr.), Itatiba, v. 8, n. 1, p. 63-70, jun. 2003. p. 64.

<sup>219</sup> BOUYER, 2010, p. 250.

<sup>220</sup> DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 35.

<sup>221</sup> MENDES, A. M.; LIMA, S. C. C.; FACAS, P. E. *Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007. p. 96.

<sup>222</sup> GONDIN; LYRA; GONDIN, 2016, p. 174.

de *Burnout* é um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no ambiente de trabalho, assim descrito:

A sensação de estar acabado ou síndrome do esgotamento profissional é um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Tem sido descrita como resultante da vivência profissional em um contexto de relações sociais complexas, envolvendo a representação que a pessoa tem de si e dos outros. O trabalhador que antes era muito envolvido afetivamente com os seus clientes, com os seus pacientes ou com o trabalho em si, desgasta-se e, em um dado momento, desiste, perde a energia ou se ‘queima’ completamente. O trabalhador perde o sentido de sua relação com o trabalho, desinteressa-se e qualquer esforço lhe parece inútil.<sup>223</sup>

Para Campos, o conflito emocional, fruto das condições de trabalho, promove desgastes nas condições físicas, emocionais e psicológicas nos trabalhadores, principalmente nos profissionais envolvidos no intercâmbio entre pessoas, incluindo os ministros religiosos envolvidos com o pastoreio<sup>224</sup>. Tais desgastes, segundo a autora, podem levar à Síndrome de *Burnout*, que pode evoluir para o estado depressivo. Essa posição é confirmada por Dolghe, ao ressaltar que a Síndrome de *Burnout* se desenvolve a partir de questões ligadas diretamente ao tipo e às condições de trabalho, desfavoráveis na atual conjuntura das organizações religiosas cristãs, afetando diretamente os clérigos responsáveis por atividades pastorais<sup>225</sup>.

Além da pressão no ambiente de trabalho, com carga horária estabelecida, outros fatores deflagram a Síndrome de *Burnout*, como as altas demandas do trabalho, a ausência de coleguismo e a diminuição da realização profissional<sup>226</sup>.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) a reconhece como Psicopatologia, insere-a na Classificação Internacional de Doenças (CID) com o código Z73.0, descrevendo-a com termos como “esgotamento”, “falta de repouso e lazer” e “*stress* não classificado em outra parte”<sup>227</sup>. No Brasil, a Previdência Social a reconhece como transtorno mental e do comportamento relacionado ao trabalho, desde 1999<sup>228</sup>.

<sup>223</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Doenças relacionadas com o trabalho: diagnósticos e condutas - Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2002. p. 191.

<sup>224</sup> CAMPOS, 2018, p. 27.

<sup>225</sup> DOLGHE, Wesley. *A Síndrome de Burnout nos pastores presbiterianos de São Paulo: um estudo de caso*. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. p. 7. [online].

<sup>226</sup> SÁ, Adriana Müller Saleme de; MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira; FUNCHAL, Bruno. Burnout: o impacto da satisfação no trabalho em profissionais de enfermagem. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 664-674, dez. 2014. p. 666.

<sup>227</sup> ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. Décima revisão (CID 10) (8a ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

<sup>228</sup> BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O estado da arte do *Burnout* no Brasil. *Revista Eletrônica Inter Ação Psy*, v. 1, n. 1, p. 4-11, 2003.

Segundo pesquisa do Instituto SWNS, os líderes religiosos estão entre as dez profissões mais estressantes no mundo<sup>229</sup>, sendo que Almeida<sup>230</sup> aponta dois motivos para o fato, compreendendo o primeiro no que se refere ao trabalho com pessoas e o segundo remete à falta de conhecimento do líder religioso para lidar com situações adversas causadoras de transtornos psicológicos.

Além das psicopatologias citadas, outro transtorno em ascensão no mundo, constatada como decorrente das atividades do trabalho, incluindo o pastoreio é a depressão. Conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a depressão é fruto de interação complexa de fatores sociais, psicológicos e biológicos e afeta milhões de pessoas no mundo inteiro<sup>231</sup>. De acordo com a duração e intensidade, pode se tornar condição crítica de saúde, causando grandes sofrimentos e disfunção no trabalho, na escola ou no meio familiar e podendo levar ao suicídio.

A alteração afetiva classificada como depressão é um dos transtornos de humor mais pesquisados e comentados na contemporaneidade. O indivíduo acometido pela depressão perde o governo das atitudes, além da percepção de si mesmo, passando a experimentar os problemas cotidianos, mesmo quando pequenos, como grandes catástrofes. Tratada como a doença da sociedade atual, o transtorno depressivo tem características que se traduzem em patologia grave ou simplesmente sintoma associado à comorbidade. O transtorno depressivo é conhecido pelos seguintes sintomas:

[...] apatia, irritabilidade, perda de interesse, tristeza, atraso motor ou agitação, ideias agressivas, desolação e múltiplas queixas somáticas (insônia, fadiga, anorexia). Seu diagnóstico é facilitado pela presença dos sintomas e por um bom conhecimento teórico. Porém, sua dinâmica, suas origens, suas relações objetivas e suas concepções ainda podem levantar questionamentos e levar a interpretações equivocadas, prejudicando um possível tratamento.<sup>232</sup>

Encontram-se na literatura duas visões do entrelaçamento do transtorno depressivo como exercício do pastoreio. A primeira possibilidade afirma que a depressão sempre acometeu os líderes, sendo notada desde os primórdios das atividades religiosas, observada em alguns profetas e outras autoridades religiosas dos vários povos<sup>233</sup>.

<sup>229</sup> GUIA DA CARREIRA. *Conheça as 10 profissões mais estressantes no mundo*. 2019. [online].

<sup>230</sup> ALMEIDA, 2019, p. 22.

<sup>231</sup> OPAS/OMS no Brasil. *Depressão. Folha informativa atualizada em março de 2018*. [online].

<sup>232</sup> ESTEVES, Fernanda Cavalcante; GALVAN, Alda Luiza. *Depressão numa contextualização contemporânea. Aletheia*, Canoas, n. 24, p. 127-135, dez. 2006.

<sup>233</sup> DEUS, 2009, p. 196-200.



Em contrapartida, Baptista aponta diversos fatores de propensão dos líderes religiosos cristãos ao transtorno depressivo<sup>234</sup>. Entre as possíveis causas na atual cultura do ambiente do trabalho pastoral estão a suscetibilidade à pressão de restringir os prazeres pessoais e negar-se a si mesmo, como demonstração emocional normal; a negação das emoções e a necessidade habitual de autocontrole, fonte de constantes cansaços; e a necessidade constante de agradar aos outros.

As semelhanças administrativas das igrejas cristãs com as organizações sociais é uma das principais razões que remetem e reforçam a relação das psicopatologias crônicas com os sofrimentos psíquicos do pastoreio. O argumento usado é que as organizações religiosas cristãs, afetadas pelo contexto cultural atual, além das competências próprias ao exercício do ministério, exigem dos praticantes do pastoreio polivalência, competitividade e criatividade, sem, contudo, oferecer-lhes suporte organizacional de modo a proteger ou promover a saúde do trabalhador. Com isso, torna-se visível certo distanciamento entre a expectativa da organização e aquilo que o trabalhador produz como atividades pastorais<sup>235</sup>.

Conforme Barros e Mendes, nesse contexto de exigências e falta de suporte de proteção à saúde no trabalho, os religiosos para acatarem as indicações da organização e protegerem ao mesmo tempo, sua integridade física e psíquica, assemelham-se aos trabalhadores das empresas sociais, empregando estratégias de mediação<sup>236</sup>.

### 2.3.2 Os Ministros Religiosos Cristãos no Exercício do Trabalho do Pastoreio, entre a Realização Pessoal, as Patologias e as Estratégias de Defesa

A realização pessoal comum aos ministros religiosos cristãos é expressa nas vivências prazerosas mediante ações de ajuda pessoais, notadamente, no exercício das atividades de aconselhamento pastoral; na percepção da importância de sua intervenção no processo de mudanças e crescimento das pessoas amparadas; no sentimento de utilidade, como canal divino, no processo de auxílio, nas tarefas exigidas no trabalho pastoral; na percepção da sua atividade como relevante para a organização à qual pertence e para a sociedade como um todo, principalmente em situações de exercício de liberdade de expressão; e na identificação com as tarefas que executam, o que gera orgulho e realização<sup>237</sup>.

---

<sup>234</sup> BAPTISTA, 2014, p. 20.

<sup>235</sup> BARROS; MENDES, 2003, p. 64.

<sup>236</sup> BARROS *et al*, 2003, p. 64.

<sup>237</sup> SANTOS; MARTINS; FERREIRA, 2018, p. 251.



No entanto, em meio ao sofrimento, o ministro religioso pode permanecer saudável ao encontrar as vias adequadas de superação, isto é, as estratégias de defesa para o enfrentamento comum e a mobilização subjetiva, mas também pode enveredar pelo adoecimento crônico, o que advém da falta dos mecanismos de enfrentamento, quando não encontra os meios de ressignificação do sofrimento<sup>238</sup>. O relato abaixo clarifica a situação exposta:

Acredito piamente que a dificuldade para diagnosticar a patologia pastoral se dá pela compreensão e definição da ‘espiritualidade’. Quando estamos em crise, início da depressão, stress, ect, buscamos mais a Deus em oração, leitura da Bíblia, pregar com mais fervor. Isso mascara a patologia, pois nos deixa confortáveis falando de espiritualidade. Quando perdemos o controle, descobrimos tarde não tratar-se de espiritualidade superficial, mas de saúde mental propriamente dita. Esse é um dilema para nós pastores. Perder o timing, ao confundir espiritualidade com stress, depressão, etc..<sup>239</sup>

De acordo com Barros, para evitar o adoecimento dos trabalhadores, a Psicodinâmica do Trabalho na pesquisa da saúde psíquica no trabalho, como aporte teórico, privilegia a análise das estratégias individuais e coletivas de mediação dos trabalhadores para a manutenção da saúde. O equilíbrio depende, portanto, da “[...] inter-relação entre o sofrimento psíquico, fruto dos conflitos entre o sujeito e a realidade de trabalho e as estratégias de mediação empregadas pelos trabalhadores para lidar com o sofrimento e transformar o trabalho em fonte de prazer.”<sup>240</sup>

Para Mendes, pesquisas da Psicodinâmica apontam que o prazer no trabalho pode ser alcançado pela via direta, decorrente da identificação com o trabalho e a indireta, a partir da ressignificação do sofrimento no trabalho, estritamente relacionado à mobilização subjetiva. No entanto, a autora alerta que o prazer adquirido dessa forma pode ter curta duração e o sofrimento se reacende ante a recorrência dos fatores desencadeantes. Assim, a organização do exercício do pastoreio deve favorecer a construção da identidade dos ministros cristãos, a realização, a expressão de sua criatividade, o reconhecimento e a liberdade, que lhes permitam, na qualidade de trabalhadores, tornarem-se sujeitos do seu trabalho e até mesmo recuperarem o encanto com seu ministério<sup>241</sup>.

<sup>238</sup> DEJOURS, 1992, p. 63.

<sup>239</sup> SILVA, Ricardo Ferreira da. *Burnout e suas ressonâncias em ministros religiosos: parâmetros para prevenção*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. p. 61-62.

<sup>240</sup> BARROS, 2003, p. 64.

<sup>241</sup> MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. Cap. 1. In: MENDES, A. M. (Org.) *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. p. 29-61.

Para a Psicodinâmica do Trabalho, segundo Barbosa, a intervenção no sofrimento suscitado no trabalho advém de estratégias defensivas individuais e coletivas<sup>242</sup>. Tais estratégias são ambíguas e elas tanto podem favorecer o equilíbrio psíquico e a adaptação a situações contrárias quanto, ao ampararem a falsa estabilidade psíquica, disfarçar o sofrimento e se tornar patológicas.

De acordo com Mendes, entre os conceitos centrais da abordagem da Psicodinâmica do Trabalho estão a estratégia de defesa e a mobilização subjetiva<sup>243</sup>. A primeira refere-se ao tipo de mediação usado pelo trabalhador para enfrentar o sofrimento e evitar a desestruturação e as desordens mentais e a segunda é maneira como as vivências de sofrimento se transformam em vivências de prazer. Na ausência desse processo de transformação, surgem estratégias de defesa como forma de proteção do ego contra dissonâncias cognitivas e afetos dolorosos.

O trabalho, segundo Dejours, implica o envolvimento do ser humano como um todo na execução das atividades<sup>244</sup>. Pelo trabalho, verificam-se, portanto, o engajamento do corpo e a mobilização da inteligência, bem como a capacidade de refletir, interpretar e reagir às situações. A atividade laboral envolve o trabalhador em sua capacidade de sentir, pensar e inventar. Toda a personalidade é envolvida para responder a uma tarefa delimitada por pressões materiais e sociais, como os acontecimentos inesperados, anomalias de funcionamento, incoerência organizacional, tanto quanto as demandas provenientes dos colegas, subordinados, equipes, chefias e clientes.

Dejours afirma que o<sup>245</sup> ser humano, além do horário de permanência na organização, é envolvido pelo trabalho, chegando a sonhar com ele. O trabalho perpassa as noites de insônia e os conflitos familiares, como aborrecimentos entre cônjuges e preocupações com os filhos. As habilidades exigidas para o trabalho se instalam no corpo e na alma do trabalhador, funcionando automaticamente, como no caso de “um motorista experiente que, ao conduzir o carro, muda de marcha de maneira automática, como se o carro se tornasse extensão do corpo, iniciativa instintiva durante a viagem<sup>246</sup>”. O envolvimento da pessoa com o trabalho arrebatava a

<sup>242</sup> BARBOSA, Maria do Socorro Xavier Travassos. *Trabalho docente, readaptação funcional e identidade: um estudo de caso*. Universidade de Brasília. Brasília, 2014. p. 19-20. [online].

<sup>243</sup> MENDES, R. Produção científica brasileira sobre saúde e trabalho, publicada na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, 1950-2002. *Rev. Bras. Med. Trabalho*, v. 1, n. 2, p. 87-118.

<sup>244</sup> DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. *Prod. São Paulo*, v. 14, n. 3, p. 27-34, dez. 2004. p. 28. [online].

<sup>245</sup> DEJOURS, Christophe. A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: MENDES, A. M.; CRUZ, S. C.; FACAS, E. P. (Orgs.). *Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007. p. 17.

<sup>246</sup> DEJOURS, 2007, p. 17.

subjetividade mais íntima do ser humano, cuja identidade é envolvida na base, razão pela qual o adoecimento ou o prazer se instala.

Conforme Dejours, as vivências de prazer nascem da relação que o trabalho proporciona ao corpo, à psique e às relações interpessoais do trabalhador. O prazer é proporcionado pela situação de trabalho e se manifesta na percepção da gratificação, da realização, do reconhecimento, da liberdade e da valorização, indicadores de saúde no trabalho<sup>247</sup>. Essas manifestações possibilitam a estruturação psíquica, a identidade e expressão da subjetividade no trabalho, a formação de compromisso e a ressonância entre o subjetivo e a realidade concreta de trabalho.

De acordo com Barbosa, dois tipos de sofrimento emergem no trabalho - um pertinente à história psíquica do sujeito e o outro, à sua relação com o trabalho<sup>248</sup>. Denomina-se sofrimento criativo a capacidade do trabalhador em meio ao sofrimento, de se tornar capaz de organizar recursos para não adoecer. Já o sofrimento patogênico apresenta-se quando o trabalhador fracassa na busca de soluções, diante de situações de sofrimento.

O sofrimento patogênico tem lugar depois da utilização de todas as margens de liberdade na modificação, gestão e aprimoramento da organização do trabalho. Após a exploração dos recursos defensivos, o sofrimento residual não equilibrado continua sua tarefa danosa, destruindo o aparelho mental e o equilíbrio psíquico do sujeito, que se vê arrastado lenta ou brutalmente para a descompensação e a doença. Portanto:

[...] o sofrimento é inevitável e oblíquo, pois tem origem na história do sujeito, sem exceção. Assim, quando o sofrimento é transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade, aumentando a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e somática.<sup>249</sup>

Segundo Martins, Robazzi e Bobroff, ainda que o trabalho seja fonte de sofrimento, proporciona também vivências de prazer, uma vez que pelo trabalho, o ser humano edifica sua vida e se introduz no mundo laboral. Não se trata simplesmente de sobreviver, mas também de realização pessoal e profissional<sup>250</sup>. Para as autoras, o trabalho permite o processo de formação do indivíduo, “em sua produtividade técnica, política, cultural, estética e artística envolvendo a subjetividade”<sup>251</sup>.

<sup>247</sup> DEJOURS, C. (2008). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S., Sznelwar, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília, Paralelo, 2008. p. 15.

<sup>248</sup> BARBOSA, 2014, p. 19-20.

<sup>249</sup> BARBOSA, 2014, p. 20.

<sup>250</sup> MARTINS; ROBAZZI; BOBROFF, 2010, p. 1107.

<sup>251</sup> MARTINS; ROBAZZI; BOBROFF, 2010, p. 1107.

Na concepção do criador da Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento psíquico do trabalhador está vinculado diretamente à organização do trabalho:

O trabalho implica sempre um confronto com o real, um real que se deixa conhecer por sua resistência a se submeter aos conhecimentos e às diferentes formas de saber-fazer. Este confronto é gerador de sofrimento, um sofrimento que se torna patogênico – comprometendo a saúde – quando o confronto se torna intransponível e leva à repetição constante dos mesmos problemas, dos mesmos fracassos, tornando-se insuportável.<sup>252</sup>

Martins, Robazzi e Bobroff<sup>253</sup> afirmam que um dos pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho é que os trabalhadores disponham de capacidade de se proteger, encontrar alternativas e se reapropriar da modificação e reconstrução da realidade em que se insere e, em especial, da maneira como se organiza o processo de trabalho. Dessa maneira, os trabalhadores podem buscar soluções coletivas ou individuais para evitar ou amenizar o sofrimento.

As expressões de sofrimento psíquico oriundo do trabalho são comunicadas de maneira desigual individualizada, com resultados que abrangem desde doenças físicas até mentais. Entre os males físicos, estão as doenças reumáticas, alergias e as doenças do aparelho digestivo. As doenças mentais incluem estresse, depressão e transtornos de ansiedade, que se manifestam por crises obsessivas compulsivas e de pânico. Nesse contexto, entre as estratégias de defesa desenvolvidas pelos trabalhadores, como mecanismos para o enfrentamento do sofrimento estão a compensação financeira, o relacionamento com colegas de trabalho e o apoio familiar<sup>254</sup>.

De acordo com Calado, as estratégias de defesa são anteriores ao surgimento das doenças do corpo e acontecem como resposta a pressões organizacionais. Esses mecanismos têm a função de batalhar contra o quadro de sofrimento e quando fracassam a pessoa sofre e pode adoecer. Trata-se, nas palavras da autora, de “uma normalidade que se revela através de um equilíbrio psíquico precário”<sup>255</sup>. Calado salienta ainda, que segundo a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, os trabalhadores costumam elaborar outros tipos de estratégias de defesa, que Dejours denomina “defesas coletivas e de ideologias defensivas de profissão”<sup>256</sup>.

<sup>252</sup> DEJOURS, Christophe. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília; Rio de Janeiro: Paralelo 15; Editora Fiocruz, 2008. p. 352.

<sup>253</sup> MARTINS; ROBAZZI; BOBROFF, 2010, p. 1107.

<sup>254</sup> COSTA; MEDEIROS, 2013.

<sup>255</sup> CALADO, 2016, p. 37-98.

<sup>256</sup> CALADO, 2016, p. 37-98.

O desafio real dessa abordagem teórica não é a eliminação do sofrimento, mas o estabelecimento de ações capazes de modificar o destino do sofrimento e favorecer sua transformação. Quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, oferece uma contribuição muito benéfica à identidade, aumentando a resistência do trabalhador ao risco de desestabilização da saúde<sup>257</sup>.

Para a Psicodinâmica do Trabalho, a intervenção do sofrimento suscitado no trabalho é feita por meio de estratégias defensivas estabelecidas e adotadas individual e coletivamente, cuja função é dupla, favorecendo o equilíbrio psíquico e a adaptação a situações contrárias, ao mesmo tempo em que amparando uma falsa estabilidade psíquica, disfarçam o sofrimento e se tornam patológicas<sup>258</sup>.

Assim, o sofrimento supõe um estado de luta do trabalhador contra as forças que o empurram para a doença mental. Nesse combate contra o sofrimento psíquico, o trabalhador consegue criar soluções autênticas, que beneficia a produção e a saúde, o que se denomina produção de sofrimento criativo. No entanto, quando o trabalhador não alcança essas condições favoráveis à produção e à saúde, padece de sofrimento patogênico<sup>259</sup>:

O sofrimento começa quando o trabalhador usou o máximo de suas faculdades intelectuais psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação. Quando o trabalhador usou de tudo o que dispunha de saber e de poder na organização do trabalho [...]. A certeza de que o nível atingido de insatisfação não pode mais diminuir marca o começo do sofrimento.<sup>260</sup>

De acordo com Barros e Mendes, para que os ministros pastorais cumpram com os deveres do ofício, satisfazendo as expectativas da organização e as exigências dos fiéis sem adoecimento, utilizam estratégias de enfrentamento, visíveis mediante comportamentos como:

[...] conformismo, individualismo, negação de perigo, agressividade, passividade, entre outras. De acordo com o autor, a utilização dessas estratégias de defesa propicia proteção do sofrimento e a manutenção do equilíbrio psíquico por possibilitar o enfrentamento e a eufemização das situações causadoras do sofrimento.<sup>261</sup>

Baptista aponta como um dos riscos à saúde mental dos líderes religiosos cristãos a falta de liberdade e privacidade<sup>262</sup>. De acordo com a pesquisadora, tais fatores podem levá-los a encobrir as deficiências e, no caso dos pastores protestantes, até pressionar familiares

<sup>257</sup> DEJOURS *et al*, 1994, p. 137.

<sup>258</sup> BARBOSA, 2014, p. 19-20.

<sup>259</sup> CALADO, 2016, p. 43-48.

<sup>260</sup> CALADO, 2016, p. 48.

<sup>261</sup> BARROS; MENDES, 2003, p. 65.

<sup>262</sup> BAPTISTA, 2014, p. 69.

visando a uma harmonia aparente, pela assimilação das mesmas estratégias, que em longo prazo, resultam em dificuldades nas relações interpessoais, inconciliação na família e, quase sempre, cobrança de mais atenção por parte dos familiares.

Na tentativa de estabelecer, uma relação entre prazer e sofrimento no mundo do trabalho, conclui-se esse capítulo, destacando com clareza, através da análise do trabalho pastoral baseado na teoria Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours, que a organização do trabalho pastoral mobiliza, em grande dimensão, os aspectos psíquicos e subjetivos dos ministros religiosos cristãos, colocando luz em aspectos menos visíveis que são vivenciados, como por exemplo, as estratégias defensivas utilizadas pelos ministros religiosos para evitar o sofrimento e buscar o prazer ao longo do processo do trabalho pastoral executado nas Igrejas.





### 3 O TRABALHO PASTORAL: CAMINHOS POSSÍVEIS ENTE O PRAZER E O SOFRIMENTO PSÍQUICO

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, através do levantamento bibliográfico, apresentou-se nos capítulos anteriores, a constatação do prazer e o sofrimento psíquico advindo da prática do trabalho pastoral nos ministros religiosos cristãos. Também se descreveu as formas de apresentação, suas causas e as consequências do prazer e do sofrimento psíquico no trabalho pastoral executado pelos clérigos cristãos. Nesse terceiro capítulo serão apresentados os sofrimentos psíquicos comuns aos padres e pastores, os desafios e os possíveis caminhos, para superação do sofrimento psíquico comuns aos que exercem o ministério do cuidado pastoral nas igrejas cristãs.

#### 3.1 A Vivência de Prazer e Sofrimento Psíquico no Desempenho do Trabalho Pastoral

Os ministros religiosos cristãos - os padres e os pastores - em sua maioria estão realizados no trabalho pastoral junto às suas Igrejas, seja católica ou protestante. A realização pessoal, por parte dos clérigos no trabalho pastoral, é demonstrada pela certeza de se sentirem chamados para o trabalho pastoral, pelo desejo de retribuir ao chamado de servir a Deus com alegria e pelo sentimento de se colocarem a serviço para ajudar aos outros. De acordo com literatura são três as fontes que geram os sentimentos de prazer comum, expresso pelos padres e pastores, na vivência do trabalho do exercício do pastoreio nas Igrejas Cristãs: o reconhecimento por parte das comunidades de fiéis e da organização eclesial e, principalmente, pelo sentimento de agradar a Deus pelo chamado através das atividades pastorais de serviço ao outro<sup>263</sup>.

Ajudar os outros a se realizar, a sentir feliz e, saber que de alguma forma com o meu sacerdócio eu posso estar colaborando para fazer a vida dos outros melhor. [...] É na realização do outro que se encontra também a nossa realização.<sup>264</sup>

A fonte dos sentimentos de satisfação passa pelo reconhecimento, significado e a importância atribuída ao trabalho<sup>265</sup>. Em muitos casos o prazer da realização obtido com as atividades pastorais desenvolvidas se associa à liberdade de expressar suas opiniões, nas

<sup>263</sup> OLIVEIRA, 2004. p. 69.

<sup>264</sup> SANTOS, Edemilson Pichek dos, MARTINS, Edna Thais Jeremias e FERREIRA, Gímerson Erick. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo de métodos mistos com sacerdotes do Rio Grande do Sul. *Universo Acadêmico*, Taquara, v. 11, n. 1, jan./dez. 2018. p. 254

<sup>265</sup> SANTOS, MARTINS e FERREIRA. 2018. p. 241

oportunidades de diálogo com os colegas de ministério e na identificação as atividades e tarefas que executam.<sup>266</sup> No entanto, ainda que estejam presentes sinais da vivência de prazer nas expressões dos ministros religiosos cristãos no trabalho do ministério pastoral, não se pode recusar que a experiência da vivência dos sofrimentos psíquicos também é muito constante no desempenho da função.

A freqüente labuta com as adversidades psicossociais da comunidade, a exigência moral e a dedicação exclusiva ao trabalho, proporcionam tremenda carga psíquica ao pastor, principalmente pela falta de apoio psicológico.<sup>267</sup>

Neste sentido, apresentam-se a seguir, os dados referentes aos sofrimentos comuns aos padres e pastores no desempenho do trabalho pastoral, que como as demais formas de trabalho, também ocasionam sofrimento.

### 3.1.1 Os Transtornos Emocionais e Mentais Comuns entre Padres e Pastores no Trabalho Pastoral e a sua Conexão com a Organização Eclesial

Como acontece nas demais formas de trabalho em empresas fora do ambiente eclesial, o trabalho do cuidado pastoral exercido pelos ministros religiosos nas comunidades eclesiais cristãs é capaz de gerar um estado de vulnerabilidade e pode causar sofrimentos físicos, emocionais e mentais, aos que tem como ocupação o trabalho do exercício do pastoreio nas igrejas cristão. A literatura pesquisada aponta para quatro tipos de psicopatologias ou sofrimentos psíquicos comuns, entre os ministros católicos romanos e protestantes no trabalho do pastorado, que consistem no estresse, no transtorno de ansiedade, nos transtornos depressivos e na síndrome do *Burnout*, sendo esta síndrome a psicopatologia que os pesquisadores mais associam ao trabalho pastoral, propriamente dito.

De acordo com Pereira, a interação entre os próprios ministros, entre os ministros e a organização eclesial e entre os ministros e a comunidade de fiéis surge uma tríplice pressão descrita como autopressão, pressão imposta pela organização e as pressões advindas pelos membros das comunidades de féis. Assim, a soma dessa tríplice pressão e das constantes dificuldades de relacionamentos entre a classe é o ambiente ideal para o início das doenças emocionais e transtornos mentais comuns entre os indivíduos que se dedicam a este tipo de

<sup>266</sup> SANTOS, MARTINS e FERREIRA. 2018. p. 245

<sup>267</sup> GONDIM, Felipe Mancilha, LYRA, Fabiano Andrade e GONDIM, Luiz Carlos Lisboa. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de líderes religiosos: um estudo com pastores da igreja adventista do sétimo dia. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v. 3, n. 1, 2016. p. 186

trabalho, entre elas a já citada síndrome *Burnout*, psicopatologia comum, aos padres e pastores.

Por isso, segundo o autor, não se pode fazer apenas uma análise individual dos ministros. A análise individual pode levar ao risco de reforçar estigmas ou processos de culpabilização, regressão e infantilismo. Assim, torna-se necessário contextualizar os sofrimentos psíquicos vivenciados pelos ministros religiosos a partir do contexto institucional, avaliando a relação entre os indivíduos e a organização eclesial a que está inserido<sup>268</sup>.

Para Pereira, não há dúvida de que a relação dos clérigos com a pressão advinda pela organização eclesial e suas exigências propostas e muitas vezes impostas pelas da organização eclesial é o ponto de partida, o intenso e profundo desgaste físico e psicológico. Tais desgastes que se manifestam, em forma de esgotamento no cotidiano do trabalho pastoral, são transformados em sofrimento psíquicos de diversas maneiras. Assim, de sofrimento psíquico se torna sofrimento patológico e, com isso, os sujeitos que dedicam à missão no trabalho pastoral passam a se sentir física e emocionalmente esgotados, ressentidos, fatigados, desiludidos, tristes, deprimidos e incapazes de desenvolver o trabalho pastoral. Tal esgotamento psíquico, em muitos casos, pode acarretar aos ministros religiosos a perda de suas autorreferências, sentimento de culpa e atitudes de menor valia<sup>269</sup>.

A situação de esgotamento, além contribuir para o exercício do pastoreio improdutivo, converte-se em fonte de geração de desgaste, agravando as crises de estresse, podendo desencadear o esgotamento físico do ministro, tornando-os mais vulneráveis a situações de desgastes emocionais e ao desenvolvimento de psicopatologias graves, como por exemplo, a síndrome de *Burnout*, que leva o sofrimento psíquico a dimensões imensuráveis<sup>270</sup>.

Uma segunda fonte importante no impulsionamento do sofrimento psíquico comum entre os ministros cristãos, de maneira mais acentuada nos pastores, é a falta de confiança entre os próprios ministros religiosos cristãos. De acordo com relatos descritos na literatura, a classe apresenta sinais de desunião e falta de confiança entre si e até mesmo na instituição conforme relato em formulário de pesquisa:

A nossa classe pastoral é muito desunida. A gente não confia um no outro. Sabe, é complicado. É difícil quando você conversa com eles e eles não tem uma ética para falar de outro colega'; ' falta de confiança na própria igreja enquanto instituição'; '...A igreja é a 'mãe desnaturada'. Você não confia na igreja, porque uma hora ela pode te deixar, e simplesmente ela vai te falar pega sua fala, pega seu rumo sem pensar em você e na sua família'; e por fim falta de confiança nas pessoas de modo

<sup>268</sup> PEREIRA, 2012, p. 135-136.

<sup>269</sup> PEREIRA, 2012, p. 135-136.

<sup>270</sup> PEREIRA, 2012, p. 135-136

geral, ‘... conte tudo, mas jamais para pessoas da igreja, porque você vai se dar mal, muito mal, porque às vezes a pessoa usa aqui que você chorou a sua dor, contra você. Aquela preocupação de se abrir, porque o outro pode usar contra mim.’<sup>271</sup>

A vivência em equipe deveria constituir um dos pilares da vida entre os padres católicos, mas a literatura sugere que o individualismo exacerbado, o infantilismo e até mesmo o exagero de um vigiar a vida do outro leva a angústias e custos psíquicos elevados conforme depoimentos:

São infantis nas suas colocações, nas suas conversas. Não aceitam críticas, não escutam os colegas, são extremamente auto centrados. Jamais trabalham em equipe. Você pode aceitar uma pessoa infantil nas fases iniciais, mas não é tolerável depois de padre. Tem um grande investimento, seja intelectual, humano para você continuar sendo um Peter Pan da vida. Não dá não, e eu observo isso em muitos padres...<sup>272</sup>

O sentimento de pertença é um dos primeiros sinais da vida efetiva em grupos equipes. No entanto, tanto os padres como os pastores afirmam que a relação afetiva entre as classes é um grande problema. Sem este sentimento, torna-se difícil a convivência e, além disso, a dificuldade provocada pelo ambiente de trabalho se evidencia como fonte de sofrimento e desgastes emocional, uma vez que a necessidade de manutenção de vínculos e de amizade sincera é uma das condições para a vivência de uma saúde mental de qualidade, como ainda um dos requisitos importantes na configuração como ser humano.<sup>273</sup>

A terceira fonte de impulso para o sofrimento psíquico comum entre os clérigos no trabalho pastoral é a tríplice pressão pelas quais são acometidos. Tais pressões se dividem em pressão por parte da organização, pressão por parte dos fies e pressão advindas de si mesmo, como relatam os próprios envolvidos no processo.

No meio eclesial, nós, ministros religiosos, temos sofrido sob fortes pressões na área do trabalho. Algumas são impostas pela Comunidade, outras são assumidas por nós mesmos. Nossa tarefa tem sido descobrir e trabalhar necessidades emocionais negadas ou atrofiadas por fatores, tais como: compreensão errônea do papel desempenhado na Comunidade (superpastor); sobrecarga de atividades e agenda sempre cheia; expectativas em relação à família pastoral de ser uma ‘família perfeita’, etc.<sup>274</sup>

A autocobrança ou cobrança pessoal são muito constantes, de maneira precisa nos relatos:

<sup>271</sup> NAKANO, 2017, p 74-75.

<sup>272</sup> PEREIRA, 2012. p. 240

<sup>273</sup> PEREIRA, 2012. p. 240

<sup>274</sup> EINSFELD, Paulo Sérgio. O Jô bíblico e Viktor E. Frankl. *Estudos Teológicos*, v. 40, n. 3. p. 16-32, 2000. p. 27-28.

Agora há duas ou três semanas, eu vinha vindo com certo problema de náuseas. Uma semana que foi bem sobrecarregada, no final de semana acentuou mais ainda, eu quase passei mal com náuseas e vômitos. E tudo indica que o estresse, essa falta de tempo, de quase que horários em cima de horários, isso agrava mais ainda. Talvez um pequeno problema de estômago já piore bem mais. Já tive problemas também com isso (alimentação), que minha natureza é de estresse forte, de aflição. E aí também tive coisas pessoais, até perdas na família. Então entra quase que um momento de depressão.<sup>275</sup>

Outro fator apontado como fator sofrimento comum entre os ministros religiosos cristãos no trabalho do exercício do pastoreio é a quantidade excessiva de atividades pastorais que, cotidianamente, extrapola a carga horária normal, invadindo e determinando os outros momentos da vida. Conforme relato, até as horas destinadas ao lazer são ocupadas, muitas vezes, tomadas com atividades referentes ao trabalho no pastoreio, como afirma um dos ministros:

Você vai para o ministério, você vai com o sentimento de doar, doar. Daí você doa, doa, doa, doa, doa e chega um momento que você se esvazia. O cansaço é grande mesmo. Tem que fazer tudo, desde questões de visitas, reuniões administrativas, aconselhamentos, mensagens e ainda estar disposto 24 horas que alguém precisa de atendimento ou de sua ajuda, no caso de doença, funeral ou uma briga... Pastor não tem feriado prolongado. Trabalha muito e não sabe dizer nem quantas horas trabalha por semana. Isso é o que deixa a gente doente né? Porque você vai de um extremo ao outro. Muitas vezes eu sinto que me acabei; desgasta muito, e às vezes são os mesmos desgastes. Acho que isso é um retrato fiel de todos nós pastores.<sup>276</sup>

Dados de pesquisas apontam que o *Burnout*, um dos aspectos do sofrimento comum entre os ministros católicos e protestantes, nem sempre surge do excesso de trabalho, mas da brecha entre esforço e recompensa, em outras palavras, quanto maior a realização no trabalho do exercício do pastoreio, menor o stress físico. Neste sentido pode se entender que o prazer obtido nas atividades do pastoreio como ainda a realização pessoal, muitas vezes estão associadas às possibilidades de ser criativo, da liberdade para inovar, renovar, participar livremente nas decisões e, como também, ser reconhecido e valorizado na prática das atividades pastorais<sup>277</sup>.

Uma das regras preconizadas pela psicodinâmica do trabalho é que “em geral a carga psíquica do trabalho aumenta quando a liberdade de organização do trabalho diminui<sup>278</sup>”. A carga psíquica do trabalho repercute no indivíduo quando a pressão é estabelecida pela organização do trabalho. Quando o trabalhador não se vê na possibilidade de encontrar uma maneira possível de organizar o seu trabalho, como fruto desse conflito, o aparelho psíquico é

<sup>275</sup> SANTOS, MARTINS e FERREIRA. 2018. p. 255

<sup>276</sup> NAKANO, 2017, p. 56

<sup>277</sup> MORAIS, 2008, p. 130.

<sup>278</sup> DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas. 1994. p. 28

bloqueado e então, acontece a abertura por parte do indivíduo, para o domínio do sofrimento<sup>279</sup>.

### 3.2 Os Desafios do Trabalho do Exercício do Pastoreio nas Igrejas Cristãs

A prática do trabalho pastoral nas comunidades cristãs comporta muitos desafios. Tais desafios podem abalar inclusive a identidade do próprio ministro religioso cristão, provocando desconfiças, retrocessos e até mesmo questionamentos sobre a própria identidade ministerial. Entre os primeiros desafios para a vivência do ministério sadio esta a superação da visão de um idealizado ministério e até mesmo infantilizado conforme expressa o relato abaixo.

O sacerdócio da minha infância e juventude, o único que eu conhecia, tinha uma única face para mim, uma face que definia o papel do sacerdote havia quatrocentos anos. Eu não tinha a menor idéia de que a face do sacerdócio estava para mudar de forma significativa. (...) A face do sacerdócio continua a revelar novos contornos, traços fascinantes e infelizmente, algumas máculas trágicas<sup>280</sup>.

Outro desafio apresentado tanto para os padres quanto para os pastores é a necessidade de manutenção de vínculos de amizade.

O desafio para eles é ser homens leais à Igreja e, ao mesmo tempo, a sua própria pessoa. Essa fidelidade à Igreja e à consciência implica certa tensão na vida do sacerdote. Mais cedo ou mais tarde, ela é sentida por todo sacerdote que esteja lutando por sua integridade pessoal.<sup>281</sup>

Cabe tanto aos padres católicos como aos pastores protestantes repensarem os seus estilos de vida em seu contexto de trabalho no exercício do pastoreio. Cabe entender que precisam repensar o valor da vida, o cuidado com o corpo e com as emoções, como forma de uma vivencia madura da espiritualidade. Além do mais, necessitam aprender que *hobbies* pessoais, não essencialmente são concorrentes da vida e da religião. Por vezes, são portas de saídas para evitarem o adoecimento mental e ponto de chegada para uma vida equilibrada<sup>282</sup>.

Nesse sentido, a vulnerabilidade emocional provocada pela ausência dos apoios afetivos e sociais acarreta amplo sofrimento no campo das relações de trabalho. Na qualidade de trabalhador, o ministro religioso ao se sentir sem opção para compartilhar seus problemas, suas preocupações, aspirações e seus desejos têm aumentada sua tensão emocional, podendo

<sup>279</sup> DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C.1994. p. 28

<sup>280</sup> COZZENS, Donald B. A face mutante do sacerdócio. São Paulo, Loyola, 2001. p. 13-14

<sup>281</sup> COZZENS, 2001, p. 35.

<sup>282</sup> SILVA, 2018, p. 79.



chegar ao aparecimento dos sofrimentos psíquicos como a depressão, a ansiedade, a síndrome de *Burnout* e/ou do estresse ocupacional<sup>283</sup>.

### 3.2.1 Pressão pela Eficácia por parte da Organização Eclesial e dos Próprios Ministros Religiosos Cristãos

A organização do trabalho influencia sensivelmente o estado de realização pessoal no trabalho, mas não se pode desconsiderar, que um ambiente que exerça pressão nos indivíduos, surge grande probabilidade de contribuir para que se desenvolvam doenças emocionais e mentais como a ansiedade, a depressão, a síndrome de *burnout* e o estresse<sup>284</sup>. Na definição de Lazarus e Folkman o stress é “uma relação particular entre a pessoa e o ambiente, que é avaliado pela pessoa como desgaste ou superior a seus recursos de enfrentamento e ameaçador a seu bem-estar”<sup>285</sup>.

A organização do trabalho eclesial também exerce sobre os seus ministros uma ação própria, com consequência direta no aparelho psíquico dos seus vocacionados. Esta ação, em certas condições, imputa o sofrimento físico e psíquico. Tais sofrimentos surgem do conflito entre uma história pessoal, carregada de projetos, de esperanças e de desejos e, em outras condições, aparecem do conflito parte da organização do que os ignora<sup>286</sup>. Como se pode observar, o trabalho do exercício do pastoreio não escapa deste contexto. São muitos os relatos atribuindo a vivência do sofrimento psíquico ao contexto da vivência do exercício do pastoreio.

Na vivência pastoral, pude ver de perto alguns dos dados que refletiam a realidade de pastores e até a minha própria. Em 2016 passei um período da minha vida onde fui acometido por Hipotímia, que está ligada a Distímia, sendo um Transtorno do Humor (tipo de depressão) em que passei cerca de 4 meses em reclusão total.<sup>287</sup>

A literatura indica também, que além da pressão por parte da organização eclesial, os ministros religiosos cristãos que se dedicam ao trabalho pastoral, sofrem muito pela autocobrança. Com isso, as dimensões das pressões sofridas através da percepção da

<sup>283</sup> GAZZOTTI, A. A.; VASQUES-MENEZES, I. Suporte afetivo e o sofrimento psíquico em burnout. In: CODO, W. (Org.), *Educação: Carinho e trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 261-266.

<sup>284</sup> GARCIA, M. S. O. CABEZA, I. G., & FERNANDEZ, L. M. (1998). *burnout* enprofesionales de salud mental. *Anales de Psiquiatria*, v. 14, n. 2, p. 48-55.

<sup>285</sup> LAZARUS, R. S e FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer, 1986, p. 19.

<sup>286</sup> DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez. 1992. p. 133.

<sup>287</sup> ALMEIDA, Denis, Pastores, *Salvem-se! Encontre soluções para os desafios da Vida Pastoral*. Maceió: Editora Sal Cultural, 2019. p. 10

expectativa elevada de terceiros, autocobrança, envolvimento emocional demasiado com o trabalho, a solidão, o cansaço e o desgaste, a culpa, o isolamento, a apatia e a indiferença e por fim desconfiança ultrapassam os discursos pessoais, como se nota no relato a seguir:

Nós mesmos pastores nos impomos de não poder ter problemas; a gente mesmo se cobra. A gente não se permite não estar bem. A gente precisa também entender que nós somos humanos; a gente na verdade sente que não estamos fazendo bem o chamado, mas nós não somos super homens ou super mulheres. Nós somos humanos. Então, a gente sempre acha que está aquém daquilo que podemos fazer para Deus. A gente sempre está fazendo menos. Eu acho que a gente se cobra muito. Cobrança individual, de si. Esquecemos que somos humanos né? Inclusive que temos problemas; eu já tive muita cobrança interna sim, com relação à questão da comparação com outras atividades, carreiras. Eu acho que nós pastores queremos a perfeição.<sup>288</sup>

### 3.2.2 Superação da Vivência do Ministério Ideal e Abertura ao Autocuidado

O líder religioso cristão, por mais consciência que tenha, vive numa constante encruzilhada entre a realidade humana e as idealizações. Se por um lado, quando se mostra muito “humano”, corre o risco de decepcionar os que dele esperam perfeição, por outro lado, ao se isolar, colocando-se acima dos demais, perde sua capacidade e oportunidade de se identificar com os fiéis. Neste conflito não são poucos os que optam por se abrigar, protegendo suas emoções, resseiosos em mostrar seus sentimentos, temendo que sejam interpretados como fragilidade<sup>289</sup>.

De acordo com a descrição de Cozzens, para os católicos, mesmo cientes da limitação humana e da crise moral, independentes do nome e idade, tendem imaginar os seus ministros religiosos de forma diferente das demais denominações. Na percepção católica os ministros ainda são percebidos “como sacramento” de um mundo que ultrapassa o mundo real. São indivíduos sacramentais que indicam para um universo para além de si mesmo, como sinais do transcendente<sup>290</sup>.

Entre as fontes de desconexão interna comum entre os ministros religiosos cristãos no trabalho pastoral estão a negação da necessidade do autocuidado e busca pelo poder. Ao negar a necessidade do autocuidado, o ministro religioso muitas vezes dedica-se ao trabalho pastoral em ritmo frenético e simplesmente não percebe as suas próprias necessidades, levando ao desprezo dos cuidados básicos pessoais, como o horário e alimentação correta, a qualidade do sono, o tempo reservado para o lazer e descanso.

<sup>288</sup> NAKANO, 2017, p 78.

<sup>289</sup> OLIVEIRA, 2004. p. 123-124

<sup>290</sup> COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 21

No decorrer do tempo, chega ao embrutecimento pessoal e a desumanização nas relações entre os colegas de ministério e com a comunidade de féis onde exercem o trabalho pastoral. Outra maneira de desconexão interna, que certamente leva ao sofrimento psíquico é a busca pelo poder, manifestada pelos ministros religiosos, quase sempre, através da necessidade de ascensão profissional ou ministerial, seja acadêmica ou social.<sup>291</sup>

O trabalho pastoral é a maior expressão do cuidado, por parte do ministro religioso cristão e o cuidado pastoral é a expressão da identidade do ministro religioso. Todavia, o sofrimento psíquico acarreta redução da capacidade de cuidar. O sofrimento psicológico eviscera a vitalidade espiritual, exacerba a sensação de exaustão emocional ou falta de simpatia e compreensão pelas preocupações dos outros. Um ministro religioso capturado pela exaustão emocional é um produtor de apatia e indiferença. De um lado, quando movidos pela apatia passa a não se importar ou simpatizar com o sofrimento dos outros, enquanto de outro lado, movido pela indiferença, passa a agir de modo superficial, a fim de atender à preocupação ou necessidade de alguém. A indiferença é um desapego, uma resposta adequada às demandas dos outros. No entanto, essa indiferença é expressa na forma como as necessidades são atendidas e, nessa condição, a indiferença passa ser simplesmente seguir em frente.

### 3.3 Possíveis Caminhos para Superação do Sofrimento Psíquico Comuns aos que Exercem o Ministério Pastoral nas Igrejas Cristãs

Segundo Caraballo, o momento atual é marcado por fortes e intensas mudanças socioculturais. Essas mudanças acarretam enormes desafios para a humanidade e tais desafios influenciam todas as esferas da atividade humana, inclusive a prática religiosa. Um dos efeitos desse momento, descrito como cultura globalizada, é o de ignorar a dimensão comunitária na realização espiritual, ressaltando a maneira individualista, as constantes buscas pelas questões transcendentais em todas as suas expressões.

Como resultado desse processo, no entendimento da autora, num ponto de vista, o trabalho pastoral insere os ministros religiosos, como servo de Deus, numa crise progressiva de sua identidade, que permeiam todos os aspectos de sua vida, tais como comportamento, maneira de ser, de comunicar e de se relacionar com os seus pares, superiores e paroquianos. Em outra perspectiva - enquanto categoria - além de conviverem com a desvalorização social,

---

<sup>291</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 70

passam no seu trabalho pastoral cotidiano a confrontar com novos desafios, que os obrigam à integração de suas dimensões físicas, psicológicas e espirituais. Assim, como essa integração nem sempre é possível, muitas vezes por falta de habilidade ou de treinamento adequado, os indivíduos se tornam profundamente vulneráveis e sujeitos às diversas formas de sofrimento psíquico.

Por fim, na compreensão de Carballo, o caminho para contornar a situação descrita passa pela oferta de treinamentos adequados, visando o fortalecimento da identidade sacerdotal, fazendo-os capazes para enfrentarem de maneira sadia, as mudanças culturais desse tempo e também da parte do sujeito através de uma vida de oração disciplinada, pelo comprometimento com o exercício do ministério com seu desenvolvimento humano, que é fator determinante do sucesso ou fracasso de seus esforços para alcançar integridade, significado e realização. Sem isso, os ministros religiosos estarão longe de uma qualidade de vida adequada, como também, um bom autoconhecimento e autocuidado no contexto de suas realidades sociais e eclesiais. Este último, no entendimento da autora, permitiria um atendimento mais eficiente, por sua parte, à sociedade e enriquecimento de sua vida pessoal<sup>292</sup>.

### 3.3.1 Superação do Ativismo

Uma das causas do sofrimento no trabalho psíquico no trabalho pastoral apontada pela literatura consiste no excesso de trabalho ou ativismo por parte dos ministros religiosos cristãos. De acordo com psicodinâmica do trabalho de Dejours este tipo de “workaholic” assumido pelos ministros religiosos cristãos se caracteriza como sofrimento patogênico, porque mesmo havendo o esgotamento de todos os recursos defensivos, continua a provocar uma descompensação do corpo ou da mente, debilitando o aparelho mental e psíquico do sujeito. Este sofrimento psíquico no trabalho pastoral pode surgir por decorrência das novas formas de organização eclesial para sobrevivência no mercado religioso<sup>293</sup>.

Um dos principais desafios para os ministros no exercício do pastoreio é encontrar um caminho para superação do ativismo religioso. O ativismo além de fonte do desgaste para a

<sup>292</sup> CARABALLO, Mariela R. Síndrome de Burnout en sacerdotes de una Diócesis de Argentina. Dios y el hombre, v. 3, n. 2, [s.p.], 2019. [online].

<sup>293</sup> DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 21-42.

classe dos ministros religiosos, ainda contribui para que muitas atividades pastorais se tornem espaço propício para “um esconder-se de si mesmo sob uma aparente espiritualidade”<sup>294</sup>.

O caminho para o rompimento do ativismo, sugerido pela tradição da Igreja Católica Apostólica Romana, conforme síntese expressa por João Paulo II, passa pela maturidade pessoal e ministerial através formação contínua, constantes e equilibradas revisões do próprio agir, da procura constante dos motivos e instrumentos da missão assumida e por revisões permanentes e equilibradas de si mesmo:

[...] O caminho para a maturidade não requer só que o sacerdote continue a aprofundar as diversas dimensões da sua formação, mas também e sobretudo que saiba integrar cada vez mais harmoniosamente entre si estas mesmas dimensões, chegando progressivamente à unidade interior [...] a formação permanente ajuda-o a vencer a tentação de reduzir o seu ministério a um ativismo que se torna fim em si mesmo, a uma impessoal prestação de coisas mesmo espirituais ou sagradas, a um mero emprego ao serviço da organização eclesial.<sup>295</sup>

No entendimento de Oliveira<sup>296</sup>, diante do crescimento do número de ministros religiosos tomados pelo estresse, depressão e ansiedade - fatores que caracterizam o sofrimento psíquico eminente - torna-se necessário por parte das organizações eclesiais, o apoio emocional e assistência cabíveis aos seus trabalhadores. Entre as propostas estão a criação de espaços de livre expressão e o incentivo as confraternizações. Destacando que estes necessitam de espaços onde tenham condições de se exporem com liberdade às suas dores e fraquezas, sem medo de serem penalizados. Na compreensão da autora, sua proposta, além de ajudar os trabalhadores no exercício do pastoreio, contribuirá para a melhora da imagem das organizações eclesiais cristãs.

### 3.3.2 Administração do Tempo

De acordo com Flach, adotar o sofrimento psíquico enquanto elemento principal de uma pesquisa envolve reportar-se à esfera da vivência pessoal e à maneira como o indivíduo interpreta o seu trabalho cotidiano. Tal postura se faz necessário, uma vez que os elementos conectados ao sofrimento psíquicos são múltiplos e possuem um modo fundamental nas maneiras de ser e de viver dos sujeitos. Por isso, para se diminuir o excesso de trabalho, uma das causas do sofrimento psíquico no trabalho pastoral, é importante romper com um modelo

<sup>294</sup> OLIVEIRA, 2004. p. 121

<sup>295</sup> JOÃO PAULO II, Exort. ap. post-sinodal Pastores dabovobis, p. 61-63. [online].

<sup>296</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 83

de ministro religioso superprodutivo, que coloca os interesses da organização eclesial acima até da sua vida pessoal<sup>297</sup>.

Dentro desse raciocínio, Farah descreve que a promoção da saúde psíquica passa pela transformação do comportamento dos indivíduos através da educação, para mudanças no estilo de vida cotidiano. Assim, para amenizar o sofrimento psíquico, a adoção de novos comportamentos a ser aprendidos, como exercícios físicos e administração pessoal do tempo é fundamental<sup>298</sup>. Diante disso, aos ministros religiosos cristãos cabe a necessidade de se educarem para administração do tempo de maneira que aprendam a distinguir melhor entre suas vidas pessoais e ministeriais, as fronteiras entre trabalho e casa sejam protegidas. A falta de uma administração equilibrada do tempo dificulta evitar o sofrimento patogênico, um tipo de esgotamento de todos capaz de romper com todos os recursos defensivos e provocando a descompensação do corpo ou da mente, debilitando o aparelho mental e psíquico do ministro religioso<sup>299</sup>.

### 3.3.3 Relação com os seus Pares, Féis e Superiores Hierárquicos

A manifestação do sofrimento psíquico também pode proceder da desconfiança existente entre os pares, dos conflitos dentro do próprio grupo, podendo ocasionar o aumento do individualismo e o fechamento da pessoa sobre si mesmo<sup>300</sup>. No entendimento de Sasmito e Lopez, dentro de sua humanidade imperfeita, os clérigos cristãos devem ser capazes de dar a si mesmos e suas vidas ao povo. Diante disso, teoricamente, cada ministro religioso é chamado a manter dentro de si os mesmos sentimentos e atitudes que Jesus Cristo tem para com a Igreja - isto é, amor terno e total doação de si. No entanto, apresentar amor compassivo ou se entregar ao trabalho pastoral, como exigência do ministério, é uma luta particular entre os indivíduos que se põem a viver a sua compreensão de chamado ao ministério pastoral, uma vez que, na compreensão dos autores, estudos documentam evidências de sofrimento psicológico manifestado através de estresse, exaustão emocional, solidão, esgotamento e fadiga de compaixão entre os clérigos, na vivência cotidiana do seu ministério.

Diante disso, os autores propõem o apoio social como uma das formas possíveis de caminhos para a prevenção e o alívio do sofrimento psíquico aos clérigos no contexto da vida

<sup>297</sup> FLACH, Leonardo *et al.* Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 21, n. 2, 2009. p. 193. [online]

<sup>298</sup> FARAH, O. G. D. *Stress coping no estudante de graduação em enfermagem: investigação e atuação*. Tese (Doutorado), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001. p. 67.

<sup>299</sup> DEJOURS, 1999, p. 8

<sup>300</sup> LANCMAN; SZNELWAR, 2004, p. 34



e do trabalho pastoral ministerial. Tal apoio social pode ser distinguido com base em cinco fontes de apoio, sendo eles o apoio familiar e dos amigos próximos; o apoio advindo dos funcionários; o apoio dos membros das igrejas; dos companheiros de ministério e, por fim dos superiores. Na compreensão dos autores, a família e os amigos próximos são considerados os recursos de apoio mais importante para os clérigos.

Em segundo lugar, na sugestão de Sasmito e Lopez, os funcionários são considerados recursos de apoio significativos para os ministros religiosos, ajudando-os a ter prazer na condição existencial escolhida e a estar satisfeitos em seu ministério. Em terceiro, o apoio dos fiéis é considerado uma proteção contra os efeitos negativos dos fatores de estresse que afetam os clérigos. Em quarto lugar se situa o apoio dos colegas de ministério como recursos importantes na prevenção e combate do sofrimento psicológico, uma vez que observou que os clérigos, de forma geral, experimentam exaustão emocional em sua vida e ministério, devido à falta de uma rede de apoio social, como uma comunidade ministerial, como companheiros na missão do trabalho pastoral. Por último, situa o apoio dos superiores, no caso dos católicos, principalmente do bispo, como influência positiva junto aos padres. Conforme os autores, a falta de apoio da comunidade ministerial e a falta de liderança suficiente dos bispos são algumas das principais fontes de estresse na vida e ministério sacerdotal.

Para Sasmito e Lopez receber apoio adequado dessas várias fontes motivará os ministros religiosos a vencerem os sofrimentos psíquicos, a se dedicarem com mais amor e com mais compaixão aos outros, visto que o amor compassivo influencia aos padres a serem entusiastas no ministério pastoral<sup>301</sup>.

### 3.3.4 Apoio Psicoterapêutico

A Igreja Católica Apostólica Romana através de dois organismos próprios, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Conferência Nacional dos Presbíteros (CNP), propõe que cada ministro deva ser sujeito do seu próprio cuidado. Além disso, defende que cada diocese deve, de maneira cuidadosa, estabelecer de maneira orgânica e integral, um acompanhamento psicológico pessoal e comunitário dos seus ministros religiosos. A esse processo a instituição denomina de pastoral presbiteral que consiste em

[...] uma ação conjunta e planejada da Igreja Particular, sobretudo a partir do Bispo e do Conselho Presbiteral, em favor do presbitério, sua pessoa, vida e missão. Deve

<sup>301</sup> SASMITO, E., LOPEZ, G. D. Compassionate Love among Catholic Priests: its Antecedents and its Influence on Affect toward Pastoral Ministry in Indonesia. *Pastoral Psychol*, v. 69, 2020. p. 47–67 [online].

ser um espaço de integração e intercâmbio, que leve o presbitério a cultivar a alegria e o prazer de ser padre, superando obstáculos e dificuldades.<sup>302</sup>

De maneira oficial, a Igreja salienta a necessidade e importância do cuidado aos clérigos através da chamada pastoral presbiteral, que enquanto dispositivo, tem o objetivo de fomentar a busca pelo cuidado, da humanização das relações fraternas entre os ministros, a capacidade de trabalho em conjunto, através da abertura ao diálogo e o respeito entre os pares, à integração positiva e oblativa da sexualidade, as formas de exercício do poder pastoral, a hospitalidade para com os ministros idosos e enfermos e a partilha fraterna dos bens financeiros<sup>303</sup>.

Para Pereira, clérigo como trabalhador de uma instituição eclesial, deseja, busca e quer ser feliz, amado, reconhecido, visto e bem-querido. Como ser humano necessita de ser considerado digno de confiança, confidência e deseja ainda expressar suas virtualidades. Porém, geralmente experimenta na própria pele a negação do corpo irritado, tenso e nervoso através das emoções negadas, desconhecidas e silenciadas. Tal situação o leva a não elaboração deste sofrimento, tornando-o agressivo, incompreendido e despersonalizado situação que as terapias da perspectiva pessoal interna não resolvem.

Assim, Pereira aponta para a necessidade de um espaço denominado de “casa da pastoral presbiteral”, uma espécie de agenciamento dos afetos e da criatividade, onde no entendimento do autor, acontece os encontros afetivos e de projetos de pertencimento. Nesse espaço institucionalizado, uma espécie de porto seguro, trata-se de maneira dialogal os grandes entraves, por exemplo, enfrentados nas diversas áreas que envolvem o ministro no trabalho pastoral. Para Pereira, este espaço simbólico, de pouco a pouco, como local de vivência do tempo livre, do lazer e convivência prazerosa, afetiva, construtiva, cultural e repousante, proporcionará aos ministros religiosos romper com o imaginário do descanso como supérfluo ou até mesmo o pecado.

No ponto de vista do autor, a iniciativa da casa da pastoral presbiteral contribuirá para o rompimento de traços antigos entre os clérigos como, por exemplo, o isolamento que produz fantasmas psíquicos, fontes da sensação de desamparo, da solidão, da incapacidade frente aos desafios da vivência ministerial e do medo da morte. Pereira relatou que a diminuição desses fatores geradores de angústias diversas, muitas vezes, não é expressa e nominada, contribuirá

---

<sup>302</sup> CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília, Edições CNBB. 2010, 176.

<sup>303</sup> PEREIRA, William César Castilho. Sofrimento psíquico dos Presbíteros – Dor Institucional – Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012. p. 469-470

de maneira elevada para o estancamento das principais fontes do sofrimento psíquico e de psicopatologias graves ocorridas, frequentemente, entre o clero<sup>304</sup>.

Santos defende para além da busca do apoio psicológico e psiquiátrico obtido de maneira individual ou oferecido pelas organizações eclesiais cristãos, a necessidade do terapeuta pastoral. Para o autor diante das condições de desgastantes em que são submetidos os ministros religiosos no trabalho pastoral, considera-se essencial a institucionalização de um tipo de conselheiro entre os próprios ministros, com formação específica para essa função pastoral, para esse tipo de missão. O terapeuta pastoral deverá ser alguém experiente, capaz de ouvir, aconselhar e encontrar com os aconselhados caminhos possíveis para a proteção psíquica diante das intempéries enfrentadas no exercício do ministério pastoral, nas igrejas cristãs<sup>305</sup>.

### 3.3.5 A Descoberta do Autocuidado e da Integração Pessoal

Outra grande causa do sofrimento psíquico no trabalho pastoral é a negligência por parte do trabalhador em relação às pressões e ao estresse na execução das atividades pastorais, uma vez que os clérigos passam a considerá-las como naturais. Para Cozzens, este comportamento negativo, por parte daqueles que se aventuram no trabalho do cuidado pastoral será sempre natural e constante. Segundo o autor, o centro da crise psíquica está instalada na alma dos ministros cristão e sua consistência está na busca e tentativas constantes, por sua identificação com Cristo.<sup>306</sup>

Na compreensão de Siqueira e Padovano, bem-estar psicológico pode ser definido como a integração composta de alguns fatores, como a autoaceitação, relacionamento positivo com outras pessoas, propósito de vida, crescimento pessoal, autonomia e domínio do ambiente<sup>307</sup>. Como se percebe, tanto os ministros religiosos cristãos, que se aventuram no exercício do trabalho do pastoreio, como as organizações eclesiais, tendo em vista o bem da saúde mental dos envolvidos, necessitam desenhar um estilo de vida mais equilibrado que os conduza a uma leveza diante da vida e diante das longas jornadas de trabalho diário. Devem repensar, inclusive, o estilo e valor de suas vidas, bem como “cuidar do corpo, das emoções

<sup>304</sup> PEREIRA, 2012, p. 500-503.

<sup>305</sup> SANTOS, Francisco de Assis Souza dos. COUNSELOR OF COUNSELOR - PREPARED TO LISTEN TO COUNSEL. 2021. p. 1-9.

<sup>306</sup> COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 28-29

<sup>307</sup> SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.

além de sua espiritualidade, uma vez que suas paixões pessoais, não necessariamente são adversárias da vida e da religião<sup>308</sup>”.

Pressionado a não viver sua humanidade, nega seu cansaço, seus sentimentos de tristeza e fracasso, em seu sofrimento, descuida dos aspectos importantes da sua vida e submete-se em nome da ‘Obra do Senhor’(e de acordo com sua visão de ministério) a um ativismo alienante que pode levá-lo a uma vida extremamente solitária. Embora cercado de tantos irmãos, sente-se impedido de expressar seus autênticos sentimentos e sua vida diante deles.<sup>309</sup>

Segundo Leonardo Boff, o viver de forma integral compreende um dos principais desafios do ser humano. Assim sendo, um dos complicadores desse processo na vida do ministro religioso cristão, no exercício do pastoreio, é exatamente a combinação do trabalho com o autocuidado. Na descrição do autor, a busca por um estilo de vida saudável e a combinação do trabalho com o autocuidado envolve três tipos de patologias, que são a negação, a obsessão e o descuido. Na negação, o ministro religioso tomado pelo ritmo frenético e grande volume de exigência do trabalho do exercício do pastoreio, perde a consciência das suas próprias necessidades, despreza os cuidados essenciais consigo mesmo, como as horas necessárias de sono, com o lazer, descanso e com a alimentação, tendo como consequência o embrutecimento pessoal, que ao longo dos anos, provoca uma enorme desumanização nas relações. Somando a isso, acrescenta como fonte da desconexão interna e, na sequência, o sofrimento psíquico e o processo de busca pela ascensão no poder, na vida acadêmica ou social, que envolvem o ambiente eclesial em que circula os ministros religiosos cristão.

Na ânsia entre o cuidado de si mesmo e o cuidado pastoral do outro, encontra-se a obsessão, o cuidado excessivo de si mesmo, que germina o narcisismo. Nesse processo, o ministro perde o foco e passa a se proteger de uma maneira que prejudica o seu trabalho no exercício e pastoreio e suas próprias relações. Mediante a isso, atividades exigidas no exercício do pastoreio passam a acontecer de maneira mecânica, impessoal, sem afeto e baseada na vaidade pessoal. Tal prática executada pelo indivíduo movido pelo narcisismo, conduz ao perfeccionismo. O perfeccionismo quase sempre leva à imobilização, impedindo a conclusão e avanços dos projetos e trabalhos devido ao medo de serem julgados e

<sup>308</sup> SILVA, 2018, p. 79

<sup>309</sup> FARIA, Almir Linhares de. Ética Pastoral como fruto da vocação. In: Psicologia e ajuda pastoral. São Paulo: Nascente/CPPC, 1985. p. 7

considerados aquém das exigências. O resultado é que o excesso bloqueia a espontaneidade nas relações, uma vez que a própria pessoa se torna o centro dos interesses.<sup>310</sup>

### 3.3.6 Participação nos Pequenos Grupos de Espiritualidade, Partilha e Interesse

Vivemos em uma época marcada pelo forte autocentramento, que tem como consequência o crescimento de uma mentalidade egoísta, onde os outros indivíduos são vistos como empecilho para os projetos pessoais ou até mesmo como degrau para chegar aos objetivos individuais. Tal mentalidade afeta também o universo clerical e contribuem para que os ministros religiosos cristãos executem suas atividades pastorais sem sofrimentos psicológicos.

Neste sentido, Dalgarrondo aponta os efeitos positivos do envolvimento religioso sobre a saúde mental. Entre os efeitos positivos, estão o apoio social dos grupos religiosos e os sistemas de crenças que a religião propicia ao sentido da vida e ao sofrimento. A participação em pequenos grupos com propostas religiosas incentiva a comportamentos saudáveis e regras de estilos de vida que favorecem ao cuidado e a prevenção da saúde psíquica<sup>311</sup>.

Assim, considerando a importância de resultados que possam solucionar efetivamente toda a problemática que envolve o tema proposto, vale a sugestão de formação de grupos entre os próprios clérigos, como uma das ações necessária e de caráter emergencial, a implantação de políticas eclesiais voltadas para saúde mental dos sujeitos que exercem as atividades do trabalho pastoral, objetivando entre outros fatores, estimular a prevenção em saúde mental dos clérigos, além de promover ambientes e caminhos de trabalhos eclesiais saudáveis, como forma de garantia da integralidade na atenção à saúde mental dos ministros religiosos cristãos, o que resultaria, ainda, uma comunicação de qualidade entre os pares, superiores e seus cooperadores.

---

<sup>310</sup> BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 160-162.

<sup>311</sup> DALGALARRONDO, Paulo. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 28, 2006. p. 177- 178.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs a buscar pela existência do prazer e do sofrimento psíquico comum entre os ministros religiosos, atuantes no exercício do pastoreio nas igrejas cristãs e às possíveis relações entre o sofrimento e a própria organização do trabalho pastoral. Ao final da investigação foi identificado que o sofrimento psíquico comum entre padres e pastores no trabalho do cuidado pastoral é evidente e que muitos vivem alto grau de esgotamento, seja físico ou mental, chegando ao lado mais cruel do sofrimento psíquico expresso, através do vazio intelectual. Tal vazio, além de os deixar sem direcionamento, leva-os a tomar para si toda a responsabilidade de amargura, causando a sensação incessante de impotência e incapacidade, onde os conhecimentos adquiridos por anos de dedicação se tornam inúteis e descartáveis.

Entre as muitas maneiras de manifestação do sofrimento psíquico no trabalho pastoral observadas, pode-se citar a insegurança quanto aos métodos, a angústia de não ser capaz de seguir os ritmos ou os limites de tempo impostos pelas equipes ou até mesmos pelos conselhos e presbitérios, sofrimento advindo da repetição contínua de certas atividades e rituais, dos aborrecimentos, medo das agressões verbais e morais provenientes dos fiéis ou dos próprios colegas de ministério, receio de conflitos com as autoridades hierárquicas e medo das transferências das áreas ou cidades, dentre outros transtornos.

A literatura aponta causas multifatoriais, destacando dois tipos de causas - as pessoais e as próprias do ambiente de trabalho. As causas pessoais mais evidentes são o excesso de trabalho e a negligência por parte do trabalhador em relação às pressões e ao estresse na execução das atividades pastorais, haja vista que os clérigos tentem a considerá-las como naturais, a exigência exagerada de si mesmo, a rigidez para com os outros e para consigo mesmo, a luta para garantir ou manter a imagem correspondente ao padrão exigido pelas fiéis e a crise de identidade ministerial. Cita-se ainda as causas eclesiais, cujos ambientes vêm causando os mais diversos efeitos sobre a saúde mental dos clérigos, as quais podemos citar a colisão entre os efeitos da secularização na organização do trabalho pastoral, a falta de reconhecimento por parte da sociedade, as exigências crescentes de maior qualificação técnica, a falta de apoio familiar, comunitária, dos pares e superiores e a competitividade entre as instituições religiosas cristãs.

Notou-se também, que apenas um pequeno número entre os ministros religiosos cristãos no trabalho do exercício do pastoreio e que estão conscientes de seu desgaste físico ou emocional, permitem-se alterar sua agenda. Ao contrário, grande parte



entre eles assumem tarefas acima de suas possibilidades, tratando a si mesmos com displicente descuido. Muitos clérigos, entretanto, procuram ajuda apenas em situações extremas, quando os resultados mostrados pelos exames não mais correspondem aos resultados previstos. Assim, mergulhados numa profunda falta de cuidado consigo mesmos, não dispõem da consciência de que o trabalho do pastoreio ficará comprometido, caso não estejam bem para executá-lo.

Quanto à prevenção e saúde para os elementos envolvidos no trabalho pastoral, percebeu-se que de um lado, parte das organizações eclesiais tende a apresentar a questão do sofrimento psíquico no trabalho pastoral como algo inerente ao ser humano, atribuindo aos clérigos a total responsabilidade pela preservação da saúde mental. Por outro lado, existem também estudos que mostram que as organizações eclesiais cristãs têm consciência e vêm preocupando com dimensão patológica, que o sofrimento psíquico no trabalho pastoral tem causado aos ministros cristãos. Entre as consequências apontadas estão o aumento de patologias de diversas características, podendo ser citadas como exemplos as cardiorrespiratórias, estresse, insônia, alterações de humor e, principalmente o número de suicídios cometidos por religiosos cristãos no mundo inteiro.

Observou-se ainda, que a literatura reconhece e está atenta à existência aos eventos que geram prazer e sofrimento no trabalho pastoral e reconhece que a organização do trabalho pastoral pode levar ao adoecimento psíquico, mas destaca o sofrimento psíquico como parte complementar do trabalho em forma geral. Desse modo, por um lado não aponta como sendo função exclusiva das organizações eclesiais intervir nas situações de sofrimento psíquico dos clérigos e, em contrapartida, tende a colocar o clérigo como o causador do seu próprio sofrimento, uma vez que a prática do autocuidado nem sempre é uma atitude importante em meio à cultura dos líderes religiosos cristãos, que de uma forma ou outra, volta-se a se moldar às exigências das doutrinas, que acredita e prega.

Por fim, observou-se que o trabalho pastoral executado através dos ministros religiosos nas Igrejas Cristãs é marcado por contratos doutrinários diversos. Todavia, coincidente na flexibilização subjetiva e pessoal nas formas de execução e pelas condições oferecidas pelas instituições eclesiais, levam os clérigos cristãos a se sentirem no dever de assumir de maneira pessoal e intransferível, a responsabilidade pela missão. Com isso, o exercício do ministério pode ora se tornar uma oportunidade para o crescimento pessoal, ora como uma fonte de sofrimento psíquico, opressão ou exclusão.

Nessa sequência conclusiva, verificou-se que para o ministro religioso cristão, o trabalho pastoral abarca um significado maior do que o ato de trabalhar e da busca pela

remuneração. Assim, numa primeira vertente analítica, além da remuneração social, do reconhecimento, da gratificação, da função psíquica, elementos de grande relevância na constituição da pessoa humana e seu circuito de significados, da identidade e da subjetividade, o trabalho pastoral se constitui como espaço de dominação e submissão do sujeito ao transcendente. Já numa segunda vertente, a prática do trabalho pastoral faz incidir nos ministros, uma espécie de resistência aos tipos de suposta dominação e submissão às organizações eclesiais. A vivência desses processos, conjunção de forças, constitui-se de um espaço emocional propício para os conflitos pessoais, elemento central para remeter-se ao sofrimento psíquico. O impacto da secularização nas organizações eclesiais reflete nas exigências crescentes de desempenho, maior qualificação ministerial, a competitividade, a depreciação da estima e da imagem dos clérigos têm causado os mais diversos efeitos sobre a saúde mental dos ministros religiosos cristãos.

Com isso, observou-se que de modo geral, existem muitas maneiras de manifestação do sofrimento psíquico no trabalho pastoral, como a insegurança quanto aos métodos, a angústia de não ser capaz de seguir os ritmos ou os limites de tempo impostos pelas equipes ou até mesmo pelos conselhos e presbitérios, sofrimento advém da repetição contínua de certas atividades e rituais, dos aborrecimentos, medo das agressões verbais e morais provenientes dos fiéis ou dos próprios colegas de ministério, receio de conflitos com as autoridades hierárquicas, medo das transferências das áreas pastorais ou cidades, entre outros transtornos.

Percebe-se, que apesar da literatura apontar para ocorrência dos sofrimentos psíquicos comum entre os clérigos cristãos, são poucos os relatos de experiência de apoio e estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico associado ao trabalho pastoral. Pode-se ainda evidenciar neste contexto, buscas individuais por ajuda descontinuadas e, muitas vezes tardiamente, o que não tem evitado o adoecimento pessoal por parte dos muitos ministros religiosos, como ainda o prejuízo nas próprias atividades pastorais executadas. Estratégias ligadas à prática de atividade física, a qualidade do sono, a programa de Terapia Comunitária, a promoção de hábitos saudáveis de vida associados ao desenvolvimento de competências, como artes e atividades sociais, têm demonstrado ser importantes e necessárias para a superação do sofrimento psíquico causado pelo trabalho.

Assim sendo, ao final desta pesquisa reconhece-se, ainda, a importância de trabalhos observacionais e longitudinais ao longo da vida ministerial nas Igrejas Cristãs, a fim de estudar melhor o fenômeno e práticas, que podem impactá-la de maneira positiva e negativa. As limitações desta investigação referem-se à não investigação de fatores associados, hábitos

de vida e práticas de ajuda buscadas pelos ministros religiosos cristãos. Diante desse contexto, espera-se que as pesquisas sobre vínculos entre o trabalho do cuidado pastoral e o adoecimento psíquico ganhe visibilidade crescente na comunidade acadêmica, contribuindo para o maior conhecimento sobre as formas de preservação da saúde mental dos ministros cristãos, no árduo trabalho do cuidado pastoral nas Igrejas Cristãs. Sabendo que - uma compreensão doentia do que significa ser ministro religioso cristão - resulta em uma prática doentia do trabalho do cuidado pastoral.



## REFERÊNCIAS

- ALBONZOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ALMEIDA, Denis Pastores. *Salvem-se! Encontre soluções para os desafios da Vida Pastoral*. Maceió: Sal Cultural., 2019.
- ALVARO, Alex Leandro Teixeira; RODRIGUES, Patrícia Ferreira; RONDINA, Regina. Sofrimento no trabalho na visão de Dejours. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, Garça, ano IV, n. 7, p. 1-9, nov. 2006.
- ANCHIETA, Vânia Cristine Cavalcante *et al.* Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 199-208, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722011000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 mai. 2020.
- ANDRADE, O. M.; CEDARO, J. J.; BATISTA, E. C. A família e o cuidado em saúde mental no contexto da religião pentecostal na Região Amazônica. *Barbarói*, [s.l.], v. 2, n. 52, p. 1-21, 2018.
- ANTLOGA, Carla Sabrina; MENDES, Ana Magnólia. Sofrimento e comprometimento dos vendedores de uma empresa de material de construção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 256, jun.2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200014&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 24 mar. 2020.
- ANTUNES, Ricardo L.C. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARAÚJO, Erismar da Silva Santos. *Estresse entre líderes religiosos protestantes de Palmas – To*. Tocantins: Centro Universitário Luterano de Palmas, 2019. Disponível em: <https://ulbrato.br/bibliotecadigital/publico/home/documento/1251>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- ARAÚJO, Maria das Graças Mazarin de Araújo. A Saúde no Trabalho – Foco na Prevenção da Saúde Mental. Caderno Temático n. 20, Psicologia Organizacional e do Trabalho. Conselho Regional de Psicologia/SP - CRP 06. São Paulo, 2016.
- AUGUSTO, Magda Maria. *Contexto de trabalho e vivências de prazer-sofrimento: estudo com trabalhadores de uma fundação pública*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2010.
- BAPTISTA, Fernanda Siqueira. *Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123723/000829301.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 fev. 2020.

BARBOSA, Maria do Socorro Xavier Travassos. Trabalho docente, readaptação funcional e identidade: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Clínica Psicodinâmica do Trabalho e Gestão do Estresse) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9782/1/2014\\_MariadoSocorroXavierTravassosBarbosa.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9782/1/2014_MariadoSocorroXavierTravassosBarbosa.pdf). Acesso em: 21 mar. 2019.

BARROS, Paloma Castro da Rocha; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico-USF*, Itatiba, v. 8, n. 1, p. 63-70, jun. 2003.

BARUS-MICHEL, Jacqueline. Sofrimento e perda de sentido: considerações psicossociais e clínica. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 4, n. 1, p. 54-71, 2003.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O estado da arte do *Burnout* no Brasil. *Revista Eletrônica Inter Ação Psy*, v.1, n. 1, 2003.

BERNARDO, André. Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda. Unisinos, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567155-depressao-no-altar-quando-padres-e-sacerdotes-precisam-de-ajuda>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BEZERRA, Cláudia de Magalhães; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 7, p. 2135-2146, jul. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232016000702135&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000702135&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 30 abr. 2020.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, 2003.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Contribuição da psicodinâmica do trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador". *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 249-259, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572010000200007&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200007&lng=en&nrm=isso). Acesso em: 21 mai. 2020.

BRASIL, Governo Federal. *Cartilha do Governo Federal sobre prevenção do suicídio aponta que 90% dos casos podem ser prevenidos, e traz esta e outras estatísticas, mostrando a gravidade do problema*. Cartilha completa. Disponível em: <http://www.flip3d.com.br/web/pub/cfm/index9/?numero=14#page/4>. Acesso em: 21 mar. 2019.

BUENO, Marcos; MACÊDO, Kátia Barbosa. A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 306-318, 2012.

CALADO, Cecília Ferreira de Melo. *Entre o pessoal e o profissional: proposta de análise sobre o sofrimento na relação de servidores técnicos administrativos da Universidade Federal de Pernambuco com a organização do trabalho*. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25504>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CALVO, Angel; RUIZ, Cortes Alberto Diaz. *Para conhecer a Eclesiologia*, Porto: Perpétuo Socorro, 1993.

CAMPOS, Luciana. *A dor invisível dos presbíteros*. Petrópolis: Vozes, 2018.

CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de consciência em Foucault. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 10, 2008.

CARABALLO, Mariela R. Síndrome de *Burnout* em sacerdotes de una Diócesis de Argentina. *Dios y el hombre*, v. 3, n. 2, p. 1-19, 2019.

CARRANZA, Brenda. D'Ávila. *Renovação carismática: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2005.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola; Ave-Maria, 1993.

CECCARELLI, Paulo. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set.-dez./2005.

CHEHAB, Ana Cláudia de Jesus Vasconcellos. *Sofrimento psíquico no Trabalho escravo: contribuições da Psicodinâmica do Trabalho*. *Rev. do Trib. Reg. Trab. 10ª Região*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 14, 2017.

CHEHAB, Ana Cláudia J. Vasconcellos. *Mediação do sofrimento em trabalhadores resgatados do trabalho em condições análogas à de escravo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1852>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília, Edições CNBB. 2010.

CODO, W. Histeria em creches. In: CODO, W.; SAMPAIO, J.J.C. *Sofrimento Psíquico nas Organizações. Saúde Mental e Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CONCEIÇÃO, F. N. Critérios fundamentais que determinam a construção de uma liderança cristã em uma entidade religiosa do Distrito Federal. Monografia (Graduação), Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013.

COSTA, Júlia Gomes Fernandes Soraya; MEDEIROS, Maria Medeiros. Sofrimento psíquico e trabalho: uma revisão integrativa de literatura. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, Vitória, v. 15, n. 2, p. 116-121, abr.-jun. 2001.



COSTA, IlenoIzídio da. *Delimitação e gerenciamento da crise psíquica grave: em busca de parâmetros*. In: COSTA, IlenoIzídio (Org.). *Intervenção e crise psíquica grave: fenomenologia do sofrimento psíquico*. Curitiba: Juruá, 2013.

COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 2001.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 34, n. 1, p. 25-33, 2007.

DALGALARRONDO, Paulo. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 28. São Paulo, 2006.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987.

DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez. 1992a.

DEJOURS, C. *A Loucura do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992b.

DEJOURS, Christophe; DESSORES, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Rev. Adm. Empres*. São Paulo, v. 33, n. 3, p. 98-104, jun. 1993.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed., São Paulo: Editora Cortez, 1998.

DEJOURS, C. *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: Fundap; EAESP/FGV, 1999a.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999b.

DEJOURS, C. *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: Fundap; EAESP/FGV, 1999c.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Produção*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DEJOURS, Christophe. A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: MENDES, A. M.; CRUZ, S. C.; FACAS, E. P. (Orgs.). *Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho*. Brasília: Paralelo, 2007.

DEJOURS, C. *Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo, Fiocruz, 2008a.

DEJOURS, Christophe. *Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho*. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejourns: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília/Rio de Janeiro: Paralelo, Fiocruz, p.15, 2008b.

DEL'OLMO, F. S.; CERVI, T. M. D. *Sofrimento mental e dignidade da pessoa humana: os desafios da reforma psiquiátrica no Brasil*. *Sequência*, Florianópolis, n. 77, p. 197-219, set./dez. 2017.

DEJOURS, C.; Dessors, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Rev. adm. empres.*, v. 33, n. 3, p. 88, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v33n3/a09v33n3.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

DEUS, Pêrsio Ribeiro Gomes de. Um estudo da depressão em pastores protestantes. *Ciências da religião – História e sociedade*, v. 7, n. 1, p. 189-202, 2009.

DOFFRFF, F. Estamos matando a nuestros sacerdotes, CISOC Bellarmino, Boletín Pastoral, maio, 2000. Disponível em: <http://www.cisoc.cl/index.php/estudiosy-reflexiones/estudios-pastorales/2-estudios-pastorales/151-iestamosmatando-a-nuestros-sacerdotes.html>. Acesso em: 25 jun. 2011.

DOLGHIE, Wesley. *A Síndrome de Burnout nos pastores presbiterianos de São Paulo: um estudo de caso*. Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/4119>. Acesso em: 5 jun. 2020.

EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. O trabalho pastoral numa análise da psicodinâmica do trabalho. *Aletheia*, Canoas, n. 30, p. 197-212, dez. 2009.

EINSFELD, Paulo Sérgio. O Jô bíblico e Viktor E. Frankl, *Estudos Teológicos*, v. 40, n. 3, p. 16-32, 2000.

ESTEVES, Fernanda Cavalcante; GALVAN, Alda Luiza. Depressão numa contextualização contemporânea. *Aletheia*, Canoas, n. 24, p. 127-135, dez. 2006.

FARAH, O. G. D. *Stress coping no estudante de graduação em enfermagem: investigação e atuação*. Tese (Doutorado), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

FARIA, Almir Linhares de. Ética Pastoral como fruto da vocação. In: *Psicologia e ajuda pastoral*. São Paulo: Nascente/CPPC, 1985. p. 7.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. *Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira*. Brasília: LPA, 2003.

FLACH, Leonardo *et al.* *Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios*. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 21, n. 2, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200006>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder, saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura* [1921]. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FRUTOS, Flávia PellissariPomin; ODA, Cíntia Miyuki; VERCESI, Cristiane. *Trabalho e sofrimento*: interfaces entre as perspectivas dejoursiana e da ótica cristã. In: XXXI ENCONTRO DO ANPAD, Rio de Janeiro, p. 1-2, set./2007. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR-C2310.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GARCIA, M. S. O.; CABEZA, I. G.; FERNANDEZ, L. M. *Burnout* em profissionais de salud mental. *Anales de Psiquiatria*, n. 14, 1998.

GAZZOTTI, A. A., & VASQUES-MENEZES, I. Suporte afetivo e o sofrimento psíquico em *burnout*. In: CODO, W. (Org.). *Educação: Carinho e trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GESUELI, Fábio Gonzaga. *Um cristianismo por Michel Foucault*: pastorado cristão e vida monástica a partir de uma leitura das práticas de governo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP, 2020.

GONDIM, Felipe Mancilha; LYRA, Fabiano Andrade; GONDIM, Luiz Carlos Lisboa. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de líderes religiosos: um estudo com pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v. 3, n. 1, 2016.

GUERRA, Lemuel. A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião. *Religião & Sociedade*, v. 22, n. 2, p. 135-166, 2002. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9835/1/arquivo9371\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9835/1/arquivo9371_1.pdf). Acesso em: 21 jan. 2020.

GUIA DA CARREIRA. *Conheça as 10 profissões mais estressantes no mundo*. 2019. Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/profissao/profissoes-estressantes/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; VIAN, Ludinei Marcos. O lugar social do presbítero no Brasil. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 19-48, mar. 2007. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1772/1305>. Acesso em: 23 nov. 2020.

HADJADJO, Fabrice. *O paraíso à porta*: ensaio sobre uma alegria que desconcerta. São Paulo: É Realizações, 2015.

HELOANI, R. *Gestão e organização no capitalismo globalizado*: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo: Atlas, 2003.

HERRERA, H. L. Incidencia Del Síndrome de Burnout em Sacerdotes Católicos Latinoamericano y su Relación com la inteligencia emocional. Universidad de Salamanca, 2009.

HOC, J. M. La gestion de situation dynamique. In: FALZON, P. (Org.). *Ergonomie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, p. 97-116, 2003.

JASPARD, Jean-Marie. Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé. *Psicologia-USP*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 191-212, 2004.

JOÃO PAULO II, Exort. ap. post-sinodal Pastores dabovobis, p. 61-63. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031992\\_pastores-dabo-vobis.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.pdf) . Acesso em: 26 out. 2020.

JOSÉ, Alexandre Botelho. O ministério eclesiástico e o sofrimento intrapsíquico (re)velado desse trabalho. *UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 4, n. 2, p. 2-28, 2016.

KIM, M. *Criando hábitos saudáveis: dicas para prevenir-se do esgotamento e desfrutar de saúde e bem-estar*. *Mistério*, Tatuí, ano 89, n. 53, p. 17-19, mai.-jun. 2017.

LACAZ, F. A. C. O campo da saúde do trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 757-766, 2007.

LANCMAN, S., SZNELWAR, L. I. *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Fiocruz, 2004.

LAVANCHICHA, Glayce Rejane Felipe da Silva. A clínica psicodinâmica do trabalho: teoria e método. *Khóra, Revista Transdisciplinar*, v. 2, n. 2, mai. 2015.

LAZARUS. R. S.; FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer, 1986.

LOPES, Ademil Lucio. Globalização, Governança e novos atores. *ReBraM*, v. 11, n. 2, 2015.

LOPES, H. *De pastor a pastor*. 4. ed. São Paulo: Hagnos, 2010.

LOTUFO NETO, F. Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. São Paulo, 1997. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Departamento de Psiquiatria, Disciplina de Psiquiatria, São Paulo, 1997.

MACÊDO, K. B.; FLEURY, A. R. D. O mal-estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica. *Revista Amazônica*, Amazonas, ano 5, v. 9, n. 2, 2012.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes. Sofrimento psíquico nas relações de trabalho. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 7, n. 1, p. 79-85, jan.-jun. 2006, p. 82-84. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n1/v7n1a10.pdf> . Acesso em: 7 out. 2019.

MARTINS, Júlia Trevisan Martins; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz; BOBROFF, Maria Cristina Cescatto. Prazer e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem: reflexão à luz da psicodinâmica dejouriana. *RevEscEnfermUSP*, v. 44, n. 4, p. 1107-1111, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n4/36.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995a.

MENDES, Ana Magnolia. Cultura organizacional e prazer-sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica. In: TAMAYO, Alvaro *et al.* *Cultura e saúde nas organizações*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. M. (Org.) *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007a.

MENDES, Ana Magnólia. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b.

MENDES, A. M. Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In: A. M. Mendes (Ed.), *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017 p. 49-87.

MENDES, A. M.; LIMA, S. C. C.; FACAS, P. E. Diálogos em psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo, 2007.

MENDES, René. *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995, p.15b.

MENDES, R. Produção científica brasileira sobre saúde e trabalho, publicada na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, 1950-2002. *Rev. Bras. Med. Trabalho*, v. 1, n. 2, p. 87-118, 2003.

MERLO, A. R. C., e MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MEZERVILLE, Helena L. *O desgaste na vida sacerdotal: prevenir e superar a Síndrome de Burnout*. São Paulo: Paulus, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Doenças relacionadas com o trabalho: diagnósticos e condutas – *Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2002.

MORAIS, Maria de Fátima Alves de. Stress, Burnout, coping em padres responsáveis pela formação de seminaristas católicos. Tese de doutoramento em Ciências da Religião. PUC-SP, São Paulo, 2008, p.22. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/2079/1/Maria%20de%20Fatima%20Alves%20de%20Morais.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.



MOURA, Rosiane Valério de. Estratégias defensivas na psicodinâmica do trabalho: um estudo entre servidores de uma universidade pública. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/30449/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Rosiane%20Val%C3%A9rio%20de%20Moura.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MUNHOZ, Juliana Neri. Religião e psicologia no azul da Congregação da Imaculada Conceição de Castres. *Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 18, p. 44-59, mar. 2020. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/7138/4358>. Acesso em: 21 mai. 2020.

NAKANO, Erika Feltrin Marques. Burnout, Discurso do sujeito coletivo e aspectos psicossociais em Pastoras e Pastores. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NAKANO, Érika Feltrin Marques. Burnout, representação social e discurso do sujeito coletivo em pastoras e pastores. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-24072017-180511/publico/nakano\\_corrige.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-24072017-180511/publico/nakano_corrige.pdf). Acesso em: 21 jan. 2020.

NASTRINI, M.; STEGER W. *Burnout* pastoral. *Mistério*, Tatuí, SP, Ano 89, n. 531, p. 7, mai.-jun. 2017.

NEVILLE, Robert Cummings. *A Condição Humana: um tema para religiões comparadas* SP: Paulus, 2005.

NUNES, Rafael Zaneripe de Souza; SOUZA, Rosimeri Vieira da Cruz de; CASTRO, Amanda. Fatores associados à depressão em líderes religiosos de uma denominação pentecostal. *Rev. Mult. Psic.* v. 12, n. 42, p. 367-382, 2018. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/1329/1921>. Acesso em: 20 ago. 2019.

OLIVEIRA, M. P. Eles também sofreram. *Mistério*, Tatuí, SP, Ano 89, n. 531, p. 10-11, maio/jun. 2017.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. Cuidando de quem cuida: propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileira. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2004.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

OPAS/OMS no Brasil. Depressão. *Folha informativa atualizada em março de 2018*. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095). Acesso em: abril 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, décima revisão (CID 10)*. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PAGANI, C. L. *Guia para ministros adventistas do sétimo dia: preparado pela Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*. 6. ed. Tatuí: CPB, 2010.



PAULO II, João. Carta Apostólica Salvifici Doloris. *Vatino*, 1984. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11\\_021984\\_salvifici-doloris.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11_021984_salvifici-doloris.html). Acesso em: 15 fev. 2020.

PAULO II, Papa João. *Carta Encíclica Laborem Exercens*. Libreria Editrice Vaticana, 1981. p. 1-5. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091981\\_laborem-exercens.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.pdf). Acesso em: 11 nov. 2019.

PEIXOTO, Maria José; BORGES, Elizabete. O sofrimento no contexto da doença. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Porto, n. 6, p. 36-39, dez. 2011.

PEREIRA, W. C. C. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2012.

PIMENTA, Alessandra Giuliani. *Sofrimento psíquico e Síndrome de Burnout: um estudo com professores do PPGE/CE/UFMS*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

PINHEIRO, C. R.; LIPP, M. E. N. Stress ocupacional e qualidade de vida em clérigos(as). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 126-141, jun. 2009.

PINHEIRO, Cesar Roberto. Stress ocupacional e qualidade de vida em clérigos (as). Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008.

PRADO, Claudia Eliza Papa. Estresse ocupacional: causas e conseqüências. *RevBrasMed Trab.* v. 14, n. 3, p. 285-289, 2016.

RAPPELLINO, Paolo. Quali e quante são Le Chiese Cristiane? Uma grande famiglia. *Rivista Famiglia Cristiane*, Città di Roma, 2018. Disponível em: <https://www.famigliacristiana.it/articolo/il-viaggio-di-francesco2---la-grande-famiglia-delle-chiese-cristiane.aspx>. Acesso em: 13 abr. 2020

SÁ, Adriana Müller Saleme de; MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira; FUNCHAL, Bruno. Burnout: o impacto da satisfação no trabalho em profissionais de enfermagem. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 664-674, dez. 2014.

SAMPAIO, P. H. F. O comportamento religioso: análise da religião e da religiosidade sob uma perspectiva behaviorista radical. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016.

SANTA ANA, Julio de. Modelos Bíblicos de Pastoral. *Tempo e Presença - Suplemento*, 185, 1983.

SANTA SÉ. Código de Direito Canônico. *Editorial Apostolado de Oração*. 4. ed. Braga, Lisboa, 1983.

SANTOS, Francisco de Assis Souza dos. COUNSELOR OF COUNSELOR - PREPARED TO LISTEN TO COUNSEL. 2021

SANTOS, Edemilson Pichek dos; MARTINS, Edna Thais Jeremias; FERREIRA, Gímerson Erick. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo de métodos mistos com sacerdotes do Rio Grande do Sul. *Universo Acadêmico*, Taquara, v. 11, n. 1, p. 254, jan.-dez. 2018.

SANTOS, Osmar Oliveira Alves *et al.* Psicodinâmica do Trabalho e atividade pastoral. *Trabalho (En) Cena*, v. 3, p. 115-138, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/6017/14484>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SASMITO, E.; LOPEZ, G. D. Compassionate Love among Catholic Priests: its Antecedents and its Influence on Affect toward Pastoral Ministry in Indonesia. *Pastoral Psychol*, v. 69, p. 47-67, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11089-019-00888-z>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SATHLER – ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea*. São Paulo: Aste, 2004.

SEBASTIÃO, L. A Pedagogia da Dor e do Sofrimento. 1995. *Cadernos de Bioética*, Coimbra, v. 9, p. 41-46, 1995.

SILVA, J. O burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção. *Kerygma*, v. 5, n. 1, p. 105-106, mar. 2009.

SILVA, R. R. *Profissão pastor: prazer e sofrimento. Uma análise Psicodinâmica do Trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

SILVA, Ricardo Ferreira da. Burnout e suas ressonâncias em ministros religiosos: parâmetros para prevenção. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

SILVA, Rogério Rodrigues da; HOLANDA, Adriano Furtado. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 375-383, jul.-set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a06v25n3.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.

SOUZA, André Ricardo. O pluralismo Cristão Brasileiro. *Caminhos*. Goiânia, v. 10, n. 1, p. 129-141, p. 129-137, jan.-jun./2012.

SPINK, Peter. K. A organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, v. 8, n. 1, p. 174-192, 1996.

SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos*. São Paulo: PES, v. 3, 1990.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo Ferreira. O catolicismo e a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*. Porto Alegre. v. 14, n. 24, jul.-dez. 2013.

TEJO, J. D. Haciaun. Perfil de responsabilidades de um pároco. *Revista de Ciências Religiosas*, v. 20, n. 2, p. 75-79, 2011.

TITTONI, J. Saúde mental. In: CATTANI, A.D. (Org.). *Trabalho e Tecnologia – Dicionário Crítico*. 4. ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

TOSATTI, Marco. *Padres no divã: a culpa é do estresse*. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/507490-padres-no-diva-a-culpa-e-do-estresse>. Acesso em: 22 nov. 2019.

USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALDIVIESO, G. Reflexión sobre La Parroquia y el rol Del Párroco a partir de los estudios realizados. 2012. Disponível em: <http://www.cisoc.cl/index.php/estudios-y-reflexiones/estudiospastorales/2-estudios-pastorales/146-reflexion-sobre-la-parroquia-y-el-rol-del-parroco.html>. Acesso em: 29 dez. 2018.

VALLE, Edênio. *A Psicologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALLE, J. E. R. Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. In: M.M. AmatuZZi (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, p.93.

VERGELY, Bertrand. *O Sofrimento*. São Paulo: EDUSC, 2000.

